

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- DCH-III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS- PPGESA**

LORENA SANTIAGO SIMAS

**FOTOGRAFIA E EDUCAÇÃO: OUTROS OLHARES SOBRE A
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE**

**JUAZEIRO- BA
2018**



LORENA SANTIAGO SIMAS

**FOTOGRAFIA E EDUCAÇÃO: OUTROS OLHARES SOBRE A REPRESENTAÇÃO
SOCIAL DO SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE**

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Campus III como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de pesquisa: Letramento e Comunicação Intercultural.

Orientadora: Carla Conceição da Silva Paiva.

**JUAZEIRO- BA
2018**

Simas, Lorena Santiago

S588f Fotografia e educação: outros olhares sobre a representação social do semiárido juazeirense. /

Lorena Santiago Simas. -- Juazeiro, 2017.
190 f. il.

Orientadora: Carla Conceição da Silva Paiva
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas,
PPGESA. Campus III, 2017.

Bibliografia

1. Fotografia 2. Educação 3. Semiárido 4. Leitura de imagens I. Paiva, Carla Conceição da Silva
II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas

CDD 770

LORENA SANTIAGO SIMAS

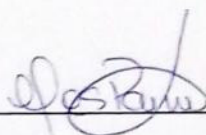
FOTOGRAFIA E EDUCAÇÃO: DIFERENTES OLHARES SOBRE A
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação– *Stricto Sensu* – Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

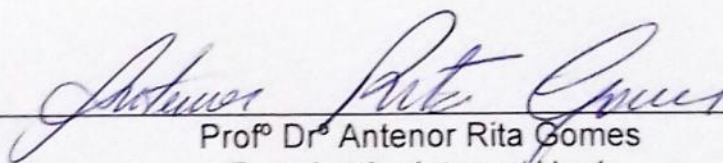
Linha de Pesquisa: Letramento e Comunicação Intercultural.

Aprovada em 23 / 02 / 18

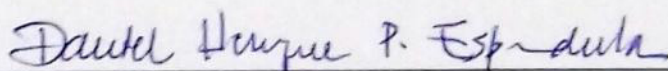
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Carla Conceição da Silva Paiva
Orientadora/ Uneb



Prof.^o Dr.^o Antenor Rita Gomes
Examinador interno/ Uneb



Prof.^o Dr.^o Daniel Henrique Pereira Espíndula
Examinador externo/ Univasf

Dedico aos meus pais e ao meu marido que compartilharam
comigo as dores e alegrias deste trajeto.

E aqueles que amam a fotografia e encontram nela a
possibilidade de construir uma educação significativa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, e por ter guiado e iluminado o caminho que trilhei para chegar até este momento tão importante e especial em minha vida.

Aos meus amados pais Rita Santiago e Antonio Simas, por todos os valores que me ensinaram; pelo incentivo a educação, sabendo o quão fundamental ela é na formação do cidadão; pelos esforços feitos para que eu viesse morar em Juazeiro para cursar e viver a tão sonhada universidade; e pelo carinho e amor a mim dedicados.

A meu marido Joatan Araujo, por acreditar na minha capacidade, quando eu mesma não acreditava, e me encorajar a adentrar e descobrir esse novo universo; por entender os meus momentos de loucuras; e pelo amor de todos os dias.

A minha orientadora Carla Paiva, pelo olhar atento e cuidadoso; pela atenção e paciência; pelas rígidas correções que muitas vezes me arrasaram, mas foram essenciais para me mostrar o quanto eu tinha e tenho que aprender. Sou muito grata pelos seus ensinamentos.

A diretora do Colégio Estadual Hildete Lomanto, que acolheu prontamente o meu projeto de pesquisa.

Aos estudantes que participaram da oficina “Aprendendo a Olhar”, France Carla, Henrique Sanders, João Gabriel, João Vitor, Kathleen Teles, Marília Cardoso, Stephanie Batista e Tércio Ricardo, que com suas personalidades diversas tornaram a experiência ímpar e especial.

A todos os professores do PPGESA, que de alguma forma colaboraram para a construção deste estudo, em especial a Edmerson Reis e Luzineide Carvalho, pessoas e profissionais maravilhosos que me ensinaram muito nesta caminhada.

Aos colegas do mestrado David Souza, Eveli Ramos e Paulo Pedroza, pelas conversas, parcerias, resenhas, desabafos, trocas e sorrisos, que deixaram o trajeto um pouco mais leve.

Aos professores Antenor Gomes e Daniel Espindula, por aceitarem participar da minha banca de qualificação e mestrado; pelas ricas observações e sugestões que contribuíram de forma significativa com este estudo.

A professora Márcia Guena, pelo incentivo, e por me ajudar a esboçar os primeiros caminhos desta investigação.

A Fapesb, pelo patrocínio financeiro que foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

A todos vocês, gratidão e carinho.

Você não fotografa com sua máquina.
Você fotografa com toda a sua cultura.
Sebastião Salgado

RESUMO

O ato fotográfico se tornou comum em vários ambientes, inclusive nas escolas, onde os jovens produzem diversos tipos de registros imagéticos, eternizando os momentos vividos. Contudo, essa proximidade que os estudantes têm com a fotografia ainda não está consolidada nos espaços educacionais. Partindo desse pressuposto, propomos esta investigação sobre as possibilidades do uso da fotografia inserida no ambiente educacional entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), para a construção de outras representações sociais do Semiárido juazeirense, indicando como objetivos específicos: estudar as relações entre a fotografia e a educação, potencializando seu uso no ambiente educacional; problematizar as concepções de representação social dos territórios Semiáridos, destacando as percepções dos estudantes sobre o Semiárido juazeirense; realizar a oficina “Aprendendo a Olhar” com um grupo de jovens do CEHL, fomentando discussões sobre Fotografia, Territórios Semiáridos, Representações Sociais e Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro; e produzir uma exposição fotográfica com outras representações sociais do Semiárido juazeirense, a partir dos olhares dos estudantes do CEHL, como resultado dessas oficinas. Na fundamentação teórica desta pesquisa trabalhamos os conceitos de: Fotografia, nos apropriando das concepções de Bussele (1999), Sontag (2004), Koutsoukos (2010), Kossoy (2014), etc.; Representação social nos embasando, principalmente, em Moscovici (2001, 2015), Jodelet (2001), Gilly (2001) e Bomfim (2012); Educação e Fotografia com base nas contribuições de Hernández (2007), Campanholi (2014), entre outros; Representação do Nordeste a partir das discussões de Albuquerque Júnior (1995, 2011); Território do Semiárido juazeirense na concepção de Barros (2007) e Carvalho (2011, 2012); e Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, apresentando as ideias de Lins (2006), Martins (2006) e Reis (2010, 2011). Considerando o caráter qualitativo desta pesquisa, nos ancoramos na pesquisa aplicada, que possibilitou a aplicação de dois questionários com questões abertas e fechadas; a realização de uma oficina, com jornadas fotográficas; e a produção e leitura de outras imagens sobre o Semiárido juazeirense como principais instrumentos metodológicos. Além da construção de outras representações desse território, difundida pela organização de uma exposição fotográfica, foi possível também ativar o olhar sensível e o senso crítico dos participantes, que se sentiram empoderados e capazes de gerar conhecimento, mudando seus comportamentos no ambiente escolar, pois encontraram nesta experiência, um espaço de liberdade, que lhes permitia expressar suas opiniões e ideias, sendo tratados de igual para igual, sem nenhum tipo de hierarquia.

Palavras-chave: Fotografia. Representação Social. Territórios Semiáridos. Educação Contextualizada. Leitura de Imagens.

RESUMEN

El acto fotográfico se ha vuelto común en varios ambientes, incluso en las escuelas, donde los jóvenes producen diversos tipos de registros imaginarios, eternizando los momentos vividos. Sin embargo, esa cercanía que los estudiantes tienen con la fotografía todavía no está consolidada en los espacios educativos. A partir de ese presupuesto, proponemos esta investigación sobre las posibilidades del uso de la fotografía insertada en el ambiente educativo entre los estudiantes de enseñanza media del Colegio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), para la construcción de otras representaciones sociales del Semiárido juazeirense, indicando como objetivos específicos: estudiar las relaciones entre la fotografía y la educación, potenciando su uso en el ambiente educativo; problematizar las concepciones de representación social de los territorios Semiáridos, destacando las percepciones de los estudiantes sobre el Semiárido juazeirense; que se celebrará en el taller "Aprendiendo a mirar" con un grupo de jóvenes del CEHL, fomentando discusiones sobre Fotografía, Territorios Semiáridos, Representaciones Sociales y Educación Contextualizada para la Convivencia con el Semiárido Brasileño; y producir una exposición fotográfica con otras representaciones sociales del Semiárido juazeirense, a partir de las miradas de los estudiantes del CEHL, como resultado de esos talleres. En la fundamentación teórica de esta investigación trabajamos los conceptos de: Fotografía, nos apropiando de las concepciones de Bussele (1999), Sontag (2004), Koutsoukos (2010), Kossoy (2014), etc .; La Representación social se basaba principalmente en Moscovici (2001, 2015), Jodelet (2001), Gilly (2001) y Bomfim (2012); Educación y Fotografía con base en las contribuciones de Hernández (2007), Campanholi (2014), entre otros; Representación del Nordeste a partir de las discusiones de Albuquerque Júnior (1995, 2011); (2006), Território do Semiárido juazeirense en las concepciones de Barros (2007) y Carvalho (2011, 2012); y Educación Contextualizada para la Convivencia con el Semiárido Brasileño, apresentando las ideas de Lins (2006), Martins (2006) y Reis (2010, 2011). Considerando el carácter cualitativo de esta investigación, nos anclamos en la investigación aplicada, que posibilitó la aplicación de dos cuestionarios con cuestiones abiertas y cerradas; la realización de un taller, con jornadas fotográficas; y la producción y lectura de otras imágenes sobre el Semiárido juazeirense como principales instrumentos metodológicos. Además de la construcción de otras representaciones de ese territorio, difundida por la organización de una exposición fotográfica, fue posible también activar la mirada sensible y el sentido crítico de los participantes, que se sintieron empoderados y capaces de generar conocimiento, cambiando sus comportamientos en el ambiente escolar, en esta experiencia, un espacio de libertad, que les permitía expresar sus opiniones e ideas, siendo tratados de igual a igual, sin ningún tipo de jerarquía.

Palabras clave: Fotografía. Representación Social. Territorios semiáridos. Educación Contextualizada. Lectura de imágenes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Fotografia de Kevin Carter, no Sudão	17
Figura 02: Primeira fotografia feita por Niepce	20
Figura 03: Primeiro anúncio de câmera da Kodak	23
Figura 04: Brownie, da Kodak	24
Figura 05: Enquadramento	70
Figura 06: Imagens do “Semiárido”.....	101
Figura 07: Angari, Juazeiro	101
Figura 08: Chão rachado	103
Figura 09: Orla de Petrolina	104
Figura 10: Imagens ilustrativas sobre o Sertão Nordestino	106
Figura 11: Praia em Tibaú do Sul (RN, 2012)	107
Figura 12: Área rural de Santa Terezinha, no Sertão pernambucano (PE, 2012)	107
Figura 13: Imagem extraída do vídeo “Coisas do Sertão: educação contextualizada”	109
Figura 14: A pedra	113
Figura 15: Tronco e cimento	115
Figura 16: Aqui também é Semiárido	116
Figura 17: Exposição no CEHL	119
Figura 18: Fim de tarde na Ponte Presidente Eurico Gaspar Dutra	120
Figura 19: Exposição na Uneb	122
Figura 20: Sem título	126
Figura 21: Sem título	127
Figura 22: Sem título	128

Figura 23: Sem título	129
Figura 24: Sem título	130
Figura 25: Sem título	131
Figura 26: Sem título	132
Figura 27: Sem título	133

LISTA DE SIGLAS

Adene	Agência de Desenvolvimento do Nordeste
AEC-TEA	Associação Educativa- Cultural Tarcília Evangelista de Andrade
ANA	Agência Nacional de Águas
ASA	Articulação no Semiárido Brasileiro
BA	Bahia
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
Caged	Cadastro Geral de Empregos e Desempregados
CEHL	Colégio Estadual Hildete Lomanto
Chesf	Companhia Hidro Elétrica do São Francisco
Condel	Conselho Deliberativo
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DCH	Departamento de Ciências Humanas
DSLR	Digital Single-Lens Reflex
Ecsab	Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro
EPSJV/Fiocruz	Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fundação Oswaldo Cruz
GTI	Grupo de Trabalho Interministerial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Insa	Instituto Nacional do Semiárido
Irpaa	Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada

JFVSF	Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco
MOC	Movimento de Organização Comunitária
TEM	Ministério do Trabalho e Emprego
PAC	Programa Aceleração do Crescimento
PAM	Produção Agrícola Municipal
PDE	Programa de Desenvolvimento Educacional
PE	Pernambuco
PT	Partido dos Trabalhadores
Resab	Rede de Educação do Semiárido Brasileiro
RS	Representação Social
SAB	Semiárido Brasileiro
SLR	Single-Lens Reflex
Sudene	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UATI	Universidade Aberta da Terceira Idade
Uneb	Universidade do Estado da Bahia
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância
Univasf	Universidade Federal do Vale do São Francisco
UPE	Universidade de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 CAMINHOS DA PESQUISA	34
2.1 TIPO E PARADIGMAS DA PESQUISA	34
2.2 METODOLOGIAS E TÉCNICAS DE PESQUISA	36
2.3 LÓCUS, SUJEITOS E BENEFÍCIOS DECORRENTES DA PESQUISA	40
2.4 OFICINA “APRENDENDO A OLHAR”	42
3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E FOTOGRAFIA	51
3.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	51
3.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO	57
3.3 EDUCAÇÃO, FOTOGRAFIA E A IMAGEM FOTOGRÁFICA NO AMBIENTE EDUCACIONAL	61
4 TERRITÓRIO DO SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE E A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO	79
4.1 REPRESENTAÇÃO DO TERRITÓRIO SEMIÁRIDO DE JUAZEIRO...	79
4.2 EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO	92
5 O USO DA FOTOGRAFIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL E A CONSTRUÇÃO DE OUTRAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE	100
5.1 A EXPERIÊNCIA DA OFICINA “APRENDENDO A OLHAR” E SUAS PRODUÇÕES	100
5.2 LEITURA DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS	122
5.3 OUTROS OLHARES SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE	134
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	137

7. REFERÊNCIAS	143
APÊNDICES	154
ANEXOS	174

1 INTRODUÇÃO

A imagem fotográfica tem tomado conta de nossas vidas. Ela está presente em todos os âmbitos sociais, independentemente de classe, idade, cor ou gênero. Devido à facilidade em fazer uma fotografia, atualmente, se tornou simples congelar momentos importantes na vida das pessoas, e até mesmo registrar o passo a passo do cotidiano para publicar nas redes sociais, tornando a vida pessoal acessível a todos. Tratar a fotografia enquanto uma mediação entre o homem e suas ações é uma análise bastante recente, com os primeiros estudos datando da década de 70, do século XX, onde filósofos, semioticistas e artistas passaram a estudar essa temática com algumas dificuldades (BARTHES, 1984), já que a imagem tomou conta da sociedade, sendo algo essencial em nossas vidas.

No início, fazer fotos não era tarefa fácil, apenas seus inventores manuseavam a máquina por se tratar de um aparelho grande. Segundo Sontag (2004), com sua industrialização, a câmera tornou-se um aparelho acessível, e a fotografia, um objeto de arte, com intuito de transmitir o fato e registrar momentos da sociedade, ocasiões únicas, que só se armazenam uma vez. Essa autora destaca também que as fotografias estão em todos os lugares, emolduradas na mesa, penduradas na parede, publicadas em revistas, expostas em museus; recortadas, editadas, adaptadas. Novas ou velhas, todas possuem valor, e são vendidas e compradas, porque as fotografias oportunizaram olhar o que nunca foi visto pessoalmente, modificando e ampliando as ideias, e armazenando o mundo na mente.

Flusser (1998) reconhece essa importância da fotografia na sociedade e percebe que, cada vez mais, ela está conquistando espaços e se modificando em decorrência dos avanços tecnológicos. Até 1840, não existiam fotógrafos profissionais e fazer fotos não tinha nenhuma utilidade social, era apenas uma atividade artística, que também preenchia a vaidade de muitos. Porém, com o passar dos anos, ela se tornou fundamental em diversas áreas. Além do âmbito artístico, dominou o comércio, o turismo, a publicidade, os jornais, as redes sociais, entre outros.

Apesar de estar sempre presente na sociedade, existem vários embates em relação à imagem fotográfica, como o ato de não-intervenção, onde o "(...) fotógrafo tem que escolher entre uma foto e uma vida, opta pela foto. A pessoa que interfere

não pode registrar; a pessoa que registra não pode interferir” (SONTAG, 2004, p.22). Trazendo à tona a discussão sobre o quão importante é uma fotografia em relação a uma vida.

Vários casos desse tipo já aconteceram, a exemplo do fotojornalista sul-africano Kevin Carter, um dos integrantes do *Bang Bang Club*, que ganhou o Prêmio *Pulitzer* de Fotografia em 1994, por uma imagem que chocou o mundo e trouxe a tona a seguinte questão: Até que ponto se deve chegar para conseguir uma fotografia? A imagem feita por Carter durante a Guerra Civil no Sudão apresenta uma criança desnutrida, esquelética a beira da morte e um abutre a espreita, esperando o momento certo para atacar.

Figura 01: Fotografia de Kevin Carter, no Sudão.



Fonte: <http://www.jn.pt/media/interior/crianca-sobreviveu-ao-abutre-fotografo-sucumbiu-a-dor-1789058.html>

Embora tenha ganhado o maior prêmio do ramo fotográfico, esse foi o alto e baixo da carreira de Carter, pois em vários momentos, muitos o questionaram e criticaram sobre ele não ter largado a câmera e socorrido à criança. A pressão sofrida pelo fotojornalista foi tão grande, que meses depois de ganhar o *Pulitzer*, ele se suicidou.

Além da ação de não-intervenção, outra questão ética que rodeia a fotografia é a sua veracidade, já que com os avanços tecnológicos, é cada vez mais fácil manusear uma imagem. Sem contar que, de acordo com Flusser (1998), o fotógrafo ao criar os símbolos, manipula-os. Portanto, desde o momento que o fotógrafo faz o

enquadramento, decidindo o que irá compor a fotografia - selecionando determinados elementos, e excluindo outros -, já existe um tipo de controle da imagem. Por isso, a fotografia carrega os mitos do fotógrafo e, esse, dota aquela de funções como informar, representar, surpreender, fazer significar.

A fotografia pode, em muitos casos, ser considerada a prova de que algo aconteceu, não é lembrança, nem imaginação, mas o real no estado passado. É a mistura da realidade (isso foi) e da verdade (isso é). Kossoy (2014, p. 116) salienta ainda que “A informação visual do fato representado na imagem fotográfica nunca é posta em dúvida. Sua fidedignidade é, em geral, aceita *a priori*, e isso decorre do privilegiado grau de credibilidade de que a fotografia sempre foi merecedora desde seu advento”.

Apesar da fotografia ser considerada um documento verdade por muitos teóricos, existe alguns pontos que necessitam ser observados com cuidado e criticidade, pois além da manipulação e do enquadramento selecionados pelo fotógrafo, o assunto/referente/tema escolhido (KOSSOY, 2014), também é influenciado, a partir do momento em que vê a lente da câmera apontada para si, pois muda de postura, se arruma, desejando mostrar na imagem aquele que gostaria de ser. Para que uma fotografia seja feita, ainda de acordo com esse autor, são necessários três elementos constitutivos: o assunto- tema escolhido, o referente, fragmento do mundo exterior; o fotógrafo ou filtro cultural- autor do registro, agente e personagem do processo; e a tecnologia- materiais fotossensíveis, equipamentos e técnicas empregados para a obtenção do registro, diretamente pela ação da luz. E três coordenadas de situação: espaço geográfico- local onde se deu o registro; tempo- cronológico, época, data, momento em que aconteceu a captura; e o produto final, ou seja, a fotografia- registro visual fixo de um fragmento do mundo exterior, conjunto dos elementos icônicos que compõem o conteúdo.

Como aponta Barthes (1984 p. 18-19) “[...] diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exhibir sua arte”. Mais uma vez, mostramos a pluralidade da fotografia, pois cada observador terá uma avaliação sobre a mesma imagem, porém como expõe Kossoy (2014, p. 127)

Por mais isenta que seja à interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre conforme a interpretação primeira do fotógrafo que optou por um aspecto determinado, o qual foi objeto de

manipulação desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento, até a obtenção da imagem final.

Apesar dessa afirmação de Kossoy (2012), a interpretação da imagem fotográfica vai depender também da carga cultural que o observador/ leitor da imagem carrega, pois todos podem fazer uma fotografia com a praticidade de apertar um botão, porém, nem todos conseguem decifrar uma imagem fotográfica, pois implica entre outras coisas, como a decodificação de condições culturais do fotógrafo que, na maioria das vezes, não estará ao lado do observador esclarecendo as dúvidas. Por exemplo, se o leitor da imagem não conhece e nunca ouviu falar do potencial produtivo das vinícolas do Vale do São Francisco, localizado no Semiárido nordestino, pouco lhe dirá a imagem de um parreiral, com um cesto contendo garrafas de vinhos produzidos na região. Pois, as imagens nada ou pouco informam àqueles que nada sabem sobre o seu contexto de criação.

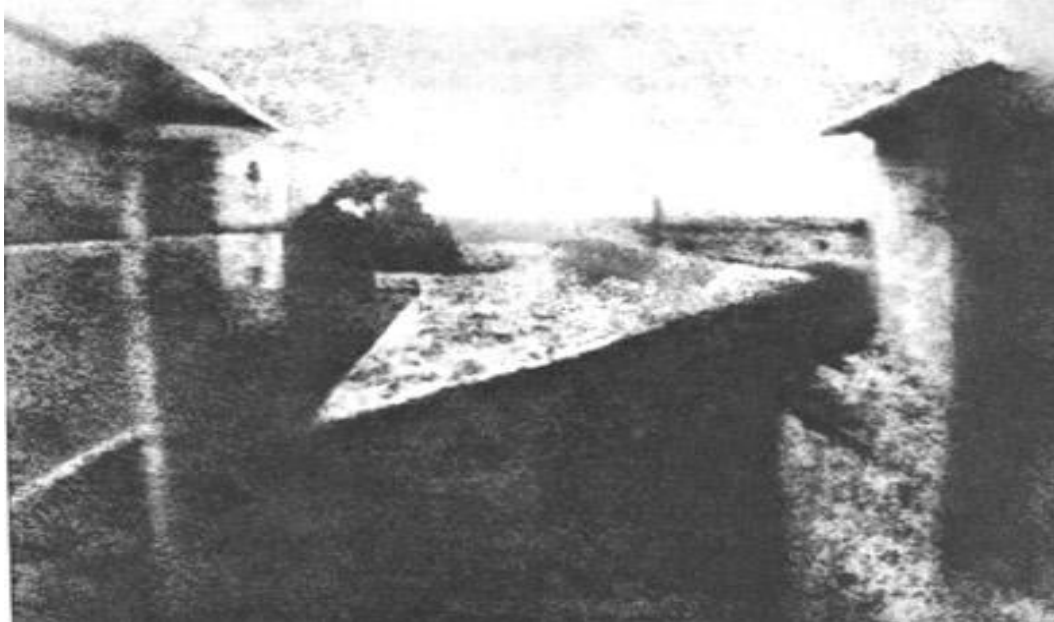
As fotografias são onipresentes, elas abrem, ao observador, visões do mundo, permitem que se vejam as cenas inacessíveis e preserva as passageiras. Nem todo mundo que sabe fotografar entende sobre fotografia, consegue decifrá-las. Fotografar pode converter-se em uma mania, assim, o homem desprovido de aparelho não consegue mais olhar, sente-se cego (FLUSSER, 1998). Rouillé (2009) afirma que a fotografia com o passar do tempo, começou a tratar de temáticas que informasse, formasse e educasse a população, se tornando um vício entre muitas pessoas, que acabam deixando de viver o momento para registrá-lo por meio da imagem fotográfica. Essa linguagem visual conquista a todos, principalmente, os jovens, que estão cada dia mais antenados nos avanços tecnológicos.

O universo fotográfico, por conseguinte, é vasto e possibilita a utilização da fotografia em variadas áreas e para diversos fins. Ela auxilia, por exemplo, a enxergar o mundo com outros olhos, uma vez que, a partir do momento que olhamos através da objetiva, um novo universo nos é apresentado, pois é preciso nos distanciar um pouco do que nos é comum, para, dessa forma, prestarmos atenção às imagens nunca observadas antes, mas que estavam ali o tempo todo (SONTAG, 2004).

Existem algumas versões sobre o surgimento da fotografia, e dados desconhecidos, pois percebemos em algumas leituras sobre o assunto a divergência em relação à data da produção da primeira fotografia, e também de seu criador. De acordo com Bussele (1999), a primeira pessoa a fazer uma fotografia, ou

seja, uma imagem inalterável foi o francês Joseph Nicéphore Niepce, em 1826, ao registrar a vista da janela do sótão de sua casa em Saint-Loup-de-Varenes, na França, é a imagem mais antiga a ser preservada no mundo.

Figura 02: Primeira fotografia feita por Niepce.



Fonte: <http://fotografiatotal.com/as-primeiras-fotografias-da-historia>

Niepce (1826) era dedicado à produção de aparelhos técnicos e interessou-se pela produção de imagens a partir de 1816, fazendo várias experiências e tentativas, utilizando uma câmara escura e betume da Judéia- sensível à luz, além de uma grande mistura de óleos para fixar a imagem no vidro. Com a utilização desses materiais, era necessária uma exposição de oito horas para que a imagem fosse fixada, o que tornava o processo árduo, já que os elementos que iriam compor a fotografia deveriam ficar imóveis, pois qualquer movimento se transformaria em uma mancha, sendo, portanto, inadequado para as reproduções comuns. Como aponta Koutsoukos (2010, p. 28), “Se o modelo quisesse parecer “vivo” na foto, e não um borrão fantasmagórico, ele tinha que ficar absolutamente parado, imóvel, como morto. Como morto, para parecer vivo”.

Assim como Koutsoukos (2010), Barthes (1984, p. 22) relembra que, ao posar, o modelo deveria se tornar um objeto imóvel, e considera esse momento como uma “microexperiência da morte”, pois

(...) a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a 'posar', fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. Essa transformação é ativa: sinto que a Fotografia cria meu corpo ou o mortifica, a seu bel-prazer...

Por volta de 1830, Niepce se tornou sócio de Louis- Jacques Mandé Daguerre que também pesquisava a fixação das imagens através das emulsões com sais de prata. Em 1837, Daguerre padroniza o processo, "(...) usando chapas de cobre sensibilizadas com prata e tratadas com vapores de iodo, depois expondo a ação do mercúrio aquecido, e em seguida submergindo na solução aquecida de sal de cozinha" (BUSSELE, 1999, p. 30), criando assim o daguerreótipo, que apesar da má qualidade, imagem invertida, pouco contraste e tempo de exposição entre 15 e 30 minutos, teve uma grande repercussão na época, sendo vendido para o governo francês em troca de uma pensão vitalícia para o inventor. Até então, o daguerreótipo só produzia imagens em preto e branco, o que animava os pintores, pois muitos acreditavam que o advento da fotografia, se transformaria na morte da pintura. Porém, em 1842, o inglês Richard Beard criou um artifício para aplicar cores ao daguerreótipo, utilizando pigmentos em pó (KOUTSOUKOS, 2010).

Além de Niepce e Daguerre, outros inventores também estudavam o processo de fixação de imagens, entre esses, destacamos o húngaro Josef Petzval que, em 1830, desenvolveu uma lente dupla acromática, que era 30 vezes mais rápida do que a lente comumente utilizada, conseguindo que os tempos de exposição fossem reduzidos. E, o inglês Willian Henry Fox Talbot que inventou, em 1836, a técnica de contato, onde

(...) a imagem negativa era posta sobre um papel sensibilizado e através de um "sanduíche" de vidro em um chassi de madeira era exposto à luz do sol, obtendo o resultado da imagem positiva, para os ingleses o processo negativo/positivo de Talbot foi a base da Fotografia moderna (CAMPANHOLI, 2014, p. 3).

Talbot chamou seu processo de Calótipo, e chegou a contratar uma equipe para produzir e comercializar cópias de paisagens em toda a Inglaterra. Também foi o primeiro a publicar um livro de fotografias, em 1844, intitulado "*The Pencil of Nature*", onde explicava detalhadamente seu trabalho e apresentava padrões de qualidade para a imagem. As contribuições de Talbot foram restritas, porém duradouras, permitindo que amadores e cientistas usassem seu processo.

Em 1851, Frederick Scott Archer superou o método de Talbot com o colódio úmido, possibilitando a obtenção de cópias das fotografias. O processo consistia em espalhar o colódio - uma mistura de algodão, pólvora, álcool, éter, iodeto de potássio e nitrato de prata em uma chapa de vidro, criando assim, o ambrótipo (BUSSELE, 1999). Esse processo foi considerado a morte do daguerreótipo. Apesar das revoluções ocasionadas pelo colódio, nesse tempo, o fotógrafo tinha que andar com um quarto escuro, pois as chapas tinham que ser feitas minutos antes de serem expostas, para estarem úmidas e a revelação deveria ser realizada antes das chapas secarem.

Além do daguerreótipo e do ambrótipo, foi desenvolvido o ferrótipo, criação do norte-americano Hamilton Smith, em 1856. Koutsoukos (2010, p. 31) expõe que

O ferrótipo consistia numa imagem produzida pelo processo de colódio úmido sobre uma fina plaqueta de ferro esmaltada com laca preta ou marrom (...) Já que sua base era uma plaqueta de ferro, o ferrótipo foi bastante usado para ser enviado a amigos e parentes distantes, dentro de cartas.

Por ter um custo baixo, possibilitando os mais pobres a utilizarem a técnica, o ferrótipo foi considerado “vulgar” pelos mais abastados. Em meados da década de 1870, a chapa úmida tornou-se arcaica e o inglês Richard Laech Maddox criou “(...) a primeira chapa manipulável, usando gelatina para manter o brometo de prata no lugar” (BUSSELE, 1999, p. 32). Esse material possibilitou o registro de cenas em movimento e, por volta de 1877, as placas de alta sensibilidade já se encontravam no mercado, prontas para serem usadas.

O rápido avanço da técnica fotográfica, com a diminuição do tempo de exposição dos modelos e da baixa dos valores das imagens possibilitou que pessoas dos grupos sociais mais baixos tivessem condições de fazer a sua autorretratação, da forma como queriam ser vistas e lembradas. Koutsoukos (2010) declara que esse momento pode ser considerado como a democratização da autoimagem.

Nessa trajetória de desenvolvimento, aperfeiçoamento e popularização da fotografia, o estadunidense George Eastman teve papel muito importante. Em 1877, Eastman comprou um equipamento fotográfico e começou a ter aulas com um profissional em sua cidade, fotografando até então para a sua satisfação pessoal. Depois de muito estudo e afeição pela prática fotográfica, por volta de 1880, esse

homem começou a se dedicar a produção de novos produtos para simplificar a fotografia. Já, em 1885, o norte-americano anunciou “(...) a introdução de uma nova película sensível que substituiria de forma econômica e conveniente as placas de vidro” (CAMPANHOLI, 2014, p. 3). Apesar de suas inovações, Eastman não conseguiu atingir o público profissional da fotografia, então decidiu focar sua produção para o público em geral, criando, em 1886, a câmera Kodak. De acordo com Bussele (1999, p. 36)

Tratava-se de uma câmera pequena (9,2 x 7,9 x 16,5 centímetros); o chassi completo encerrava um rolo de filme com 6,35 centímetros de largura, com o qual se obtinham cem exposições circulares. O obturador cilíndrico era armado por cordão e disparado por meio de um botão; o filme era transportado quando se girava um pino e a máquina tinha apenas uma velocidade (1/25 segundo), uma abertura e uma objetiva retilínea de foco fixo.

O seu uso dispensava estudos, laboratórios e produtos químicos, transformando em “fotógrafos”, as pessoas que só queriam fazer fotos para registrar momentos em família, mas não tinham nenhum conhecimento da técnica, porque até aquele momento, como mostra Koutsoukos (2010, p. 32), “O fotógrafo tinha que entender um pouco de química, de ótica, de mecânica e, se possível, ter capacidade de invenção para que pudesse contribuir no progresso da técnica fotográfica”. Dessa forma, Eastman criou o slogan “Você aperta o botão, nós fazemos o resto”, evidenciando a simplicidade e facilidade para fazer uma fotografia a partir de então.

Figura 03: Primeiro anúncio de câmera da Kodak



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/fotografia-e-design/60982-175-anos-fotografia-conheca-historia-dessa-forma-arte.htm>

Por volta de 1890, já existiam no mercado cinco modelos de câmeras, dois deles dobráveis. Todas com filmes em rolo, colocados no laboratório. Entre elas, destacou-se a *Brownie*, o modelo mais simples e acessível financeiramente (BUSSELE, 1999).

Figura 04: Brownie, da Kodak.



Fonte: <http://www.brownie-camera.com/47.shtml>

A câmera de Eastman conquistou o mundo inteiro e foi uma das grandes responsáveis pelo desenvolvimento da fotografia. A criação da fotografia digital, na década de 1990, também se deve a empresa Kodak, pois foi um de seus engenheiros, Steve Sasson que teve a ideia de unir aparelhos analógicos e digitais com uma lente de câmera Super 8, para criar a primeira e gigantesca câmera digital, que gravava as imagens em fita cassete, sendo necessário apenas 23 segundos para formar uma imagem em preto e branco (CAMPANHOLI, 2014).

A empresa Kodak pode ser considerada um marco para a evolução da fotografia, pois a partir de seus avanços, novas empresas se aperfeiçoaram, fazendo com que o mercado da fotografia crescesse rapidamente. Segundo Campanholi (2014, p. 4)

Em 1991 a Kodak lançou a primeira câmera fotográfica digital para uso profissional em fotojornalismo, a DCS-100, oito anos depois a Nikon, empresa já conhecida pela fabricação de câmeras fotográficas analógicas, e no ano seguinte a Canon, também conhecida pelas câmeras fotográficas analógicas lançou sua primeira câmera fotográfica digital.

A câmera digital foi a grande revolução da história da fotografia, facilitando o processo e permitindo a visualização da fotografia no momento da captura da imagem, armazenando-as em CD, DVD, HD externo, *pen drive*, computador e celular, possibilitando ainda o envio de fotos para várias pessoas, sem a necessidade de gastar dinheiro com a revelação. Os celulares *smartphones* com câmeras digitais de qualidade também contribuíram para a difusão da imagem fotográfica. Campanholi (2014, p. 4) destaca que a ascensão da fotografia digital fez com que, em 2004, a Kodak anunciasse “(...) o fim da fabricação de câmeras fotográficas analógicas, e no ano de 2012 deixasse de fabricar os filmes fotográficos, abandonando então o ramo”.

Mas, com o “revival” do mercado de discos de vinil, por exemplo, os filmes analógicos também estão voltando a serem produzidos e comercializados. Como apontam Simas, Ramos e Paiva (2017, p. 3) “[...] em janeiro de 2017, a Kodak relançou um filme clássico *Ektachrome*, que apresenta extrema nitidez, cores limpas, tons e contrastes”, atraindo os entusiastas do ramo, que vão desde o público mais experiente, que já usou muito esse material, até os mais jovens, que se encantam com o processo de produção e revelação do filme analógico, bem diferente da praticidade da fotografia digital, a qual estão acostumados (IPHOTO CHANNEL, 2017).

Destacamos que, além da evolução significativamente importante para a sociedade, a fotografia também contribuiu para a invenção do cinema, pois foi a partir de uma sequência de fotos em movimento que se percebeu a possibilidade de criar filmes cinematográficos, desenvolvendo, dessa forma, mais um meio de comunicação visual que se espalharia rapidamente por todo o mundo.

Se analisarmos as informações sobre a fotografia, aqui apresentadas, percebemos que sua criação e avanços giram em torno de países europeus e dos Estados Unidos. Então nos perguntamos, quando e como a fotografia chegou ao Brasil? Existem duas versões sobre esse fato. A primeira aponta que a fotografia chegou em solo brasileiro, primeiro país da América Latina a conhecer a imagem fotográfica, por volta de 1840, pelas mãos do abade francês Louis Compte, que veio com a expedição franco-belga da fragata L’Orientale. Naquela época, o jovem imperador de 14 anos, Dom Pedro II, se encantou com a novidade, após uma demonstração de Compte, no Paço Imperial no Rio de Janeiro, e começou a fazer experimentos com fotografia, por amor à arte, e não quis ser mais retratado por

pintores e miniaturistas, mas sim por fotógrafos das elites locais (KOUTSOUKOS, 2010). A segunda versão expõe que o francês Antoine Hercules Romuald Florence desenvolveu, em 1830, o processo fotográfico que chamou de *Pholygraphie*, usada inicialmente para imprimir rótulos de remédio e diplomas da Maçonaria. Os feitos de Florence só foram reconhecidos 140 anos depois, através das pesquisas do estudioso de fotografia brasileira Boris Kossoy, nos anos de 1960 (BUSSELE, 1999).

A partir da década de 1840, fotógrafos europeus vieram para o Brasil e se estabeleceram inicialmente nas cidades portuárias como Recife, Salvador e Rio de Janeiro. De acordo com Koutsoukos (2010, p. 26)

[...] muitos fotógrafos estrangeiros invadiram a Corte e outras cidades brasileiras, fugindo talvez da concorrência profissional que havia em seus países de origem, em busca de fortuna e sucesso no mercado que se abria, e/ou atraídos pela diversidade possível de temas, dada a beleza “pitoresca” do país, já descrita antes e ainda naquele tempo por numerosos viajantes e registrada em desenhos e litografias aquareladas.

E, em 1861, foi publicado o primeiro livro de fotografia no Brasil - “*Brazil Pittoresco*” - do francês Jean Victor Front, que reforçava o discurso do exótico e popularizou, por exemplo, imagens do Pão de Açúcar e dos Arcos da Carioca, no Rio de Janeiro. A partir de então, a fotografia transformou as sociedades, tornou o mundo familiar de certa forma, pois ficou possível conhecer diversos lugares através das imagens. Como afirma Kossoy (2014, p. 30) “[...] o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica”. Todos os pequenos aspectos do mundo passaram a ser conhecidos, tornando-o portátil, ilustrado e de fácil acesso.

Apresentando um “mar” de possibilidades, a fotografia facilita o conhecimento, reconhecimento e autoconhecimento; ativa a memória trazendo a tona recordações; é uma criação artística; funciona como documentação; e apesar de ser facilmente manipulada é considerada por muitos como expressão da verdade. A sua origem parte da iniciativa e vontade do indivíduo/fotógrafo que deseja registrar uma cena, congelá-la no tempo e no espaço. Portanto, toda fotografia é subjetiva e carrega em si o estado de espírito e as ideologias do fotógrafo, pois se dez pessoas munidas de câmeras fotográficas fizerem imagens de uma mesma cadeira azul royal, localizada no centro de uma sala vazia, cada indivíduo fará imagens únicas, pois as

possibilidades fotográficas são praticamente inesgotáveis, e estarão impregnadas de seu ser. Como aponta Kossoy (2010, p. 54):

A fotografia é um ponto de vista, de uma visão particular de mundo de seu autor, o operador da câmera. É nesta visão singular de cada um que se estabelece a diferença, as múltiplas formas de entender e representar o mundo e os fatos que nele transcorrem ininterruptamente.

Sontag (2004) corrobora com Kossoy (2010) ao afirmar que os fotógrafos mesmo preocupados em mostrar a realidade, transparecem nas fotografias seu gosto e sua consciência. Sendo assim, a imagem fotográfica sempre apresenta informações sobre o objeto fotografado, mas a escolha dos elementos constitutivos depende exclusivamente da criatividade e imaginação do fotógrafo, que a cada dia busca novos enquadramentos e ângulos para retratar fatos sociais.

Ressaltamos que devido as grandes possibilidades que a fotografia proporciona, ela ganhou o mundo, sendo veiculada em massa, e se tornou um vício na contemporaneidade. Todos desejam fotografar e serem fotografados, como forma de autoafirmação, “Eu existo”; e prova “Eu fui para tal lugar”. Além disso, a fotografia se apresenta também como um suporte de expressão dos estudos sobre representação, porque a linguagem fotográfica pode auxiliar na identificação das representações sociais estabelecidas, podendo direcionar o leitor da imagem para uma nova percepção do mundo, por meio do olhar do fotógrafo, que construiu a imagem selecionando elementos, a partir da sua bagagem cultural e de suas intencionalidades. Assim, a apreensão das representações acontece tanto pela enunciação, ou seja, os modos de dizer, quanto pelo enunciado, quer dizer, os conteúdos e temas focalizados.

De acordo com Barcelos (2013, p. 289), “É a linguagem fotográfica que produz a informação visual, a qual contribui para a criação de efeitos de sentido, organizando os elementos em um todo significativo, isto é, em um texto”. E, essa informação é elaborada pelo fotógrafo, que acaba gerando um saber que será compartilhado, tendo as representações sociais como o alicerce de toda argumentação. Barcelos (2013) aponta ainda que o discurso apresentado pela imagem é o recorte do real, que não tem a intenção de provar ou defender algo, mas sim de destacar determinados elementos, orientando o olhar e provocando emoções.

Moscovici (2015) destaca que as Representações Sociais (RS) são formadas a partir de imagens e palavras, que se tornam comuns a um determinado grupo de pessoas. Assim, as RS são uma forma de compreender e comunicar sobre o que conhecemos. Como estruturas dinâmicas, elas podem ser construídas por meio de processos comunicativos. Sendo assim, as fotografias, se apresentam como uma mídia que proporciona trocas de argumentos/ discursos/ diálogos, onde as representações são percebidas.

Tanto a linguagem fotográfica quanto as representações sociais podem provocar emoções no discurso que exibem. Há representações que determinam o nosso modo de apreensão do mundo, transformando a realidade em real significativa (BARCELOS, 2013). As fotografias podem facilitar o modo de enxergar as representações sociais, e permitem ao indivíduo construir a representação de sua realidade em imagem, uma vez que se configura como uma mistura de luzes e sombras, que, atualmente, em frações de segundos se transforma em uma imagem visível e interpretável, que está presente na vida cotidiana, servindo para emocionar, documentar, lembrar, registrar, divulgar, estudar e representar a sociedade imagética, na qual vivemos.

Face ao exposto e reconhecendo o poder da imagem em nossa sociedade e no processo de aprendizagem, nos propomos a investigar as possibilidades do uso da fotografia no ambiente educacional e sua colaboração para a construção de outras representações sociais do Semiárido juazeirense, um território que apesar dos períodos de tempo chuvoso (abundância de água) e tempo seco (estiagem de chuva), a imagem que predomina no imaginário da população, é de uma região constituída apenas por miséria, fome, seca, “população burra” e “fedorenta”. Imagens reducionistas que edificaram a representação social do Nordeste, e conseqüentemente, dos territórios Semiáridos, mas que não correspondem a realidade local. Segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 30)

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereotipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo.

Os maiores responsáveis pela imagem estereotipada dessa região foram os políticos, os literatos brasileiros e a imprensa que, principalmente, a partir de 1877/79, quando aconteceu a chamada “Grande seca”, deram intensa repercussão a situação, destacando os problemas econômicos e desigualdades sociais como dificuldades decorrentes por esse fenômeno climático (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Muitas obras literárias abordaram a problemática da seca como tema principal de seus enredos, como “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha; “Vidas Secas” (1938), de Graciliano Ramos; “Morte e Vida Severina” (1967), de João Cabral de Melo Neto e “O Quinze” (1930), de Rachel de Queiróz, que retratam o Nordeste brasileiro como improdutivo, composto de um povo flagelado.

Como destaca Albuquerque Júnior (2011, p. 33) “O nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder”. Compartilhando essa concepção Brito e Gomes (2017, p. 8) ressaltam que a arte também é responsável pelos estereótipos criados sobre o Nordeste, pois ela “(...) produz e reproduz realidades, e os processos artísticos que tomaram o Nordeste como tema, recaem muitas vezes em interpretações regionalistas”. Essas imagens povoaram e povoam o imaginário da população que as considerou verdade, construindo assim, a representação social desse local, de forma errônea. As obras literárias das décadas de trinta, quarenta, cinquenta e sessenta, do século XX, de acordo com Albuquerque Júnior (2011, p. 216), “[...] tomarão o Nordeste como o exemplo privilegiado da miséria, da fome, do atraso, do subdesenvolvimento, da alienação do país”.

Consequentemente, na literatura, o Nordeste se tornou o espaço das vidas infelizes, dos desafortunados, que precisam migrar de suas localidades em direção ao Sul do país, para fugir dos ramos secos, da criação de animais esquelética, das casas de taipa, dos tanques vazios, da estiagem de chuva. A solução para que esses miseráveis não morressem de fome era partir para o Sudeste, que se apresentava como uma libertação daquela vida mesquinha (SIMAS; PAIVA, 2016). As mídias também contribuíram significativamente para a construção dessa representação, difundindo apenas imagens negativas da região. Albuquerque Júnior (2011, p. 217) expõe ainda que

A visibilidade e dizibilidade da região Nordeste, como de qualquer espaço, são compostas também de produtos da imaginação, a que se atribui realidade. Compõem-se de fatos que, uma vez vistos,

escutados, contados e lidos, são fixados, repetem-se, impõem-se como verdade, tomam consistência, criam raízes. São fatos, personagens, imagens, textos, que se tornam arquétipos mitológicos que parecem boiar para além ou para além da história, que, no entanto, possuem uma positividade, ao se encarnarem em práticas, em instituições, em subjetividades sociais .

Compreendemos então a força dessas imagens. Elas foram construídas por meio dos mais variados campos, e até hoje esse discurso se perpetua. Criar outra representação social em torno do Nordeste, do Semiárido, do sertão, é difícil, pois as mídias, que deveriam se responsabilizar por transmitir informações verídicas, são as primeiras a reforçar os signos estereotipados dessa região. Até mesmo os livros didáticos, considerados potenciais instrumentos educacionais, que trazem consigo verdades prontas, utilizados nas escolas, exibem um discurso reducionista do Semiárido brasileiro. Conseqüentemente, percebemos que os estudantes possuem dificuldades em exercitar um olhar crítico dentro do ambiente escolar sobre a representação social do espaço em que habitam, sendo necessário, portanto, estimular esse novo olhar perante o que é comum.

Acreditando que o estudante deve aprender de forma contextualizada com a sua localidade, utilizando as mídias que se fazem presentes no seu cotidiano, promovemos também a partir deste estudo, reflexões sobre a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (Ecsab). Nesse caso, a imagem fotográfica contribui com a discussão do contexto local, fazendo com que o educando reconheça a si e o ambiente em que está situado. Como apontam Gomes e Rodriguez (2014, p.23) “[...] estas imagens podem servir para realizar um desalojamento das ideias preconceituosas e estereotipadas, instaurando assim, outra visão mais construtiva da realidade”.

Nesse sentido, Santana e Moura (2013, p. 101) alegam que “(...) a linguagem fotográfica se coloca como um instrumento de informações capaz de oferecer a aproximação com o lugar a ser analisado e, com isso, desenvolver sentimentos pela aproximação com a realidade”, podendo assim, construir outra representação social sobre a região em que vivem, notadamente o Semiárido juazeirense, ao criar novos signos a partir de novos olhares. E, Bomfim (2012, p.92) assinala que “A imagem visual fornece um grande número de informações visuais, logo, ela pode ter várias significações e se presta a múltiplas interpretações”. Assim, através da fotografia, o

indivíduo forma o seu entendimento, por meio da interpretação que construiu a partir das informações que absorver sobre a imagem exibida.

Após apresentar a história e evolução da fotografia no mundo e no Brasil, e fazer uma breve articulação sobre a relação entre fotografia, representação social e educação, afirmamos que a pesquisa “Fotografia e Educação: outros olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense” é relevante por ser uma proposta inédita, inovadora e extremamente pertinente, que comunga com a necessidade de se discutir a inserção da fotografia no ambiente educacional como uma nova possibilidade de produção de conhecimento. Nessa perspectiva, os autores Santana e Moura (2013, p. 105) apontam que “O uso das imagens fotográficas como meio de informação e instrumento de formação crítica, tem sido cada vez mais usada, na medida em que esta aproxima o sujeito observador da proposta de realidade que se objetiva considerar”. E, Alves (*et al*, 2008, p. 1) também considera que “A imagem fotográfica é fundamental na constituição e formação do indivíduo e que deve ser incorporada pelos níveis de ensino em seus próprios programas educacionais”.

Assim, nossa investigação reflete ainda uma preocupação com a construção de outras representações sociais que não apresentem aspectos reducionistas dessa região na educação, especificamente no material didático, produzido nacionalmente, que não corresponde à realidade vivenciada. Reis (2010) aponta que os livros didáticos, produzidos, geralmente no Sudeste, apresentam a casa de taipa e o agricultor sofrendo com a falta de água como representações do Semiárido, fortalecendo a imagem desvirtuada desse local.

Bueno e Silva (2008, p. 74) corroboram com Reis (2010) ao alegarem que os livros didáticos:

Geralmente produzidos na região Sudeste do Brasil veiculam imagens e narrativas que, além de centradas em outra realidade, muitas vezes reforçam o estereótipo de Semiárido e de Nordeste de miséria, de impossibilidades, ignorando as especificidades quase sempre transformadas em necessidades, e as inúmeras possibilidades que o Semiárido comporta.

Na busca por construir outros discursos imagéticos, é que a proposta de investigar a inserção da fotografia no ambiente educacional como uma linguagem subjetiva sobre o Semiárido juazeirense surge para possibilitar outros olhares, ao tempo em que envolverá questões sobre a representação social desse lugar, a partir das visões dos estudantes, já que a fotografia pode exhibir os detalhes, como

também despertar sensações, sentimentos e causar a mudança das concepções sobre a representação social do Semiárido juazeirense. Para instigar uma nova forma de ver o que está ao nosso redor, podemos utilizar a fotografia para auxiliar na construção de novas concepções. Nesse sentido, o problema que norteará esta pesquisa é: de que modo a fotografia, inserida no ambiente educacional, entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL) pode contribuir para a construção de outras representações sociais do Semiárido juazeirense?

Para responder essa questão, elencamos como objetivo geral: investigar as possibilidades do uso da fotografia inserida no ambiente educacional entre os estudantes de ensino médio do CEHL, para a construção de outras representações sociais do Semiárido juazeirense. E, almejando alcançar esse fim, elaboramos quatro objetivos específicos que corroboraram para tal: estudar as relações entre a fotografia e a educação, potencializando seu uso no ambiente educacional; problematizar as concepções de representação social dos territórios Semiáridos, destacando as percepções dos estudantes sobre o Semiárido juazeirense; realizar a oficina “Aprendendo a Olhar” com um grupo de jovens do CEHL, fomentando discussões sobre Fotografia, Territórios Semiáridos, Representação Social e Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro; e produzir uma exposição fotográfica com outras representações sociais do Semiárido juazeirense, a partir dos olhares dos estudantes do CEHL, como resultado dessas oficinas.

Sendo assim, esta dissertação constitui-se em cinco capítulos, além desta Introdução: 2º- Caminhos da Pesquisa, que exhibe a trajetória percorrida pelo pesquisador para atingir os objetivos estabelecidos; 3º- Representação Social, Educação e Fotografia, que abarca as discussões acerca desses três conceitos, apresentando ainda, as relações tecidas entre eles; 4º- Território do Semiárido juazeirense e a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, que expõe as imagens e discursos forjados sobre esse território, e também descreve a Ecsab, como uma das ações que colaboram para a constituição de outras representações sobre a região; 5º- O Uso da Fotografia no Ambiente Educacional e a Construção de Outras Representações Sociais sobre o Semiárido Juazeirense, onde identificamos os dados obtidos na pesquisa de campo, as leituras das fotografias produzidas, a construção de novos discursos imagéticos sobre o

Semiárido juazeirense, e a potência da fotografia nesse processo; e o 6º capítulo- Considerações Finais, onde refletimos sobre os resultados obtidos com a realização deste estudo.

2. CAMINHOS DA PESQUISA

2.1 TIPO E PARADIGMAS DA PESQUISA

A observação social se apoia nos dados obtidos através das relações estabelecidas na sociedade, construídas por meio de processos de comunicação. Para Bauer, Gaskell e Allum (2015, p. 21), a pesquisa social está interessada “(...) na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros”. Esse tipo de pesquisa apresenta três modalidades a serem seguidas, a quantitativa que lida com números e modelos estatísticos para explicar os dados obtidos; a qualitativa que lida com a interpretação das realidades sociais e permite ainda o uso de texto, imagens e som; e a quali-quantitativa, uma mescla dos dois tipos anteriores.

Diante dessas características, selecionamos para a realização desta investigação, o tipo qualitativo, que encontra no ambiente natural a sua fonte de coleta de dados, e tem o pesquisador como um instrumento-chave. Além disso, apresenta como peculiaridades o processo de interpretação das realidades sociais e seu significado como focos principais, se aprofundando na compreensão de determinado grupo social (MATIAS-PEREIRA, 2007). De acordo com Minayo (2007, p. 57), a pesquisa qualitativa analisa um fundamento teórico, “(...) além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação”. Nessa perspectiva, Fernandes (2015, p. 188) assinala que esse tipo de pesquisa leva em consideração “(...) a junção entre o sujeito e o objeto e busca fazer uma exposição e elucidação dos significados que as pessoas atribuem a determinados eventos”.

Bauer, Gaskell e Allum (2015, p. 32-33) elucidam ainda que o pesquisador qualitativo deve ser capaz de ver através dos olhos dos sujeitos pesquisados, porque “(...) é necessário compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo, pois são estes que motivam o comportamento que cria o próprio mundo social”. Através desse processo autorreflexivo, a pesquisa qualitativa

que propõe a devolução dos resultados aos participantes do estudo apresenta a autenticação de uma teoria crítica (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2015).

Seguindo esses preceitos da pesquisa qualitativa, nosso estudo teve como base os principais fundamentos teóricos sobre representações sociais, fotografia e educação; foi realizado em um ambiente natural, uma escola; e primou pela construção de novos conceitos sobre o Semiárido juazeirense ao trabalhar a ligação dentre os sujeitos da pesquisa e o objeto investigado, através da produção de novas imagens. Além disso, demos uma devolutiva aos participantes, através da exposição fotográfica que foi realizada, juntamente com uma avaliação coletiva da experiência.

Nossa investigação se ancorou ainda em alguns paradigmas principais para o entendimento sobre ECSAB, como a valorização dos saberes locais - a partir dos conhecimentos dos estudantes, pois esses chegam ao ambiente escolar com uma carga de informações que não pode ser desprezada - e a necessidade de mostrar novas facetas e possibilidades do Semiárido juazeirense, que muitas vezes, passaram despercebidas por eles, evidenciando que esse território vai muito além do que é exposto na mídia, nas obras literárias e nos livros didáticos distribuídos nas escolas. Outros modelos que permearam essa investigação são a ideia de pertencimento, ou seja, a “(...) possibilidade de se reconhecer no processo de construção de sua identidade e subjetividade, de se apropriar das próprias possibilidades e das impossibilidades de participação na sociedade” (TAVARES, 2014, p. 194), e a autorrepresentação, onde o sujeito consegue se identificar com a sua imagem, pois, como já citado anteriormente, os estudantes não se reconhecem nos discursos estereotipados sobre o SAB, pois as notícias e imagens presentes nos livros didáticos não condizem, normalmente, com a realidade que vivenciam cotidianamente.

Pergunte a um aluno do sertão o que ele sabe do sertão e ele lhe dirá o que aprendeu fora da escola. Ou então apresentará uma visão escolar que lhe oferece uma imagem distorcida do seu sertão e de si mesmo, fruto das narrativas curriculares descontextualizadas que têm os livros didáticos descontextualizados como principais ferramentas da prática pedagógica (MARTINS, 2011, p. 50).

Portanto, os estudantes não se vêm nessa “realidade criada”, porque não conseguem enxergar que o local onde habitam é caracterizado apenas pelo chão rachado, animais esqueléticos, falta de água, miséria, entre outros signos de

estereotípias. A maioria desses educandos mora no Semiárido juazeirense composto pelo espaço urbano desenvolvido, banhado pelo Rio São Francisco, que tem tecnologia, empregos, e oportunidades de estudo. Características reais que destoam das que geralmente são difundidas.

Considerando essas afirmações, propomos que os estudantes fizessem fotografias do Semiárido juazeirense, mostrando o olhar diferenciado de cada um deles, momento em que foi possível trabalhar esses dois paradigmas, já que as imagens produzidas expõem o que eles compreenderam sobre o Semiárido. Assim, os participantes se autorreconheceram e reconheceram as diversidades do lugar em que vivem. Ao mesmo tempo, discutimos sobre o paradigma da representação social do Semiárido juazeirense, e foi possível, por meio da fotografia, construir outra imagem dessa região para os participantes da pesquisa.

Sabemos que a constituição de representações sociais não é tão simples, pois implica na construção de percepções dos indivíduos sobre os diversos espaços, onde o objeto novo passa por processos sociais e comunicativos, se fazendo compreender pelo senso comum, e esse processo demora anos para ser concluído (JODELET, 2001), mas a partir dos processos de objetivação e ancoragem (vide subitem 3.1), que desenvolvemos, conseguimos criar novos discursos sobre a região para esses sujeitos. Temos consciência que, para que essas novas imagens se estabeleçam como representações sociais do Semiárido, leva tempo, e não acontece apenas com a realização de uma única pesquisa. Contudo, é uma ação que pode contribuir significativamente para essa mudança, através da disseminação dos conhecimentos adquiridos pelos participantes.

2.2 METODOLOGIAS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Ancorados na perspectiva de que a fotografia pode possibilitar essas novas construções e conhecimentos, foi necessário ainda selecionar uma metodologia de trabalho e escolhemos a pesquisa aplicada, por se tratar de uma nova experiência com um modelo de oficina, anteriormente realizado por nós em outro espaço educacional e, porque nossos objetivos moviam a necessidade de contribuir para fins práticos, mais ou menos imediatos. As pesquisas aplicadas dependem de dados

que podem ser obtidos de diversas maneiras, como pesquisa de campo, entrevista, questionário, análise de documentos, gravações em áudio ou vídeo, dentre outros. Ela objetiva gerar conhecimentos para aplicações práticas, com o intuito de sanar problemas específicos, ou necessidades concretas e imediatas (VILAÇA, 2010).

Vilaça (2010, p. 65) salienta ainda que “Ao contrário da pesquisa teórica, investigações de natureza aplicada apresentam complexidades metodológicas e éticas muito mais complexas”. E, os seus objetivos podem ser variados como: buscar respostas; formular teorias; produzir conhecimentos; explorar um fenômeno pouco conhecido; caracterizar um contexto ou uma população; etc., e influenciados por diferentes fatores: necessidades reais, características do contexto de estudo, visões de ciência e conhecimento.

Geralmente, as pesquisas aplicadas partem de estudos teóricos, por isso para contribuir na coleta de dados, utilizamos a pesquisa bibliográfica, que tem base material constituída, principalmente, por livros e artigos científicos, permitindo ao observador a cobertura ampla de muitos fenômenos (GIL, 2002). De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 183), a pesquisa bibliográfica tem por finalidade “(...) colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”, e ressalta que não se trata de repetição do que já foi desenvolvido, e sim, da possibilidade de tratar o tema com outro enfoque, constituindo ideias inovadoras. Assim, foi possível investigar a relação entre Educação e Fotografia; a aproximação existente entre a Educação e a Representação Social; as características da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro; os conceitos de Nordeste, sertão e território Semiárido; e a história e potência da fotografia na sociedade contemporânea, que é dominada pela imagem. Estudos que proporcionaram novas reflexões sobre o que já havia sido construído.

Como instrumental complementar para nosso caminho metodológico, utilizamos o questionário, que compreende “(...) um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado” (GIL, 2002, p. 116). Esse instrumento pode ser aplicado de duas formas: via correio eletrônico ou através do contato direto, nesse último caso, o pesquisador pode explicar os objetivos da pesquisa, e se necessário esclarecer dúvidas em relação a alguma questão. O questionário pode ser composto por perguntas abertas, fechadas ou a combinação dos dois, e assim como qualquer outro instrumento, apresenta vantagens e desvantagens. Podemos

citar como vantagens que contribuíram para a sua escolha: a maior liberdade nas respostas; o fato de que o risco de distorção devido influência do pesquisador, é bem menor; e a possibilidade do pesquisado ter tempo suficiente para refletir e responder as questões (BARROS; LEHFELD, 2000). E algumas desvantagens a exemplo: perguntas sem resposta e o fato de não poder ser aplicado a pessoas analfabetas (LAKATOS; MARCONI, 2003).

No processo de nossa investigação, utilizamos dois questionários. O primeiro composto por 14 questões abertas e fechadas foi aplicado antes do início da oficina “Aprendendo a Olhar” (vide subitem 2.4), com o objetivo de traçar o perfil dos sujeitos interessados em participar do projeto de pesquisa “Fotografia e Educação: outros olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense” e coletar informações iniciais acerca dos conhecimentos dos entrevistados em relação ao território Semiárido, Representação Social, Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro e a Fotografia. E, ao término da Oficina, aplicamos outro questionário, contendo nove questões abertas e fechadas, com o intuito de averiguar qual a opinião dos participantes do projeto sobre a experiência vivenciada por eles, e identificar o que aprenderam e quais ensinamentos serão importantes para as suas vidas.

Para registrar os fatos observados, percepções e experiências durante a execução da Oficina, empregamos o diário de campo, onde registramos informações adquiridas no meio empírico. Nesse sentido, Barros e Lehfeld (2000, p. 89) destacam que “É importante (...) registrar considerações e impressões pessoais sobre o observado e o executado na pesquisa de campo”, pois a prática do diário contribui na análise posterior dos dados obtidos. Holly e Altrichter (2015, p. 80) classificam este mesmo instrumento de diário de pesquisa e destacam que ele contém “(...) dados obtidos mediante observação, entrevistas e conversas informais, discussões entremeadas e grupos de interesse”. Dessa forma, o diário documenta o desenvolvimento da pesquisa, registrando as percepções do pesquisador.

Neste estudo, utilizamos o diário de pesquisa com sequências descritivas que, ainda de acordo com Holly e Altrichter (2015, p. 81), apresenta “(...) relatos de atividades, descrições de acontecimentos, reconstruções de diálogos, gestos, entonações e expressões faciais, (...), modo de falar e agir (...)”. Seguindo essas características, após cada encontro com os participantes da Oficina, registramos em diário, as atividades realizadas, discussões construídas, opiniões dos estudantes,

que geralmente eram carregadas de entonação, e nossas observações e interpretações perante o que foi vivenciado (vide subitem 2.4 e 5.1).

Empregamos ainda, como instrumento de pesquisa, a leitura das imagens fotográficas sobre o Semiárido, que estão presentes nos livros didáticos e meios de comunicação, já que a imagem é universalmente acessível a todos. Loizos (2015, p. 138), ressalta que “(...) o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais”. Sendo assim, as imagens, mesmo sendo fáceis de manipular, se tornaram fatos sociais e não podem ser ignoradas, pois são produtos comunicacionais. Por conseguinte, após a realização das oficinas, fizemos a leitura de oito imagens fotográficas do Semiárido juazeirense, produzidas pelos próprios participantes, por meio da análise semiótica. Já que, de acordo com Loizos (2015, p. 148):

A interpretação exige uma leitura tanto das presenças quanto das ausências de um registro visual, e enquanto algumas das ausências podem ser explicadas pelas características de custo ocasional (quem carrega a câmera, quando, onde e por quê?), a homogeneidade das imagens registradas deve comportar um peso semântico.

Cada elemento da fotografia foi dissecado em unidades menores, para identificar as significações contidas na imagem. Penn (2015, p. 324) destaca que “(...) o sentido que o leitor vai dar irá variar de acordo com os conhecimentos a ele(a) acessíveis, através da experiência e da proeminência cultural”. Santaella e Nöth (2012, p. 110) concordam com Penn (2015) ao afirmarem que “A relatividade semântica da foto se refere ao fato de que a percepção de imagens fotográficas possui elementos culturais”, já que as imagens são signos ambíguos e conotativos. Coutinho (2006, p. 333) afirma que “(...) por sua polissemia, teria anteriormente enfrentado a tentativa de controle pela escola, que buscava subordiná-la ao papel de ilustração, apenas, com a inserção de legendas cujo texto indicaria ao aluno o sentido a ser percebido”.

Ainda na percepção de Coutinho (2006, p. 335),

[...] a atribuição de sentidos e significados à imagem, ações realizadas em sua leitura, exigiria do pesquisador a busca pela compreensão de determinada mensagem visual em dada sociedade, além da tentativa de separação das percepções pessoal e coletiva.

Assim, ler uma foto consiste em lançar um olhar atento a todos os elementos que a compõem. Santaella (2012, p. 80) expõe que “(...) uma vez diante da fotografia, trata-se de buscar a unidade melódica de suas luzes, linhas e direções, suas escalas e volumes, seus eixos e suas sombras, enfim, contemplar a atmosfera que ela oferta ao olhar (...)”. É preciso atentar para seus elementos, de que assunto trata; qual o espaço e tempo; qual enquadramento e recorte da cena; observar a iluminação, planos e contrastes. Também é necessário observar o componente subjetivo, que traz na fotografia vivências e experiências de seu autor, para então, compreender as significações expressas na imagem.

Em perspectiva complementar, Coutinho (2006, p. 334) destaca que

Um dos desafios da realização desse tipo de análise seria a necessidade de uma espécie de “tradução”, isto é, a transposição de códigos visuais em signos linguísticos, já que a absoluta maioria dos trabalhos científicos deve ser apresentada no formato de texto.

Com a transposição do código visual para o verbal pode haver certa limitação, pois a linguagem verbal pode acabar reduzindo os significados possíveis em uma imagem. Porém, na análise de imagem, essa transcodificação dos códigos das mensagens é necessária, e se faz também, a partir da subjetividade do analista.

A leitura das oito fotografias selecionadas foi feita em três passos: 1º- observamos a imagem fotográfica, despertando os sentidos e identificando os elementos presentes no recorte; 2º- analisamos os elementos presentes em cada plano, descrevendo-os e relacionando-os; e 3º interpretamos os elementos, atribuindo significados a eles, tanto de forma isolada quanto em conjunto (vide subitem 5.2). Desse modo, a análise das fotografias tanto produzidas pelos sujeitos da pesquisa quanto as poucas presentes nos livros didáticos nos possibilitaram discutir a representação da realidade do Semiárido brasileiro, especialmente, a cidade de Juazeiro, lócus da pesquisa.

2.3 LÓCUS, SUJEITOS, RISCOS E BENEFÍCIOS DECORRENTES DA PESQUISA

A cidade de Juazeiro está localizada no Norte da Bahia, situada a 511 Km da capital baiana, Salvador. A área da unidade territorial é de 6.500,691 Km², com uma

estimativa populacional de 220.253, no ano de 2016 (IBGE, 2010). De acordo com Carvalho (2012, p. 151), a região “(...) apresenta uma condição de alta semiaridez devida sua localização no chamado “Miolão do Semiárido” sendo uma área afetada numa frequência entre 81 e 100% por secas edáficas”, ou seja, secas que ocorrem devido à má distribuição temporal e espacial de água. E, a média pluviométrica anual fica entre 600 a 700mm, considerada crítica (CARVALHO, 2012).

É, nesse cenário, que se encontra o Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), situado na Rua Oscar Ribeiro, no Centro da cidade de Juazeiro. O espaço educacional foi construído em 1965, pelo então governador, Antônio Lomanto Júnior, e recebeu o nome da esposa do governador. O CEHL oferece, atualmente, o Ensino Fundamental II, Ensino Médio Regular, e Educação de Jovens e Adultos (EJA), e, no ano de 2017, contabilizou um total de 452 estudantes matriculados.

Esse Colégio foi escolhido para a realização de nossa pesquisa por estar localizado no Centro de Juazeiro e atender, principalmente, estudantes que moram nos bairros mais centrais da cidade. Isso, porque muitas investigações que tratam sobre o Semiárido são feitas na área rural, e como a imagem dessa região tem como uma de suas principais características a ruralidade, fizemos questão de buscar um cenário oposto, já que nosso estudo ocupa-se exatamente da construção de novas representações sociais sobre o Semiárido juazeirense.

Neste espaço, selecionado intencionalmente, promovemos a oficina “Aprendendo a Olhar”, onde utilizamos a fotografia no ambiente educacional, permitindo a livre expressão dos estudantes. No primeiro momento, foi realizada a parte teórica da Oficina no espaço escolar; e a segunda etapa aconteceu em pontos específicos da cidade, como: Centro, Orla I e II e Ilha do Fogo (área urbana) e Povoado Poço da Onça e Cachoeira das Oficinas, mais conhecida como Cachoeira do Salitre (área rural), localizada a aproximadamente 30Km da região central de Juazeiro.

Nossa intenção era ofertar a oficina para 15 estudantes. Esse número foi delimitado, pensando nos meios de locomoção disponíveis para realizar as jornadas fotográficas com os participantes, porém o projeto acabou contando com a participação ativa de oito integrantes da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio. Quando a oficina foi apresentada na sala de aula, cerca de 30 estudantes mostraram interesse em participar, porém, percebemos no primeiro encontro um enorme

descomprometimento dos estudantes em se envolverem em atividades extracurriculares.

Dos oito participantes, seis tinham entre 14 e 18 anos, e dois eram maiores de idade. Todos moravam em bairros localizados próximo ao CEHL, como Centro, Alagadiço, Coréia e Santo Antonio, o que facilitou a locomoção deles para participar da oficina. No processo de seleção, os estudantes deveriam atender a quatro critérios básicos: 1º ter a liberação dos pais/responsáveis para integrar-se a pesquisa, através de assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra nos anexos; 2º ter disponibilidade de horário para participar da oficina “Aprendendo a Olhar”, e jornadas fotográficas, que aconteceram sempre no horário oposto ao das aulas, conforme expresso no TCLE; 3º possuir câmera fotográfica ou celular com câmera; e 4º gostar de fotografar.

A pesquisa previu desconfortos e riscos mínimos para os participantes, como diminuição no tempo para realizar as atividades complementares propostas pelos docentes do Colégio e transtornos decorrentes do convívio social durante as jornadas fotográficas (sol, calor, cansaço, etc.). Destacamos também alguns benefícios como o aprendizado sobre técnicas fotográficas, desenvolvimento de uma relação mais dialógica no ambiente escolar, ampliação do olhar sobre o local em que vivem, e a possibilidade de obter reconhecimento sobre a produção desenvolvida na experiência durante a exposição fotográfica. Ressaltamos ainda, que a identidade dos sujeitos da pesquisa será divulgada, pois os mesmos fizeram questão de terem seus nomes publicados, para isso, assinaram o Termo de Autorização de Uso de Nome e Depoimento (modelo vide anexos), autorizando a publicização de suas identidades.

2.4 OFICINA “APRENDENDO A OLHAR”

A oficina “Aprendendo a Olhar”, inicialmente seria composta por 10 encontros, com a duração de cinco semanas, totalizando uma carga horária de 30h, mas, no decorrer do seu desenvolvimento, percebemos que era necessário estender o número de encontros, e conseqüentemente, a carga horária. Por conseguinte, realizamos 17 encontros, totalizando uma carga horária de 40h, divididos entre 13

encontros em sala de aula, onde trabalhamos a teoria dos assuntos abordados e a técnica fotográfica; três jornadas, onde foi possível colocar em prática as técnicas aprendidas, e uma reunião para montagem da exposição.

A oficina iniciou no dia 04 de abril de 2017. No primeiro encontro, apenas sete estudantes participaram das atividades que foram voltadas a exposição do planejamento da oficina como: os conteúdos que iriam aprender; explicação sobre as jornadas fotográficas e exposição, essenciais para a concretude da pesquisa; apresentação e elucidação dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), expondo as finalidades e implicações do projeto, para que os estudantes e responsáveis legais assinassem, permitindo a participação de todos; e dinâmicas de conhecimento para uma maior aproximação do grupo.

No segundo dia da oficina, 05 de abril de 2017, compareceram oito estudantes, que preencheram o questionário inicial que tinha por objetivo coletar informações preliminares acerca dos conhecimentos dos interessados em relação ao Semiárido, Fotografia, Representação Social e Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro. Porém, nem todos os participantes responderam as questões com veracidade e compromisso, colocando respostas curtas ou não respondendo, devido à imaturidade de alguns e a perceptível pressa de pensar e escrever. Percebendo esse fato, optamos por fazer perguntas no nosso segundo encontro, até mesmo repetindo algumas que estavam no questionário, para que eles respondessem oralmente, e o resultado foi mais significativo. Primeiro, tentamos descobrir se a imagem estava inserida no cotidiano escolar dos estudantes. Quando perguntados se os professores trabalhavam utilizando imagens na sala de aula 29% disseram que não; e 71% afirmaram que sim. Então questionamos de que modo esses professores utilizavam a imagem, e as respostas foram as seguintes: 20% por meio de vídeos; 40% através de slides; e 40% nos livros didáticos, mas nenhum citou, especificamente, a fotografia.

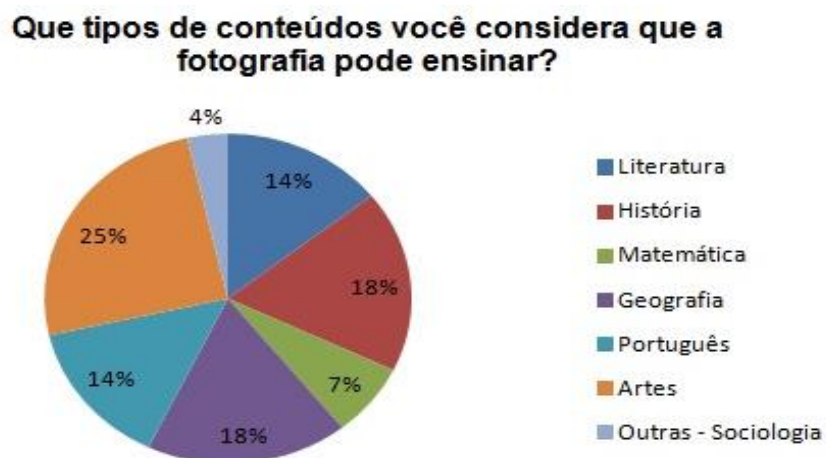
Indagamos também se eles consideravam a imagem importante para a vida das pessoas, 100% afirmaram que sim, e apresentaram três motivos: 25% porque contribui com a arte; 25% asseguraram que ajuda a compreender melhor as coisas; e 50% acreditam que a imagem permite conhecer melhor as coisas, mas não especificaram que “coisas” são essas. Notamos, então que eles possuíam uma ideia da potência que a imagem possui ao facilitar a compreensão de vários eventos

ainda que não soubessem descrever como a fotografia atua no processo de apreensão da realidade.

Quando questionados se gostavam de fotografia, 100% indicaram que sim. Porém, quando perguntamos sobre a experiência deles em relação a imagem fotográfica, 28% não responderam; 29% afirmaram fotografar pessoas e paisagens; e 43% disseram não ter experiência nenhuma. Esses dados nos surpreenderam já que 29% tem acesso a câmera fotográfica, e 90% possuíam celulares *smartphones*, com câmeras de boa qualidade, e estavam sempre fazendo *selfies*. Mas, como citamos anteriormente, percebemos que os estudantes responderam o questionário sem muita responsabilidade, então podem não ter prestado atenção na questão abordada.

Procuramos saber ainda, se eles gostariam de aprender mais técnicas de como fotografar melhor, e o sim foi unânime. A maioria, 86%, acreditou ser possível aprender e ensinar através da fotografia; enquanto apenas 14% achavam que não. Como a resposta foi positiva, averiguamos também que tipos de conteúdos a fotografia poderia ensinar e, como indica o gráfico abaixo, os pesquisados enfatizaram que, para eles, a fotografia pode ser inserida em diversas disciplinas, de modo a colaborar com a aprendizagem.

Gráfico 01: Quais conteúdos a fotografia pode ensinar



Fonte: Elaborado pela autora com dados dos questionários

Também foi muito importante averiguar o motivo que os levaram a querer participar da oficina. Dos participantes, 43% alegaram desejar aprender algo novo; e 57% afirmaram desejar aprender mais sobre fotografia. Porém, quando aplicamos o questionário final, com a mesma questão apenas 28% disseram desejar aprender

mais sobre fotografia, enquanto 29% citou querer conhecer melhor o Semiárido, e 43% responderam querer aprender sobre fotografia e conhecer o Semiárido. Percebemos, dessa forma, que as respostas do começo e do término da oficina destoaram um pouco, reforçando o descompromisso no preenchimento do primeiro instrumento da pesquisa.

Após identificar os conhecimentos dos participantes sobre as temáticas que iríamos abordar, apresentamos o conteúdo sobre territórios Semiáridos, expondo para os estudantes o conceito e suas características embasados na obra de Luzineide Carvalho (2012). Para complementar a explicação, mostramos ainda imagens e vídeos sobre o Semiárido estereotipado difundido pela grande mídia e pelos livros didáticos; e imagens que valorizam a diversidade do local.

No terceiro encontro, dia 11 de abril de 2017, discutimos sobre o conceito de Representação Social, nos apoiando em Serge Moscovici (2001) e Denise Jodelet (2001), para explicarmos como surge uma RS, e como criar novas. No momento da exposição, sempre fizemos questão de levar exemplos, histórias e fotografias para facilitar a compreensão do assunto, bem como ressaltar que a Representação Social (vide subitem 3.1) é constituída inicialmente por imagens mentais, por isso a fotografia colabora para a criação de imagens finais a respeito de um determinado tema, possibilitando o conhecimento de novos signos, sendo necessário compreender a construção das representações consolidadas sobre o Nordeste, o sertão e o Semiárido brasileiro, para então, com a feitura das fotografias, entender quais são as possíveis representações sociais do Semiárido juazeirense.

No encontro seguinte, recapitulamos o que tinha sido visto até o momento, e tratamos da temática Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, abordando como ela surgiu, qual o foco principal e como acontece na prática, de acordo com Edmerson Reis (2010 e 2011), Josemar Martins (2006 e 2011), dentre outros autores. Quando terminamos essa abordagem, ficou evidente que os participantes chegaram sem saber o que era território Semiárido, RS e Ecsab, mas que já estavam entendendo um pouco mais sobre esses conceitos, e sabendo apontar alguns exemplos (vide subitem 5.1).

Ao finalizar esses importantes estudos para o objetivo de nossa pesquisa, adentramos no dia 19 de abril de 2017, nas discussões sobre fotografia, explorando, nos três encontros seguintes, seu surgimento, evolução, técnica e prática fotográfica - com câmera profissional, compacta e celular, enfatizando que uma foto é muito

mais que apenas técnica, uma vez que ela necessita de subjetividade e olhar sensível, destacando também como ela colabora para facilitar o aprendizado. Para isso, nos embasamos em autores como Michel Bussele (1999), Susan Sontag (2004), Antenor Gomes (2013) e Borris Kossoy (2014).

No nono encontro, dia 3 de maio de 2017, realizamos a primeira Jornada Fotográfica, que teve como trajeto o Centro Comercial de Juazeiro, a Orla I e a Ilha do Fogo. Como estávamos apenas com uma câmera profissional, a Canon 60D, lente 18-200mm, fizemos um rodízio. Cada participante fotografou por 20 minutos, e depois passou a câmera para o colega. Esse processo foi feito até a conclusão do percurso estabelecido. Mas, enquanto um estava com o equipamento profissional, os demais faziam os registros fotográficos com o celular *smartphone*, utilizando a câmera digital, ou o aplicativo Câmera FV-5 *five*, que oferece algumas funções que se aproximam das disponíveis na câmera profissional como: ISO, velocidade do obturador, abertura do diafragma e balanço de branco. Ao finalizarmos o percurso planejado, voltamos para o Colégio, e encerramos o dia.

No encontro seguinte, fizemos uma pré-seleção das fotografias feitas, observando os erros e acertos. E, no dia 10 de maio de 2017 realizamos outra Jornada, desta vez, no Calçadão e Orla II, momento no qual também percebemos a busca por ângulos e enquadramentos diferenciados, sempre procurando a iluminação correta.

Já, no décimo segundo encontro, no dia 16 de maio de 2017, a Jornada Fotográfica aconteceu no Povoado Poço da Onça, e na Cachoeira do Salitre, a qual os participantes estavam ansiosos para conhecer. Momento em que mais uma vez, os estudantes foram estimulados a “congelar” instantes que lhes chamassem a atenção, num ambiente não familiar, onde a natureza semiárida contrasta com as imagens estereotipadas da região. Para poder levar os participantes, solicitamos a van da Uneb, que nos foi concedida, e contamos com a participação e ajuda da nossa orientadora, Carla Paiva, carinhosamente denominada pelos participantes da pesquisa, como professora da professora, e do marido da pesquisadora, Joatan Araujo, que também não conheciam o local. Ambos consideram a experiência enriquecedora, principalmente, para os estudantes, uma vez que oportunizou o desenvolvimento de uma prática educativa diferenciada e oportuna para o entendimento da diversidade espacial do território juazeirense. Além disso, “Enquanto os alunos fotografavam dava para ver a empolgação e admiração pela

cachoeira, que é realmente um lugar lindo”, relatou Araujo. Nessa jornada, a moradora local, Cassilene do Nascimento, mais conhecida como Bia, nos guiou até a Cachoeira e nos deu suporte no local.

Logo na chegada, orientamos os participantes a andarem pelo local, observar a paisagem e fazer algumas fotografias. Eles utilizaram a câmera Canon 60D, lente 18-200mm, da Uneb; a Canon Rebel T3i, lente 18-55mm, cedida por Carla Paiva, e a câmera dos celulares *smartphones*, utilizando a câmera digital, ou o aplicativo Câmera FV-5 *five*.

No dia seguinte, nos reunimos novamente, para fazer uma pré-seleção das fotografias produzidas, com o intuito de ver o que foi registrado pelas lentes das câmeras e celulares, observando a composição das imagens, com base nos estudos de Santaella (2012).

A leitura crítica de algumas fotografias produzidas, foram feitas juntamente com os estudantes, com o objetivo de encontrar similitudes e diferenças em torno das imagens difundidas pela mídia e pelos livros didáticos e as imagens que foram fruto da apreensão do olhar sensível dos participantes, problematizando assim, as concepções de representação social do território Semiárido juazeirense. Quando informamos aos estudantes que de todas as fotografias feitas, tanto na área urbana quanto na área rural, selecionaríamos apenas três de cada participante para compor a Exposição, reunindo um total de 24 fotografias, uma pequena parcela que representaria tudo que eles aprenderam, olharam e vivenciaram, eles acharam que seria muito difícil escolher, já que, gostaram da maioria das fotos.

No dia 23 de maio de 2017, no décimo quarto encontro, nos reunimos para selecionar as três fotos de cada participante para compor a Exposição. Os estudantes fizeram fotografias muito boas, algumas com qualidade profissional, por isso, optamos por não fazer nenhum tipo de alteração nas fotos, para mostrar que nem sempre é necessário tratar uma imagem para que ela fique bonita. A prova disso são as fotografias de ótima qualidade que compuseram a exposição, feitas por estudantes do ensino médio que antes só faziam *selfies*, sem nenhuma preocupação com a composição da imagem.

Nesse mesmo dia, os participantes foram questionados se queriam ou não, seus nomes impressos nas fotografias, e na pesquisa. Todos afirmaram que sim, pois gostariam muito que as outras pessoas soubessem que eles haviam participado do projeto e feito as fotografias. Então, assinaram um Termo de Autorização de Uso

de Nome e Depoimento, para registrar a escolha e permissão dos mesmos. Dessa forma, também respeitamos os direitos intelectuais dos autores das imagens que são protegidos pela Lei dos Direitos Autorais (Lei 9.610/98 de 19 de fevereiro de 1998) [MUSSOI; SANTOS, 2008].

Na semana seguinte, não houve encontro, pois estávamos fazendo a curadoria, ou seja, elaborando a melhor forma de exibição das imagens e resolvendo as questões orçamentárias, pois todo o material foi pago pela pesquisadora. Organizando a impressão das fotografias; fazendo o cronograma da montagem; elaborando banner; revendo as estratégias de divulgação na mídia, por meio de convite e *releases*, que foram enviados para os meios de comunicação, a fim de ter uma maior publicidade da Exposição, atraindo não apenas o público do Colégio, mas também o público externo. Vários Blogs jornalísticos da região publicaram o *release (clipping no anexo)*, e a TV São Francisco, filiada da Rede Globo também fez uma divulgação, que foi ao ar no dia 8 de junho de 2017 no Jornal da Manhã.

Nesse processo de curadoria, a participação dos estudantes ficou restrita a montagem da exposição que aconteceu no dia 6 de junho de 2017, no Colégio. As fotografias foram impressas em papel couche, tamanho A3; e coladas em papel cartão preto, para dar mais resistência. Também imprimimos um depoimento de Kathleen, falando sobre sua experiência na oficina, e um banner explicando sobre a mostra. Ao terminarmos a colagem das fotos no papel cartão, os participantes tiveram que decidir qual seria o critério para organizar a disposição das fotografias, explicando o motivo pelo qual escolheram determinada forma. Nesse momento, Kathleen e Marília se mostraram mais envolvidas e optaram por mesclar as imagens da área rural e urbana. “Misturando as fotos, vamos mostrar que o Semiárido é a combinação desses dois ambientes bem diferentes”, afirmou Kathleen (2017). E, assim foi feito, uma imagem da área urbana, outra da área rural.

Enquanto organizávamos a exposição, que seria aberta ao público no dia seguinte, a TV São Francisco entrou em contato novamente, para marcar uma reportagem sobre a Exposição, mostrando o resultado do trabalho, e a opinião dos estudantes. Quando passamos essa informação para os participantes, eles ficaram nervosos, não queriam dar entrevista, com medo de falar alguma coisa errada, de “passar vergonha”. Então, conversamos com eles, destacando a importância desse

momento e convencemos Stephanie, Marília, Kathleen e France a concederem a entrevista na abertura da exposição.

No dia, 7 de junho de 2017, décimo sexto encontro, realizamos a abertura da exposição “Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense”, que ficou aberta ao público até o dia 10 do mesmo mês. Todos estavam muito animados, orgulhosos e ansiosos, e quando a repórter e o cinegrafista da TV São Francisco chegaram, Stephanie, Marília, Kathleen e France que já estavam nervosas, sem saber o que iriam falar, ficaram ainda mais tensas e France acabou desistindo de conceder a entrevista. Mas, as outras duas mesmo apreensivas não cancelaram sua participação, e responderam muito bem as perguntas da repórter. No final da gravação, Kathleen (2017) comentou “Depois dessa entrevista tenho coragem de falar em qualquer lugar”. Stephanie (2017) ressaltou “Eu estava bastante nervosa, mas depois achei bem legal”. E, Marília (2017) afirmou sorrindo “Na hora me deu uma tremedeira, mas acho que consegui falar direito”. Apesar do nervosismo, elas relataram terem gostado da experiência.

Na tarde, desse mesmo dia, aconteceu o nosso último encontro, onde entregamos aos estudantes uma cópia dos TCLEs que assinaram no início da oficina, um certificado de participação e o questionário final que teve como objetivo averiguar qual a opinião dos participantes sobre a experiência vivenciada por eles, identificando o que aprenderam e quais ensinamentos serão importantes para as suas vidas, apontando os pontos fortes e fracos. Enquanto eles preenchiam o novo instrumento, percebemos uma enorme diferença no comportamento em comparação com o dia em que responderam o questionário inicial, pois desta vez, estavam mais concentrados e fizeram a atividade com seriedade.

Ao finalizarem o questionário de avaliação, fizemos uma confraternização para comemorar a realização da oficina e o resultado que ela proporcionou, a Exposição. João Gabriel (2017) disse “Eu adorei todos os momentos da oficina, tudo foi ótimo”. Stephanie (2017) afirmou “A oficina vai fazer muita falta. Sentirei muita saudade”, E, João Vitor (2017) indagou “No próximo semestre terá de novo? Tem que ter”. Com depoimentos como esses, percebemos que a experiência foi positiva para eles, e que desejavam a continuidade do projeto. E, para finalizar o processo, no final do dia 10 de junho de 2017, fomos ao Colégio para desmontar a exposição.

Com a repercussão favorável que a exposição teve nas mídias e no meio acadêmico, decidimos realizar a segunda mostra durante o VII Workshop de

Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro e IV Colóquio de Pós-Graduação do Vale do São Francisco, que aconteceu entre os dias 30 de agosto e 1 de setembro de 2017, no Departamento de Ciências Humanas- III, da Uneb. Os participantes da oficina ficaram muito satisfeitos quando foram informados que seus trabalhos seriam divulgados em uma nova exposição, porém, infelizmente, não puderam comparecer e atuar na montagem das imagens novamente, pois já tinham outras ocupações, então convidamos para ajudar na instalação da mostra, o mestrando David Souza, que aceitou prontamente.

A exposição foi disposta em torno de um canteiro ornamentado com algumas plantas típicas da caatinga e flores diversas. As fotografias ficaram suspensas entre as pilastras que circundam o local, e alguns depoimentos dos participantes foram fixados nas colunas, para contextualizar a mostra. Essa oportunidade possibilitou atingir um público maior, que pôde conhecer o Semiárido juazeirense visto pelas lentes de jovens estudantes, que por meio da fotografia construíram outras concepções sobre a região, criando novas representações sociais.

3. REPRESENTAÇÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E FOTOGRAFIA

3.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria da Representação Social foi desenvolvida pelo psicólogo francês, Serge Moscovici (1961), a partir de uma releitura do conceito epistemológico de Representação Coletiva, do sociólogo alemão Émile Durkheim (1895). Moscovici (1961) apresentou a expressão RS pela primeira vez, em seu estudo sobre representação social e psicanálise, na década de 60, do século XX, intitulado “*La Psychanalyse, son image et son publique*”, onde propôs mostrar a inseparável ligação entre indivíduo, grupo e sociedade; e evidenciar que, quando uma teoria complexa passa a ser difundida em determinada cultura, tornando-se componente da realidade cotidiana, ela se transforma em uma representação social autônoma.

Moscovici (2015, p. 21) conceituou as representações sociais como um

(...) sistema de valores, ideias e práticas construídos socialmente, por meio do qual indivíduos e comunidades estabelecem uma ordem para se orientarem no mundo material e social e controlá-lo e, também, comunicam-se e constroem um código para nomear e classificar os aspectos do mundo e da sua história individual e social.

Esse estudo ganhou destaque a partir da década de 1980, se tornando um novo paradigma da psicologia social, apresentando alicerces conceituais e metodológicos que proporcionaram e proporcionam diversas discussões e aprofundamentos entre os estudiosos da área. Para Nascimento (2015, p. 54),

[...] o estudo das representações sociais pode ser considerado como um avanço para a psicologia social, uma vez que, mostra a importância de se estudar e apreender os fenômenos sociais, psicológicos e cognitivos das condutas e das práticas sociais em uma dimensão psicossocial. O conhecimento do senso comum é fundamental para se entender as formas de pensamento que dirigem e justificam as condutas e práticas sociais.

Moscovici (2001) explica que tomou como referência o sentido de representação coletiva de Durkheim que se refere a uma classe de ideias e crenças que precisam ser explicadas e descritas para a sociedade, para que essa possa compreender a inovação e a vida social que se faz. Considerando esse conceito

restrito e limitado, ele (p. 62) defende que transpõe os limites da psicologia social e desenvolve a representação social que surge da necessidade de se fazer “(...) uma passarela entre os mundos individual e social, de associá-la, em seguida, à perspectiva de uma sociedade em transformação”, para atender as características e os fenômenos representativos da sociedade contemporânea, onde a comunicação e a informação assumem um papel fundamental na vida de todos.

A partir dessa ligação entre indivíduo, grupo e sociedade suscitada pela RS, que focaliza seu estudo na relação sujeito-objeto, Nascimento (2015, p. 48-49) afirma que “A relação do sujeito com o mundo demanda a constituição do sujeito em sociedade, em que, cada universo é atravessado pelas experiências e percepções particulares de cada sujeito e servem de fundamentos para a história de vida”. Sendo assim, o sujeito participa da construção de saberes sobre si e sobre o mundo, conforme as informações e significados que são partilhados no contexto cotidiano e nos conhecimentos do senso comum. O autor (p. 50) ressalta ainda que “A estrutura social, a comunicação e a cultura são as fontes de interações responsáveis pelas condições de produção e circulação das representações sociais”.

Assim, o grande número de informações que os sujeitos recebem acaba interferindo nas suas falas, pensamentos, atitudes, opiniões e modos de vida. Nessa rede de comunicação, os indivíduos que compõem a sociedade e partilham informações também determinam a construção da representação dos objetos, ao materializar as imagens e os sentidos sobre ele. Moscovici (2015, p. 46) destaca que “(...) a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem”. Ou seja, com base na perspectiva teórica de Moscovici, a representação social possui uma imagem e um significado, sendo, portanto, simbólica, construtora, reconstrutora, autônoma e criativa (NASCIMENTO, 2015). E, é também uma forma de perceber e interpretar a realidade, já que implica na construção de percepções dos indivíduos sobre os diversos espaços, onde o objeto novo passa por processos sociais e comunicativos, se fazendo compreender pelo senso comum; que, por sua vez, é validado pela RS como conhecimento social construído que orienta a vida diária dos sujeitos.

Moscovici (2001, p. 45) declara ainda que “(...) estudar a difusão dos saberes, a relação pensamento/comunicação e a gênese do senso comum constitui elementos de um programa que se tornou familiar desde então”. As RS, portanto, permitem que os indivíduos transformem uma realidade estranha em familiar; guiam

a ação social; e justificam as decisões, posições e condutas adotadas diante de um evento. Assim, de acordo com a teoria moscoviciniana (2015, p. 58):

[...] as representações que nós fabricamos- duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc.- são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade.

O estudo das representações sociais, além de tornar o incomum, familiar, deve, de acordo com Jodelet (2001), relacionar o afetivo, mental e social à linguagem, a comunicação e a realidade a qual se inserem. Essa autora (p. 28) aponta ainda três questionamentos fundamentais que esquematizam o campo das RS, “(...) “Quem sabe e de onde sabe?”; “O que e como sabe?”; “Sobre o que sabe e com que efeitos?””. Essas perguntas correspondem, respectivamente ao saber sobre 1) produção e circulação das representações sociais; 2) processos e estados das representações sociais; e 3) estatuto epistemológico das representações sociais.

Além dos questionamentos apontados por Jodelet (2001), existem três motivos pelos quais construímos representações sociais acerca de determinados objetos: a pressão à inferência, ou seja, obrigação de se comunicar; a focalização, que se refere à desigualdade de interesse dos sujeitos em relação ao objeto e apropriação de conhecimento; e, por último, a defasagem e dispersão de informação, que prioriza o acesso à informação sobre o objeto (SANTOS, 2005a). De certa forma, percebemos que os três motivos estão envoltos pela necessidade da comunicação entre os indivíduos no ambiente social.

A RS consiste ainda no resgate do social, onde o senso comum expressa o seu pensamento, no qual o sujeito se relaciona com o objeto (pessoa, ideia, evento social ou natural), através de operações mentais como memória e percepção, substituindo o objeto por um símbolo, que se fará presente, quando o objeto estiver ausente, e ficará representado, simbolicamente, na mente dos indivíduos. É importante ressaltar que a RS não é uma reprodução do objeto, pois implica na sua transformação ou construção. Assim, como destaca Jodelet (2001, p. 35), “[...] quando a novidade é incontável, à ação de evitá-la segue-se um trabalho de ancoragem, com o objetivo de torná-la familiar e transformá-la para integrá-la no universo de pensamento preexistente”.

Para a construção das representações sociais, dois processos foram corroborados por Moscovici (1961) e discutidos por diversos autores. A objetivação,

que, de acordo com esse autor (2015, p. 71), “[...] une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade”, e é composta por três fases: 1) construção seletiva que seleciona, descontextualiza e simplifica o objeto, de acordo com o conhecimento social existente; 2) esquematização, responsável pela estruturação das relações dos elementos da representação, é sintético e formado por imagens vividas; e 3) naturalização que alcança a materialidade, onde o abstrato torna-se concreto através de imagens, ou seja, o objeto estranho ao sujeito se torna familiar, palpável pela sua materialização. E, a ancoragem que, segundo Moscovici (2015, p. 61), “[...] é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada”, ou seja, incide no processo de assimilação do novo ao que já existe, podendo ser entendido como um processo de interiorização de uma estrutura simbólica.

No caso do Nordeste, foi objetivada a seca, tornando-a conhecida, natural, pertencente aos sujeitos; e a ancoragem a partir do pensamento preexistente da seca, estabeleceu uma rede de significações em torno dela, disseminando essa imagem, como característica principal do Nordeste, do sertão e do Semiárido. Pois, quando o sujeito pensa no Semiárido, ele se reporta aos objetos seca e pobreza, e os tem como representação desse local, uma vez que, o objeto possui uma relação de simbolização e de interpretação (SIMAS e PAIVA, 2016).

As pessoas que não pertencem a essa realidade se apropriam de uma alocação, criando esse imaginário, o tomando como realidade. Por outro lado, também existem sujeitos que nasceram e cresceram no Semiárido e, por muitas vezes, acabam (re)caindo nesses estereótipos. Isso acontece porque, de acordo com Moscovici (2001, p. 49), “[...] o indivíduo sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos”.

O processo de objetivação e ancoragem são facilitados pela comunicação, pois através dela, as imagens são difundidas atingindo um número grande de pessoas que absorvem a informação, tomando-a como verdade. Jodelet (2001, p. 29-30) afirma que “(...) a comunicação desempenha um papel fundamental nas trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual”, portanto comunicação e representação social são inseparáveis. A comunicação social possibilita a determinação das representações sociais e do pensamento, em seus

aspectos inter-individuais, institucionais e de mídia. Para isso, ela se apresenta em três pontos básicos: 1º- transmissão da linguagem; 2º- construção dos aspectos estruturais e formais do pensamento social; e 3º- formação das representações.

De acordo com Almeida (2005, p. 41), “[...] as representações estão presentes nos discursos e nas palavras veiculadas nas mensagens e imagens da mídia, cristalizadas nas condutas e nos arranjos materiais e espaciais”. E, segundo Jodelet (2001, p. 22):

[...] representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas é sempre necessário.

Ainda de acordo com Jodelet (2001), as redes de comunicação são fatores determinantes para a construção representativa. As ideias que são transmitidas através das mídias contribuem significativamente para a edificação da representação de um determinado grupo ou espaço, fazendo com que os sujeitos tenham a mesma representação sobre dado objeto. A representação social se torna, dessa forma, algo comum a um grupo de pessoas. Como expõe Moscovici (2001, p. 63), “[...] cada vez que um saber é gerado e comunicado torna-se parte da vida coletiva”.

A matriz conceitual desenvolvida por Moscovici acerca da representação social, e a sua constante presença, no meio acadêmico nas últimas cinco décadas, proporcionaram o surgimento de outros desdobramentos no campo das RS, novas abordagens foram constituídas, a exemplo da abordagem processual, onde Jodelet (2001, p. 22), destaca os processos de objetivação e ancoragem, estudando-os a partir da sociogênese, caracterizando a representação social como:

(...) uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber do senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais.

Jean-Claude Abric (2000, p. 28 *apud* ENS; DONATO; RIBAS, 2015, p. 172) apresenta a abordagem estrutural ou teoria do núcleo central, onde é necessário conhecer o conteúdo e a organização interna para identificar a RS, pois:

(...) a organização de uma representação apresenta uma característica particular não apenas os elementos da representação são hierarquizados, mas, além disso, toda representação é organizada em torno de um Núcleo Central, constituído de um ou de alguns elementos que dão conta à representações o seu significado.

Em contrapartida, a abordagem societal, de William Doise (1972), estuda as RS com enfoque sociológico, levando em consideração não apenas os fatores psicossociais, mas também os condicionantes sociais, conectando o indivíduo ao coletivo, mostrando que os indivíduos vivem em sociedade, porque são orientados por dinâmicas sociais (ENS; DONATO; RIBAS, 2015). Já a abordagem dialógica liderada por Ivana Marková (2006), que enfatiza a relação da comunicação na construção de uma representação social, afirma também que a cultura influencia significativamente na elaboração da RS (ENS; DONATO; RIBAS, 2015).

Várias abordagens da RS foram criadas e continuam sendo discutidas e estudadas, mas, ressaltamos que, na nossa pesquisa, nos embasaremos na RS, de acordo com os estudos de Moscovici e a abordagem cognitiva de Jodelet, por entender que é o conceito mais adequado para a discussão que se segue, já que esses dois autores traçam um diálogo relacionando intimamente as RS com a comunicação. E, como objetivamos construir outras representações sociais do Semiárido juazeirense, através da fotografia, meio de comunicação imagético, consideramos o mais condizente.

Como já citamos anteriormente, a representação social do Nordeste, do sertão e do Semiárido foi difundida a partir do discurso imagético que foi obtido através da literatura, dos livros didáticos, do cinema, da pintura, e da televisão que exibiam uma ideia pejorativa sobre essa região, que, de tanto ser disseminada sempre pelos mesmos ângulos, foi consolidada na mente da população. A comunicação informal ou midiática realizou essa função, no momento em que a população brasileira pouco sabia sobre a região Nordeste, utilizando a técnica de objetivação e ancoragem, maneiras de lidar com a memória dos sujeitos.

Moscovici (2015, p. 33) aponta ainda que toda informação que recebemos é distorcida por representações impostas, e:

Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nos preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos.

Porém, mesmo sendo impostas, as representações sociais não são estáveis, elas estão em constante transformação, por isso, compreendemos que é possível construir outras imagens sobre o Semiárido, pelos mesmos veículos que tiveram poder determinante na construção desse pensamento nos sujeitos, reforçando alguns estereótipos – seca, pobreza, cangaço, possibilitando o surgimento de uma nova ideia sobre a região. Como já vimos, a representação social é criada por pessoas e grupos no decorrer da comunicação, pois é impossível a criação de uma representação social por um único indivíduo. Porém, uma vez criada, elas ganham vida própria “(...) circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2015, p. 41).

De acordo com as concepções apresentadas, podemos entender como se constrói o discurso imagético do objeto; se os indivíduos se reconhecem a partir da imagem criada; e como designar outra representação social. Nesse caso, analisamos a representação social do Semiárido juazeirense criada com base em imagens estereotipadas do lugar e da população, em contrapartida com as imagens produzidas por estudantes do ensino médio, como resultado da oficina “Aprendendo a Olhar” realizada com os educandos, pois as RS se apresentam como um instrumento fundamental para a análise no campo educacional.

3.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO

Com a análise das RS existentes em instituições educacionais, por exemplo, é possível identificar as significações em torno das situações escolares e construir novos saberes. Encontramos na área educacional, portanto, um campo rico para se pesquisar representações sociais seja com grupo de estudantes, professores, diretores, ou qualquer outro membro desse âmbito, pois fornece informações para

compreender os mais variados objetos de estudos advindos da educação, com diferentes possibilidades de aplicação. E, por ser uma prática sociocultural, a educação se mostra um ambiente fértil para os estudos em RS, já que sua base está nas inter-relações pessoais e disseminação de conhecimentos adquiridos em tempos e espaços distintos.

Gilly (2001, p. 331) apresenta mais argumentos em prol dessa relação, apontando que a teoria da representação social para a educação

(...) oferece um novo caminho para a explicação de mecanismos pelos quais fatores propriamente sociais agem sobre o processo educativo e influenciam seus resultados; e, ao mesmo tempo, favorece as articulações entre psicossociologia e sociologia da educação.

No ambiente escolar, é preciso compreender os processos que envolvem a psicologia e o social, e a RS se adéqua a essa situação por seu caráter psicossocial. Conhecer os significados atribuídos pelos diferentes sujeitos que integram o espaço escolar pode colaborar a lidar com os conflitos que se estabelecem no local e compreender as relações de pertença de um grupo social, seu comportamento e autorreconhecimento dentro e fora da escola.

Ao estudar as RS de um objeto no campo educacional, o pesquisador descobrirá como tais representações foram constituídas, considerando inclusive os diversos campos que influenciaram essa construção, como os próprios veículos de comunicação. É importante salientar que as representações sociais referentes à escola devem considerar seus vínculos com outros sistemas dos quais dependem, pois todo lugar tem suas crenças e valores que são reforçados pelas práticas dos atores sociais que nesse espaço vivem e se organizam. Moscovici (2015, p. 242) aponta que “(...) todos nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas”.

Assim, no ambiente escolar, nos deparamos com uma imensidade de representações sociais acerca de diferenciados temas. RS formadas antes mesmo da aproximação com a escola, pois diferentes campos/grupos da sociedade influenciam nessa construção. A referida teoria busca entender o pensamento do indivíduo, que “(...) é influenciado pelo seu grupo de pertença, pelas regulações

internas e externas, pelo contexto social, político, econômico e cultural e por suas próprias experiências” (ENS; DONATO; RIBAS, 2015, p. 176).

Gilly (2001, p. 323) corrobora com as ideias de Ens, Donato e Ribas (2015) ao afirmar que diferentes discursos de políticos, agentes institucionais, usuários entre outros interferem nas nossas representações e pontua que

Dessa forma, é instrutivo observar como, segundo suas posições em relação à escola, os diferentes grupos (...) elaboraram sistemas de representações, e ver como as contradições a ela referentes foram tratadas e como as representações sociais estabeleceram acordos de adaptação sob a dupla pressão – de um lado, das ideologias e, de outro, das coações ligadas às finalidades e às condições efetivas de funcionamento do sistema escolar.

Desse modo, compreendemos que as representações sociais têm uma relação inerente com a educação, já que exerce influência sobre ela, pois as RS, além de explicar os aspectos da realidade, fazem parte dela. E, estudar as representações sociais no campo educativo alude apreender como são formuladas, considerando ainda as diferentes influências que contribuiram para a composição dessas representações (ENS; DONATO; RIBAS, 2015). Gilly (2001, p. 337) ressalta ainda que “(...) os sistemas de representações sociais relativos à escola não podem ser considerados independentemente de seus vínculos com outros sistemas gerais de representações sociais, dos quais dependem”.

Os estudantes chegam à escola com uma bagagem cultural advinda da sociedade em que vivem, portanto eles não estão “vazios de conhecimento”. Quando os conteúdos selecionados pelo professor são apresentados em sala de aula; e quando os educandos utilizam os livros didáticos, por exemplo, eles absorvem os conteúdos fazendo alguma relação com o que já sabem. Como aborda Gilly (2001, p. 336) “[...] os alunos não abordam a maioria desses objetos de ensino com a mente vazia de conteúdos, mas sim com um conjunto de representações “iniciais” ou “ingênuas””, que estão enraizadas em seus costumes e modos de vida.

Apesar dos estudantes já possuírem alguma representação, quando chegam ao ambiente escolar, os livros didáticos podem ser considerados como um dos grandes veículos de difusão de representações sociais na educação, já que “(...) o livro didático acaba assumindo o lugar do “senhor sabe-tudo”, e é ele que acaba, por fim por determinar o percurso de um ano letivo” (MARTINS, 2006, p. 40), pois a maioria dos professores se prende aos conteúdos ali expostos.

Para Ens, Donato e Ribas (2015, p. 176) “[...] estudar os fenômenos educativos, implica necessariamente em compreender a realidade na qual nosso objeto está inserido”, esse tipo de fenômeno está diretamente imbricado com a questão do contexto, que relaciona o conhecimento do sujeito sobre a sua realidade - a prática, com os ensinamentos apreendidos no ambiente escolar - a teoria (MARTINS, 2011). Ao estudar as relações humanas e o grau de interferência da subjetividade na construção de “conceitos coletivos”, se estuda RS, ou seja, as relações do ser humano.

Gilly (2001, p. 322) também percebe a relação íntima que se pode estabelecer entre a RS e a educação ao afirmar que a

(...) área educacional aparece como um campo privilegiado para se observar como as representações sociais se constroem, evoluem e se transformam no interior de grupos sociais, e para elucidar o papel dessas construções nas relações desses grupos como objeto de sua representação.

Diante as considerações expostas, compreendemos que a teoria das representações sociais apresenta-se como campo fecundo para as pesquisas em educação, uma vez que possibilita um entendimento dos fenômenos educativos a partir da elucidação da íntima ligação existente entre a comunicação, a linguagem, o imaginário social, e a orientação em práticas sociais. Como apontam Ens, Donato e Ribas (2015, p. 177), as RS se mostram essenciais para o desvelamento desses mecanismos de ligação, uma vez que “(...) todo processo educativo está persuadido por ideias, valores e atitudes resultantes de determinada representação. Conhecer essas representações significa desvelar a maneira como os indivíduos se comportam e se comunicam”. Essa apreensão contribuirá para nossa pesquisa, que tem o intuito de construir outras RS sobre a região do Semiárido juazeirense, por meio da imagem fotográfica, porque, além de produzir sentido e colaborar para a formação de novas representações sociais sobre esse espaço, a fotografia potencializa a aprendizagem na educação.

3.3 EDUCAÇÃO, FOTOGRAFIA E A IMAGEM FOTOGRÁFICA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

O registro de imagens como meio de comunicação e expressão é mais antigo do que a palavra escrita, basta recordarmos as pinturas rupestres para afirmarmos essa posição. Porém, a educação está tradicionalmente ligada a textos escritos, por isso a articulação entre imagem fotográfica e educação nem sempre existiu. No entanto, é fato que o uso da fotografia na área educacional propicia um diálogo enriquecedor, já que tem a capacidade de transmitir muitas informações. Sendo assim, essa relação vem sendo construída aos poucos, pois se percebe que “(...) a presença das imagens na educação escolar e sua leitura é tão necessária como a de qualquer outro texto verbal” (REBOUÇAS, 2012, p. 258).

Como destaca Hernández (2007, p. 24) é importante que o estudante aprenda a

(...) analisar, interpretar, avaliar e criar a partir da relação entre os saberes que circulam pelos "textos" orais, auditivos, visuais, escritos, corporais e, especialmente, pelos vinculados às imagens que saturam as representações tecnologizadas nas sociedades contemporâneas.

Porém, o mais comum é encontrar fotografias em livros de artes, história e geografia, não com o papel de produtora de conhecimento, mas sim, como mera ilustração, ou como legitimadora do que está escrito. Como destaca Buoro (2003), as imagens expostas como decoração nos livros didáticos são praticamente emudecidas, não transmitindo significados aos professores e muito menos aos estudantes, que acabam não se apropriando da linguagem visual no ambiente educacional. Ou ainda, se o texto for muito longo, as fotografias servem para quebrar o ritmo uniforme da leitura (CAMPANHOLI, 2014). Isso acontece, pois as imagens visuais no ensino não têm a mesma relevância do texto escrito, contudo como aponta Oliveira (2009, p. 1) “[...] é necessário observá-las como um diferente, como um interlocutor privilegiado do texto escrito, compartilhado no texto cultural, com suas especificidades materiais e formais e história própria”. Devemos entender que a fotografia, música, gráfico, cinema são formas de comunicação tão eficazes e importantes quanto as palavras. E Hernández (2007, p. 24) enfatiza que compreender como esses meios de comunicação funcionam e saber suas regras

“(...) é tão importante como fazer com que uma frase funcione”, tenha sentido e seja assimilada.

Quando trabalhada adequadamente no processo educacional, a fotografia favorece ao bom desenvolvimento e aprendizado dos educandos, que independentemente da faixa etária, são facilmente atraídos por ela, devido a simpatia e atração que têm por esse tipo de informação. Como apontam Simas, Ramos e Paiva (2017, p. 8)

[...] muitos dos estudantes têm o texto escrito como desinteressante, então quando o docente leva para sala de aula a fotografia, que faz parte do cotidiano da maioria dos estudantes, aproximando o conteúdo com a realidade vivenciada por eles, estes fixam sua atenção e apreendem a disciplina com mais afinco.

Essa prática ainda desconstrói os processos hierárquicos enraizados no cenário educacional, promovendo diálogos, e despertando no estudante o gosto em aprender por meio da linguagem visual. Pois, em uma sociedade contemporânea que vem passando por profundas modificações, os processos educacionais também precisam evoluir, e se adequar as tendências tecnológicas que colaboram com o desenvolvimento e facilitam a absorção dos conteúdos. Nesse aspecto, Nunes (2010, p. 52) ressalta que

A interação dos alunos com as novas tecnologias interfere diretamente nas maneiras que esses se relacionam com o ensino e com a aprendizagem escolar, pois a ênfase das instituições escolares em apenas alguns meios de expressão e de comunicação já não atende as necessidades dos estudantes que aprenderam a conviver com a variedade visual.

E, a inserção da fotografia no ambiente educacional, acaba reestruturando a forma de ensino, suscitando novas formas de comunicação, linguagem e construindo novas representações sociais dos estudantes sobre diversificados assuntos.

A fotografia pode ser ainda considerada matéria inspiradora de outras práticas educativas, pois possibilita interpretações diversas do que foi retratado, leituras múltiplas de uma única imagem. De acordo com Gomes e Silva (2013, p. 6),

[...] a imagem é uma ferramenta mediadora do conhecimento, da aprendizagem significativa e da percepção e apreensão de sentidos reais e concretos. A fotografia, por seu turno, é a retratação visual dos discursos muitas vezes os mais silenciados e os que mais produzem sentido.

A fotografia pode auxiliar no modo de ver o mundo, e está presente na pesquisa do cientista; na averiguação do investigador; na publicidade de moda; e por que não na aprendizagem do estudante? A fotografia é uma forma de expressão, que comunica, informa, e está presente de maneira intensa na vida das pessoas, principalmente dos jovens, que compõem uma geração totalmente visual e tecnológica, que “necessita” registrar todos os seus momentos, produzindo imagens que podem ser excluídas ou substituídas caso não seja do gosto de quem fez, ou de quem observa, mas que comprovem algo; e são guardadas em álbuns virtuais ou postadas nas redes sociais, por exemplo. E, possibilitam ainda voltar àquele instante quantas vezes quisermos, ativando nossa memória e fazendo-nos reviver as mesmas emoções, ou permitindo uma nova interpretação sobre o momento registrado.

A atual facilidade de acesso à imagem fotográfica pode simbolizar democratização do conhecimento, ou alienação dos consumidores, que são estimulados a produzirem e divulgarem suas fotografias, sem nenhum critério ou preocupação com os conteúdos existentes na imagem, ou com a repercussão que podem tomar. Diante desse cenário, o espaço educacional pode desempenhar papel inovador no processo de aprendizagem, ao incitar os estudantes a fugirem um pouco das *selfies*, que muitas vezes, os expõem exageradamente, e produzir fotografias relacionadas a conteúdos estudados em sala de aula, por exemplo.

Na concepção de Alves (2008, p. 3)

A fotografia está presente na vida de todos os indivíduos a partir do século XX, não se resguardando, a classes socioeconômicas e culturais. Sua utilidade permite que o educador possa reduzir as distâncias com seu aluno. A proximidade que a fotografia pode trazer à sala de aula é uma significativa contribuição, possibilitando surgir também experiências e participações muito difíceis de serem expressas através das palavras.

Aproveitando as potencialidades da fotografia e a simpatia dos estudantes por essa mídia, os professores podem utilizá-la, facilitando a interação, promovendo diálogos, auxiliando na memorização dos conteúdos, e possibilitando um ensino, onde o educando também seja produtor de conhecimento, fugindo da ideia colonizadora e hierárquica, onde apenas os docentes e os livros didáticos são detentores do conhecimento. Essa última possibilidade de uso da fotografia na educação assinala a necessidade urgente de contextualização do aprendizado, uma

vez que, os educandos precisam trazer para dentro da sala de aula, seu cotidiano, suas experiências, e o professor, conhecendo essa realidade, deve ajudá-los a interligar os seus saberes, seus olhares sobre o cotidiano, com as questões que devem ser apreendidas na sala de aula. Porém, muitos docentes não julgam válidas as experiências de subjetividade dos estudantes, assim como observa Hernández (2007, p. 37) ao apontar que essas vivências

(...) não costumam ser levadas em conta pelos docentes, entre outras razões, porque as consideram pouco relevantes, a partir do enfoque do ensino centrado em alguns conteúdos disciplinares e em uma visão da Escola de cunho objetivista e descontextualizado.

Devido a fotografia ser um texto não-verbal, que apresenta elementos intertextuais, ela pode ser utilizada por vários enfoques, em diferentes disciplinas, contextualizando o saber (DARDAQUE; FERRARI, 2013). Esse emprego estimula o aprendizado, e como enfatiza Oliveira (2009), tudo que aprendemos deveria passar não só pelos ouvidos, mas também pelos olhos, para que, dessa forma, ficasse impresso na imaginação. Na mesma perspectiva Manguel (2001, p. 21) expõe que, “Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requeria imagens”, para fixar mais facilmente as informações. Já que, o que vemos tem mais influência em nossa capacidade crítica, do que o que ouvimos ou lemos, pois as imagens despertam mais a subjetividade (HERNÁNDEZ, 2007).

É importante ressaltarmos que a fotografia não deve substituir os textos escritos, ou outras fontes de informação, nem ser tomada como verdade incondicional, pois sabemos que no seu processo de feitura, o fotógrafo está imerso em determinado contexto e acaba incluindo e excluindo elementos de acordo com a sua intencionalidade. Sendo assim, a imagem fotográfica obtida, na perspectiva de Mussoi e Santos (2008, p. 8) “[...] é o resultado da materialização do espaço num tempo histórico”. Manguel (2001, p. 24) corrobora da mesma ideia ao declarar que “(...) as narrativas existem no tempo, e as imagens no espaço”. Podemos afirmar então, que a imagem fotográfica, assim como os textos verbais, são construídos por pessoas reais, inseridas em um tempo, espaço e contexto histórico. Dessa forma, o objeto “(...) produzido pelo artista é resultado de um processo de construção de um discurso significativo, que tem por objetivo comunicar ideias, pensamentos e ações sobre as relações entre os sujeitos produtores e o mundo em que vivem” (BUORO; COSTA, 2012, p. 88).

A fotografia ainda é capaz de estimular a interação dos sujeitos com o meio em que habitam de maneira criativa e atraente, podendo despertar sentimentos e causar mudanças de concepções sobre o assunto pesquisado, constituindo outras representações sociais. Nesse sentido, Nunes (2010, p. 12) aponta que “As imagens contribuem para a composição dos olhares sociais e através delas percebemos as diversas identidades e representações”.

E, o ato de fazer uma imagem de acordo com Santana e Moura (2014, p. 104), é

[...] um momento único, onde a realidade do meio é representada no ângulo que o fotógrafo deseja transmitir. O trabalho do fotógrafo permite que cada indivíduo que realiza a leitura da imagem através dos detalhes e do próprio conhecimento, faça a sua leitura particular do fenômeno observado.

Dessa forma, cada fotógrafo e cada observador possuirá um olhar diferenciado sobre a construção de uma imagem que prende a sua atenção e sobre a interpretação da mesma, provocando uma reflexão sobre a cena retratada, e possibilitando discussões construtivas que partem do subjetivismo do olhar. Isso ocorre, porque, como afirmam Gomes e Silva (2013, p. 345), a imagem fotográfica “(...) é um complexo de relações e simulações situadas em um contexto, por isto, não se pode prever com exatidão o que alguém vai pensar, sentir ou dizer diante de uma fotografia”.

Além de suscitar o olhar crítico, a fotografia aproxima o estudante da sua realidade. Nesse sentido, Oliveira (2009, p. 7) discute que “(...) o professor necessita conhecer a realidade dos estudantes para que possa incluir fotografias para que estes se adaptem com o espaço ou a situação a ser discutida”, reduzindo “(...) a distância entre as realidades, necessária à aprendizagem, despertando o interesse, dando margens a busca de conhecimentos”.

Manguel (2001, p. 32) expõe que não sabe “(...) se é possível algo como um sistema coerente para ler as imagens, similar àquele que criamos para ler a escrita”, mas mesmo assim, para que a parceria entre fotografia e educação tenha um bom desempenho, é necessário que os estudantes, entendam o processo de produção fotográfica, e se apropriem do mesmo, para que desse modo, possam disseminá-lo.

Como a utilização da imagem fotográfica na sala de aula é bem ampla e apresenta particularidades metodológicas, é interessante a grade curricular permitir que o educador, em alguma de suas aulas, apresente um breve histórico da

evolução da fotografia, mostrando aos estudantes as várias transformações pela qual passou ao longo dos anos, sua função na sociedade e seu potencial educativo (DARDAQUE; FERRARI, 2013). Pois dessa forma, além da atração quase inata que sentem pela fotografia, criarão um laço mais forte de envolvimento.

As imagens podem ser disponibilizadas para os estudantes por meio impresso ou digital, através de computadores ou aparelhos de *data show*. E, o seu uso como meio de informação, produtora de sentidos e formação crítica, deve iniciar com uma provocação do professor, para que os estudantes observem as principais características da linguagem visual, e passem a contemplá-la com criticidade. Como apontam Mussoi e Santos (2008, p. 2) “Cabe à escola como instituição e aos professores como agentes do conhecimento, a responsabilidade por este processo de formação dos sujeitos que enfrentarão os novos paradigmas da sociedade contemporânea”. Só então, o emprego da fotografia no ambiente educacional poderá auxiliar na obtenção de conhecimento, melhor comunicação, constituição de um pensamento reflexivo, relação grupal e também na construção de novas representações sociais. Nessa perspectiva, Nunes (2010, p. 46) destaca que essa metodologia de ensino

(...) está concentrada em questionar, explorar e desvendar as experiências culturais dos sujeitos. Procura desencadear reflexões para um processo de ensino e de aprendizagem contextualizado e crítico, problematizando as imagens de maneira reflexiva e construtiva.

Assim, durante as aulas, os docentes podem utilizar fotografias que estejam contextualizadas com a temática abordada, por meio de fotos aéreas, artísticas, documentais e antigas, pois são fontes infinitas de dados e informações, que materializam espaços e tempos, muitas vezes nunca visitados antes, possibilitando conhecer vários locais sem a necessidade de se deslocar. Ou, fotos feitas pelos próprios estudantes, que a depender do assunto trabalhado, enriquecerá ainda mais a discussão, já que o educando produzirá seus saberes, a partir do seu olhar singular.

Para que a fotografia seja utilizada de forma adequada com os educandos, é necessário seguir três procedimentos: 1º observação, ou seja, identificar os elementos contidos na imagem, que pode ser de forma instintiva (quando o próprio leitor apresenta o que mais atraiu o seu olhar) ou dirigida (quando o leitor utiliza um

roteiro com perguntas definidas como: O que a foto mostra? Que lugar é esse? Quem está na imagem? Em que época ocorreu o fato?), e pode ter caráter temático, geral ou comparativo; 2º análise, que almeja atribuir sentido aos signos presentes na foto, fazendo relações entre os elementos identificados, permitindo descobrir como o discurso foi construído; e 3º a interpretação, que busca possíveis sentidos e explicações para os signos encontrados na fotografia, tanto isoladamente, quanto em conjunto (MUSSOI; SANTOS, 2008). Após essas três etapas, um texto verbal pode ser construído como resumo e registro dos sentidos desvelados e identificados na leitura da imagem.

Ainda de acordo com Mussoi e Santos (2008, p. 14), a leitura de imagens “(...) pode conduzir o aluno a reconhecer também os elementos não visíveis da paisagem, que num primeiro momento não foram objeto de observação como aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais”. Assim, fica fácil compreender os significados expressos na fotografia, tornando as aulas dinâmicas, envolventes e prazerosas. Nunes (2010, p. 48) frisa que as atividades feitas com leitura de imagens, fazem com que os estudantes percebam as relações que elas exercem com o cotidiano, fazendo com que consigam “(...) contextualizar, interpretar, produzir e compreender os possíveis sentidos que cada imagem reproduz e como isso se relaciona a suas experiências pessoais”. Porém, como já afirmamos anteriormente, a cultura escolar não prepara os estudantes para lerem imagens, por isso, nos momentos de inserção da fotografia na sala de aula, o docente deve estimular esse olhar curioso. Pois, assim, como destacam Mussoi e Santos (2008, p. 8),

A observação de uma imagem fotográfica fornece pistas da realidade segundo o olhar de quem a produziu, cabendo ao professor a tarefa de estimular os alunos para descobrir o significado dos elementos presentes na imagem, que poderão ser revelados através de sua leitura.

Durante esse exercício, o leitor se depara com a linguagem visual, surge a possibilidade de construir significados que são dispostos pela imagem, que muitas vezes traça o caminho que deve ser percorrido pelo olhar, oportunizando a apreensão dos significados. Dessa maneira, “(...) o olhar leitor segue os caminhos configurados pelas cores, pelas linhas, pelos ritmos, ou seja, pela construção discursiva realizada pelo artista” (BUORO; COSTA, 2012, p. 98).

Contudo, apesar da imagem “guiar” o olhar do observador, a linguagem visual, em especial a fotografia, apresenta caráter conotativo, pois possibilita diversas interpretações, que podem não coincidir com a intenção do fotógrafo no momento da captura, mas geram compreensão e respeito sobre as variadas formas de olhar para uma imagem, e refletem “(...) o que um sujeito pensa sobre determinado assunto ou situação, denunciando pontos de vista e percepções sobre uma realidade” (NUNES, 2010, p. 49). Seja qual for a interpretação, as fotos contêm informações que contribuem para o desenvolvimento da leitura crítica, facilitando, como já abordamos, a concepção das temáticas apresentadas em disciplinas, como: história, geografia, inglês, português, filosofia, dentre outras.

Vale destacar, que a leitura crítica da fotografia vai muito além da descrição dos elementos, ela requer atenção no momento de sua compreensão, uma vez que, oferece diversos signos que devem ser interpretados pelo observador, de modo a agregar significados aos elementos, fazendo com que a imagem crie sentido e comunique conhecimento. De acordo com Manguel (2001, p. 29) as “Leituras críticas acompanham imagens desde o início dos tempos, mas nunca efetivamente copiam, substituem ou assimilam as imagens”, pois assim como a linguagem visual, as leituras são subjetivas e moventes.

Quando expomos que a leitura da fotografia deve ser atenta, não queremos dizer que ela possui um caráter complexo, mas sim que, devido a um contexto histórico educacional, que não exercita a criticidade, as pessoas não são habituadas a ler imagens, assim como são treinadas para decodificar alguns textos escritos. Pois, quando se trata de imagens, como aponta Campanholi (2014, p. 9)

O olhar do aluno é acostumado, desde a infância, a codificar as informações imagéticas que chegam pelas TVs, computadores, panfletos, outdoors: imagens que se apresentam como verdade, mesmo que não sejam, por isso é necessário que na sala de aula os discentes aprendam a ver essas informações imagéticas de forma crítica.

Com a avalanche de imagens que recebemos todos os dias, em todos os ambientes, acabamos perdendo a capacidade de olhá-las criticamente, pois estamos tão habituados a ver imagens, que nosso olhar é rápido, desatento, sem nenhuma sensibilidade, pois os avanços tecnológicos contribuíram para a alteração da nossa percepção. Rebouças (2012, p. 257) destaca que

Para os leitores apressados, ali estão formas e cores distribuídas num espaço planar que provocam determinados efeitos, como o de surpresas, admiração, outras vezes de estranhamento, ou ainda sensações de familiaridade, de identificação, que provocam desejos. Elas mesmas impõem um modo de presença que lhes é singular, se consideradas em suas características puramente plásticas, contudo tomadas em blocos e numa leitura que as considere tanto como objeto de comunicação como de expressão, exigirão um percurso de leitura que apontará outros sentidos que esse olhar apressado não apreende.

Por isso, se faz essencial aprender a interpretar as imagens fotográficas, uma vez que, qualquer pessoa pode fazer uma foto, com o simples ato de pressionar um botão, mas decifrar os signos presentes em uma imagem não é fácil, e depende muito da bagagem cultural que o observador da fotografia possui (KOSSOY, 2014). Isso, porque quanto maior for o repertório de conhecimento do leitor, maior será as significações e associações a organizar em torno da imagem. E, se esse repertório for limitado, a análise e interpretação poderão ficar presas ao senso comum.

Durante o processo de leitura de qualquer imagem, é importante que o docente esteja atento para orientar os estudantes sobre essas múltiplas possibilidades de interpretação, perpassando por variados pontos de vista, como elementos presentes na fotografia, pintura ou ilustração, seu posicionamento e grau de hierarquização, para que não sejam atraídos por uma unanimidade, pois é preciso fugir da obviedade descritiva. Rebouças (2012, p. 248) enfatiza que “(...) a leitura é um processo de interação, entre o texto, o autor e o leitor, e estes inseridos em determinado contexto histórico-social, cabendo ao professor favorecer essa interação no ambiente escolar”.

Mussoi e Santos (2008) apontam que se deve permitir que cada pessoa faça sua leitura, a partir de seus conhecimentos, por isso, para viabilizar o processo, é interessante que o docente, ao expor as imagens, também apresente um pouco sobre quem foi/é o autor de tal foto, em que contexto foi produzida e com qual finalidade. Dessa maneira, o estudante estará ciente do contexto no qual a imagem foi produzida, já que a fotografia é um recorte de instantes selecionados pelo fotógrafo, ou seja, alguns elementos ficam de fora do enquadramento.

A questão do enquadramento da cena é muito importante, pois a partir da intenção do fotógrafo, ou de quem irá divulgar a imagem, a realidade pode ser distorcida. Temos como exemplo, a imagem a seguir (figura 05), onde no primeiro recorte, um soldado direciona o fuzil na testa de outro que se encontra caído no

chão (mal); no último, um soldado dá água na boca do homem caído (bom); e no enquadramento central identificamos três soldados, onde um fornece água ao que está caído, e o terceiro ajuda a segurá-lo, e no campo superior esquerdo, visualizamos o cano de uma arma, segurada por um quarto soldado, que não compõe o enquadramento (real) [CORREIA, 2017]. Essa montagem chama a atenção para o fato de que uma mesma fotografia pode ter perspectivas bem diferentes.

Figura 05: Enquadramento



Fonte: <http://www.osvigaristas.com.br/imagens/a-realidade-pode-ser-distorcida-10553.html>

Para não cair nessas “armadilhas” que a imagem fotográfica pode ocasionar, o educando pode fazer consultas em livros, vídeos, internet, entre outros suportes para aprofundar sua análise. “Como intermediário desse procedimento, o educador deve incentivar a posição crítica do estudante, que deve problematizar os signos contidos na imagem e também o contexto, o motivo que levou aquela produção” (SIMAS, RAMOS, PAIVA, 2017, p. 7). Os signos devem ser compreendidos, de acordo com Santaella (2007), como algo que representa o objeto para um interpretante; e o contexto é o conjunto de circunstâncias que ajuda a decifrar a imagem. Dessa forma, os educandos compreenderão de forma mais fácil, já que as imagens ficam gravadas na mente.

Campanholi (2014, p. 7) expõe que os Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs “(...) incorporam a leitura e análise de imagens como fator importante do aprendizado, todavia ao adentrarem a sala de aula, poucos docentes utilizam desta linguagem visual”. E, os PCNs de Arte consideram a imagem um objeto artístico que colabora com a “(...) produção cultural, documento do imaginário humano, de sua historicidade e de sua diversidade” (BRASIL, 1997, p. 32). Porém, mesmo tendo consciência da potência das imagens na educação, ela é pouco utilizada porque requer atenção e planejamento, e muitos professores sobrecarregados, acabam adotando o caminho mais cômodo; sem citar os livros didáticos, que trazem as imagens fotográficas como meras ilustrações, sem nenhuma discussão consistente em torno das mesmas, e os educadores são “obrigados” a trabalhar com eles na sala de aula (CAMPANHOLI, 2014).

Diante desse cenário, percebemos que “A escola prevê sujeitos com formação homogênea, regulados e normatizados, quando a realidade impõe sujeitos autônomos, criativos e mutáveis” (NUNES, 2010, p. 54). Por conseguinte, para que o uso da fotografia no ambiente educacional seja feito de forma correta, é imprescindível que os discentes dos cursos de licenciatura, pedagogia e/ou formação continuada tenham disciplinas, voltadas às formas de uso das imagens fotográficas e também de outras tecnologias da informação e comunicação para que aprendam como trabalhá-las na prática docente (CAMPANHOLI, 2014). Por isso, se faz necessário pensar e pesquisar sobre a melhor maneira de apresentar o potencial das imagens durante a graduação, para que esses futuros docentes saibam como utilizar a fotografia e outras tecnologias no ambiente educacional. Pois, como expõe Campanholi (2014, p. 10)

Um dos maiores problemas na utilização de fotografias em sala de aula é a despreparação do docente na utilização desta ferramenta, visto que nos cursos de formação docente pouco se tem conhecimento de disciplinas e/ou aulas que permitam a compreensão das mesmas.

Percebemos assim, que a formação do docente ainda é falha em relação ao uso da fotografia e de outras tecnologias no processo educativo. Podemos citar como exemplo, os dois cursos de Pedagogia (modalidade presencial) ofertados em universidades públicas nas cidades de Juazeiro e Petrolina, onde verificamos essa situação. Na graduação em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - Uneb,

das 85 disciplinas oferecidas, apenas três (Arte e Educação - 60h, Educação e Tecnologia da Comunicação e Informação - 30h, e Artes Visuais na Contemporaneidade - 30h) sugerem a utilização da fotografia no ensino. Na matriz curricular do curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco (UPE), identificamos que das 53 disciplinas, somente uma (Arte-educação - 45h) possibilita brevemente a discussão sobre a imagem fotográfica, dependendo do conhecimento e interesse do professor sobre essa linguagem que também produz conhecimentos.

Reafirmamos, portanto, que o estudante de pedagogia e outras licenciaturas, precisam de uma formação acadêmica voltada também as questões imagéticas, para que o futuro docente tenha autonomia para trabalhar com fotografias em sala de aula. É preciso que tenha conhecimento do que está propondo para os estudantes, a fim de não apresentar a fotografia como um passatempo ou simples ilustração, e sim, para auxiliar na compreensão dos assuntos e na produção de novos conhecimentos.

Devido essa formação carente no âmbito das imagens, a maioria dos trabalhos desenvolvidos no espaço escolar, envolvendo fotografia, raramente ocorre durante as aulas, por iniciativa do professor. As experiências são geralmente, desenvolvidas a partir da criação de algum projeto que almeja mostrar a potência da fotografia em determinada disciplina, e são sempre pontuais, com previsão de início e término. A seguir iremos expor oito estudos que relacionam educação e fotografia de formas diversificadas.

Ao pesquisar no banco de dados de dissertações e teses da Capes e em revistas acadêmicas, trabalhos que apresentam a articulação entre fotografia e educação, encontramos o artigo “A fotografia como ferramenta mediadora no processo ensino/aprendizagem da língua inglesa com os alunos do 6º ano” produzido por Dardaque e Ferrari (2013), que utilizaram a fotografia em sala de aula como ferramenta mediadora no processo ensino/aprendizagem da língua inglesa com alunos do 6º ano, de uma escola da rede municipal do Paraná, a qual não foi divulgada o nome, objetivando “(...) utilizar a fotografia como ponto de partida para trabalhar a integração das práticas de leitura, escrita, oralidade e compreensão oral em língua inglesa” (DARDAQUE; FERRARI, 2013, p. 2). A proposta de inserir a fotografia na sala de aula foi elaborada durante o Programa de Desenvolvimento Educacional 3 (doravante PDE), em 2013, um programa de formação continuada

oferecida aos professores da rede estadual de ensino do Paraná, que objetiva uma dinâmica de discussão e construção de conhecimento.

Para a realização dessa proposta foi elaborado um caderno didático-pedagógico para despertar o interesse dos estudantes pela fotografia, o que acabou envolvendo-os, e os resultados foram satisfatórios. Durante as aulas, os estudantes conheceram a história da fotografia, seu uso no passado e, atualmente, compararam as câmeras antigas e modernas, e a forma de revelação. Também aprenderam sobre a importância da fotografia para registrar momentos e pessoas, e experimentaram a fotografia amadora com a câmera Pinhole, que eles mesmos produziram. Os próprios estudantes fizeram as fotografias, retrataram locais com nomes em inglês, fotografaram lugares da cidade que mais gostavam, expuseram fotos dos familiares, e apresentaram essas imagens na língua inglesa. Assim, o uso da fotografia facilitou a aprendizagem de outro idioma, e tornou as aulas mais interessantes e agradáveis, onde os próprios estudantes produziam os conteúdos a serem trabalhados. Mas, apesar da ação ser desenvolvida nas aulas de inglês, a experiência foi fruto de um projeto pontual.

Em outra pesquisa, “A fotografia como recurso didático no ensino de geografia”, desenvolvida no estado do Paraná, Mussoi e Santos (2008) não realizaram experiência de campo, mas destacaram o uso da fotografia como uma linguagem educacional que pode auxiliar os professores de geografia do ensino fundamental e médio, na leitura e interpretação dos espaços. E, elaboram um roteiro para a utilização da imagem fotográfica no ambiente educacional. Esses pesquisadores (2008, p. 3) esclarecem que

Este roteiro tem como ponto de partida as experiências docentes de mais de uma década no trabalho com fotografias, realizadas com os alunos do Colégio Estadual Floriano Peixoto do Município de Laranjeiras do Sul e as discussões no Grupo de Trabalho em Rede – GTR3 do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná – PDE4, fundamentado nas Diretrizes Curriculares de Geografia para o Ensino Básico do Estado do Paraná – DCEs5 e nos vários estudos já publicados, abordando este tema nos mais diferentes enfoques.

O roteiro é estruturado em tópicos. No primeiro, apresenta uma reflexão sobre o papel da Geografia, em tornar o mundo mais compreensível por meio da leitura e interpretação do espaço. Nos dois tópicos seguintes, aborda os conteúdos estruturantes e os materiais didáticos, de modo a proporcionar acesso das imagens

aos educandos. No capítulo referente aos procedimentos metodológicos, apresenta um conjunto de ações que podem ser desenvolvidas na disciplina de geografia, por meio da leitura de paisagens pela fotografia, com os seguintes passos, observação, análise e interpretação que devem ser realizados para a compreensão da imagem. Apresentando ainda fontes de pesquisas fotográficas, banco de imagens, direitos autorais, dentre outros. Na proposta de avaliação, o roteiro reflete sobre possibilidades que a fotografia oferece como linguagem de expressão dos estudantes, para ser utilizada também pelos docentes como instrumento avaliativo. E, nos dois últimos tópicos, mostram sugestões de leitura para os professores que desejarem aprofundar seus conhecimentos, e as referências utilizadas na construção do roteiro.

Localizamos também o estudo “A fotografia como instrumento para a consciência socioambiental”, uma experiência relatada pelas autoras Santana e Moura (2014), que definem a fotografia como instrumento educativo para o estudo da educação ambiental e o desenvolvimento da consciência socioambiental nos estudantes, desenvolvendo reflexão e prática investigatória, na medida em que a fotografia fornece informações sobre lugares, pessoas e momentos. Nessa prática, a linguagem fotográfica aproxima o educando da realidade do lugar a ser analisado. Essa pesquisa foi desenvolvida em três escolas públicas, as quais não tiveram seus nomes divulgados, duas no município de Londrina, e uma em Cambé, ambas no Paraná, por meio de oficinas, onde as comunidades também foram envolvidas. As oficinas despertaram a atenção dos participantes, com exercícios e dinâmicas, utilizando imagens fotográficas que apresentavam signos da preservação do meio ambiente.

Nessa experiência, os participantes não produziram fotografias, mas observaram e analisaram as fotos apresentadas a eles. Também realizaram trabalhos de campo, para que os participantes fizessem suas observações pessoalmente sobre situações de assoreamento, desmatamento, e os tipos de construções existentes no local, por exemplo (SANTANA, MOURA, 2014). As autoras (2014, p. 106) destacam ainda que “(...) As diversas causas das interferências do homem frente a natureza pode ser melhor compreendida por meio da imagem, em que se transmitem as diversas consequências que essa relação gera ao meio”. O objetivo foi expor a potência da linguagem fotográfica na educação ambiental, discutindo o valor das imagens, ao analisar as interferências do homem

sobre a natureza; despertando o olhar crítico e a afetividade com o lugar fotografado; e o desenvolvimento de atividades que incitaram a mudança das ações da sociedade perante o meio ambiente. A fotografia proporcionou uma fácil assimilação entre os conteúdos, onde os educandos interligaram os conceitos com a realidade.

Já, na pesquisa “A utilização das imagens e fotografias como recursos didáticos para a espacialização dos conteúdos”, desenvolvida na Escola Municipal Gildásio Pereira Castro em Vitória da Conquista, na Bahia, os autores Santana, Lebrão e Nogueira (sem data) analisaram o uso de imagens e fotografias como recursos didáticos no processo de ensino, nas aulas de geografia do Ensino Fundamental, valorizando os sujeitos que as leem, partindo do conhecimento de mundo de cada indivíduo. Após observarem uma determinada quantidade de aulas não descritas no texto da pesquisa e fazer entrevistas com professores e estudantes (que também não foram quantificados na publicação dos resultados dessa investigação), os pesquisadores perceberam que os docentes têm dificuldades com a espacialização dos conteúdos, se prendendo apenas as informações contidas nos livros didáticos. E, em contrapartida apontaram que a maioria dos estudantes sente falta de imagens e sons nas aulas de geografia, e gostam, das poucas vezes, que os professores utilizam fotografias e vídeos para explicar os conteúdos.

Encontramos também a pesquisa “Fotografia: o transversal e a educação” realizada por Gomes e Silva (2013), que apresenta reflexões teóricas e observações de campo sobre a imagem inserida na educação, e os processos de produção de sentido, compreendendo a imagem fotográfica “(...) como instância produtora de sentidos transversais” e “(...) como matéria inspiradora de práticas educativas abertas e multirreferencializadas” (GOMES; SILVA, 2013, p. 344). O trabalho expõe a experiência realizada no Ponto de Cultura da Associação Educativa Cultural - Tarcília Evangelista de Andrade (AEC-TEA), localizado na cidade de Capim Grosso, na Bahia, que atende crianças e jovens de várias classes sociais. O AEC-TEA utiliza a fotografia para promover o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, e também proporcionar um novo olhar perante a sociedade.

Além da discussão teórica expressa nessa pesquisa, os autores analisam quatro fotografias feitas pelos estudantes do AEC-TEA, ressaltando a produção de sentidos, e percebem que, mesmo estimulando o pensamento crítico-discursivo dos educandos, é necessário que seja feita primeiro a construção de uma aprendizagem efetiva, e depois uma interação social do sujeito. E, destacam que o uso da

fotografia nas práticas educativas promove relações comunicativas mais críticas e uma aprendizagem autônoma e significativa (GOMES; SILVA, 2013).

Na dissertação “A construção do conhecimento pela fotografia: uma experiência criativa com alunos de ensino médio”, de Albuquerque (2013), o pesquisador estuda a imagem fotográfica como produtora de conhecimento e sua potencialidade pedagógica, na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz), localizada em Manguinhos, Rio de Janeiro, que, por meio do Projeto Pedagógico “Acampamentos Pedagógicos Mandala”, realiza a experiência de produção de imagens. Esse autor explica que, no acampamento, são realizadas oficinas fotográficas que tentam explorar dos participantes o máximo de criatividade e criticidade sobre aquilo que é fotografado. E, as imagens produzidas possibilitam uma construção reflexiva do lugar que se difere da agitação do espaço urbano, o qual a maioria está acostumada.

As imagens exibidas nessa pesquisa foram feitas entre 2008 e 2011, por participantes do acampamento, e algumas acompanham o texto escrito, e foram analisadas a partir da sua historicidade e diálogo com os textos. As fotografias produzidas dentro do Projeto Mandala possibilitaram aos estudantes entendimento e reflexão das produções imagéticas, compreendendo a cultura como produção simbólica e histórica da sociedade (ALBUQUERQUE, 2013).

Em outra pesquisa intitulada “Práticas educacionais com o celular: o olhar fotográfico de jovens de Petrolina e idosos de Juazeiro”, realizada nas cidades de Juazeiro- BA e Petrolina- PE, as autoras Pereira e Simões (2016) trabalharam a fotografia como geradora de sentido e produtora de discursos, tendo como público alvo estudantes do ensino médio da Escola Estadual Professor Simão Amorim, em Petrolina, e idosos da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), na Uneb, em Juazeiro. Nessa experiência, as pesquisadoras realizaram oficinas fotográficas abordando temáticas como: noções sobre educação, história da fotografia, técnicas de composição fotográfica, técnicas do uso do celular para produção de fotos, e realizaram saídas fotográficas. Além disso, aplicaram questionário antes do início das oficinas e no término da experiência para identificar porque os estudantes se interessaram em participar e o que aprenderam.

Nas saídas fotográficas ocorridas na Praça da Bandeira, em frente à Catedral de Nossa Senhora das Grotas, e na Orla II em Juazeiro; e na Petrolina Antiga, os participantes da oficina, além de fotografarem os dois ambientes, também

conheceram um pouco mais sobre a história dos locais que visitavam, a partir das explicações feitas por um professor de História que acompanhou a jornada. E, após as saídas foram selecionadas 40 fotografias para compor uma exposição fotográfica. As imagens escolhidas possibilitaram observar “(...) o olhar fotográfico dos jovens e idosos, o avanço reflexivo e o empoderamento após as oficinas temáticas e práticas” (SIMAS; RAMOS; PAIVA, 2017, p. 10).

Identificamos ainda, a dissertação “A fotografia como dispositivo na construção do conhecimento geográfico: a experiência no Mocambo”, de Correia (2017), que objetivou compreender a fotografia, sua produção e leitura como dispositivo metodológico no ensino de geografia nas turmas do 9º Ano do Ensino Fundamental e o 1º Ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Quilombola 27 de maio, no povoado de Mocambo, localizado em Porto da Folha, em Sergipe. O pesquisador entrevistou os estudantes e realizou oficinas que debateram sobre composição fotográfica, globalização, fauna e flora. Também instigou os participantes a fotografarem o local onde vivem, e depois, com as fotos prontas, os educandos criaram legendas para as produções, discutiram e analisaram coletivamente as imagens, relacionando-as com narrativas orais e textuais. E, para coletar mais dados, Correia (2017) entrevistou o professor da disciplina de geografia para entender como acontece o uso da fotografia em sala de aula. E identificou que o uso da imagem fotográfica ainda é muito restrito a representação ilustrativa e pouco crítica. Mas, se usada de forma potencial pode ser uma aliada no processo de ensino-aprendizagem.

As experiências citadas acima foram algumas das encontradas nas buscas que fizemos nos bancos digitais da Capes e outros grupos de pesquisa que focam na questão da fotografia e educação. E elas comprovam que o uso da fotografia como na sala de aula ajuda na apreensão dos conteúdos, atrai a atenção dos estudantes, possibilita novas concepções, colabora na construção de representações sociais e facilita o ensino-aprendizagem, porém poucas instituições escolares e professores utilizam a fotografia, por não saberem como trabalhá-la. Outro quesito que podemos destacar nas pesquisas expostas é que a maioria trabalhou a fotografia de forma pontual na realização de um projeto na sala de aula.

Com base nessas experiências, a proposta construída na nossa pesquisa se difere por, além de trabalhar a fotografia no ambiente educacional, ainda utilizá-la para construir novas representações sociais sobre o Semiárido juazeirense. Já que,

a fotografia pode ser considerada “(...) como ciência da representação, ou seja, a ciência que pensa os modos de representar os espaços [...]” (CORREIA, 2017, p. 60). Contribuindo também para o desenvolvimento da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (Ecsab), uma vez que, nesta experiência, a fotografia articulada com a educação possibilitou interligar os conhecimentos dos estudantes adquiridos no cotidiano, com as teorias expostas na oficina.

4. TERRITÓRIO DO SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE E A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

4.1 REPRESENTAÇÃO DO TERRITÓRIO SEMIÁRIDO DE JUAZEIRO

Territórios Semiáridos é um conceito complexo de se definir, pois delinea espaços geográficos que não são homogêneos e possuem características educacionais, culturais, políticas, ambientais, sociais, identitárias e antropológicas ímpares, cada um com suas particularidades. Nesse sentido, Carvalho (2011, p. 20) afirma que o Semiárido Brasileiro (SAB) “[...] é um território de grande diversidade de paisagens, de povos e suas manifestações simbólico-culturais e místicas, definindo-o por contextos peculiares, que lhe criam múltiplos semiáridos”.

O clima dessa região é tropical semiárido, ou seja, possui baixas precipitações pluviométricas que são distribuídas irregularmente no tempo e no espaço (MACIEL; PONTES, 2015), sendo assim, a natureza do Semiárido é definida pelo ciclo de tempo seco e chuvoso, sendo uma região sensível às alterações no clima. E, a vegetação predominante no local é o bioma caatinga, onde as plantas, como alega Carvalho (2012, p. 79), “[...] desenvolvem uma adaptação genética, reduzindo seu crescimento, floração e frutificação em anos/períodos de menor precipitação, mantendo a existência vegetativa”, e quando a umidade aumenta, elas voltam a germinar, e o cenário seco transforma-se em verde.

Apesar da adaptação ao clima, a caatinga se encontra em uma situação preocupante, afetada “(...) pelas atividades humanas, com forte degradação dos solos pelo uso intensivo da irrigação e desmatamento das matas ciliares” (CARVALHO, 2012, p. 153). Esse bioma legitimamente brasileiro, que antes era marginalizado, agora é visto como uma riqueza nacional que deve ser preservada, por meio de estratégias de coexistência harmoniosa entre a caatinga e a sociedade. Além das espécies de xerófilas que apresentam espinhos e pouca folhagem no período de estiagem, a caatinga possui uma variedade florística que inclui florestas latifoliadas - um tipo de vegetação de folhas largas e grandes, “(...) apresentando maior biodiversidade que outras áreas semiáridas do mundo” (MACIEL; PONTES, 2015, p. 24), passando a ser compreendida como algo precioso.

Embora a caatinga possua uma vegetação diversificada, sua representação social é de um ambiente hostil, desolador, inóspito, relacionado à miséria, devido à aparência desnuda da maioria das plantas em relação à Amazônia e à Mata Atlântica - biomas mais valorizados economicamente. Nesse discurso imagético, Maciel e Pontes (2015, p, 20) destacam que os “(...) pesquisadores que vêm revelando as riquezas ocultas nesse ambiente árido ressaltam a necessidade de superar opiniões preconcebidas”, pois a caatinga rotulada, geralmente, de forma penosa, não é formada apenas por vegetação de galhos secos, como dissemina o discurso imagético sobre o Semiárido. Essa representação social negativista sobre a o referido bioma permeia o imaginário da maioria da população brasileira, até mesmo dos que convivem com ela, e não consideram a sua degradação um problema sério, sendo mais sensíveis a devastação da Amazônia, por exemplo (MACIEL; PONTES, 2015).

Esse discurso sobre a vegetação do Semiárido foi forjado graças a história cultural, social, econômica e política da região, quando as elites do Nordeste, em 1877/1879, começaram a disseminar os elementos mais simples da paisagem sertaneja como símbolos da pobreza e miséria, constituindo concepções sobre um Nordeste, e conseqüentemente, um Semiárido estéril e inabitável. Assim, a seca foi elencada como principal motivo da pobreza regional, necessitando receber mais recursos do governo (MACIEL; PONTES, 2015).

Albuquerque Júnior (1995) aponta que, nessa época, a elite nordestina, formada pelos médios e grandes proprietários de terra, sofria com a crise econômica, em decorrência do declínio da cultura de algodão e da criação de animais de grande porte, e a seca agravou ainda mais a situação, levando alguns membros da elite rural à miséria. Diante desse cenário, a imprensa passou a noticiar as mazelas ocasionadas pela seca, contribuindo de forma decisiva para a construção da representação social sobre o Nordeste.

A forte divulgação iniciada pela imprensa mobilizou a opinião pública do país e do exterior em torno da criação do que ficou conhecido como a “indústria da seca”, capitaneada pela mobilização da elite rural no Parlamento, apresentando as mudanças negativas na economia e na política, se colocando como vítimas da natureza. O Império tomou a responsabilidade da situação, passando a investir recursos e doações para as Províncias do Norte, acreditando ser a solução para o problema, porém as outras elites agropecuárias brasileiras não aceitaram essa

decisão de forma passiva, de modo que a elite nortista teve que criar discursos políticos associando à seca “(...) a imagens como: falta, escassez, miséria, impotência, martírio, violência etc., (...) para expressar todas as carências dessa área do país. Seca passa a ser sinônimo de crise [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 119).

Apesar de todo o discurso criado para angariar mais recursos com o objetivo de resolver o “problema da seca”, os únicos beneficiários eram os proprietários de terra, pois os pobres eram deixados a mercê da sorte (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Embora passados cerca de 140 anos, a maioria das ações governamentais continuam favorecendo apenas a interesses políticos e econômicos, a exemplo do que aponta Carvalho (2012, p. 103) ao ressaltar que as ações criadas pelo governo de “combate à seca” “(...) no fundo atendiam aos interesses comerciais e políticos nas ações de assistência e obras de infra-estrutura hídrica”, transformando a seca numa jogatina política.

Santos (2016, p. 24) corrobora com Carvalho (2012) ao afirmar que o

(...) o modelo de gestão de combate à seca está associado a interesses políticos e de grandes empresários que, sob o argumento da geração de emprego e renda, continuam alimentando o ciclo do enriquecimento de uma minoria e da distribuição desigual dos lucros.

Assim, paulatinamente, o proveito governamental e a “indústria da seca” foram fundamentais na construção da representação estereotipada e reducionista que se tem sobre o Nordeste e o Semiárido, sempre pensado como um espaço geográfico do atraso, da miséria e da fome, a fim de colaborar com o discurso assistencialista pensado para as elites do Norte. Nesse sentido, Carvalho e Espindula (2014, p. 147) afirmam que “Ao naturalizar a falta d’água no Nordeste por conta das condições climáticas, cria-se uma indústria da seca e miséria há tempos cristalizada no imaginário social, e que inevitavelmente aparece nos discursos da imprensa”.

O território Semiárido, por exemplo, já foi cartografado várias vezes devido às alterações da natureza e também atendendo a interesses políticos. Em 1936, por exemplo, as áreas com características climático-ecológicas do Semiárido foram incorporadas em um grupo denominado, “Polígono das Secas”. Já, com a seca de 1958-1959, foram criados o Banco do Nordeste do Brasil - BNB e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - Sudene, que após assumir a

região, manteve a demarcação do referido polígono até 1989, quando surgiu a designação Semiárido (CARVALHO, 2012).

Ainda de acordo com Carvalho (2012, p. 74), “O semiárido da Sudene teve suas cartografias alteradas várias vezes incluindo e excluindo municípios segundo Leis e Decretos Federais em vigor”. Em 2004, a coordenação da Agência de Desenvolvimento do Nordeste - Adene assumiu os trabalhos da Sudene, e criou o Grupo de Trabalho Interministerial - GTI para redelimitar a área geográfica de abrangência das secas. Seguindo os critérios técnicos, propostos pelo GTI, a demarcação, na época, adotou os seguintes padrões, como assinala Carvalho (2012, p. 74):

Precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 mm; Índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial no período entre 1961 e 1990; Risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990.

Dessa forma, o Semiárido brasileiro foi constituído por 1.135 municípios, dos quais 1.031 se enquadram nos três critérios estabelecidos, que apontamos acima. Assim, o SAB é formado por nove estados Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. Recentemente, em julho de 2017, o Ministro da Integração Nacional, Helder Barbalho, apresentou durante uma reunião do Conselho Deliberativo - Condel da Sudene, uma proposta de inclusão de 54 municípios (36 no Piauí, 15 no Ceará e três na Bahia), mantendo todas as outras cidades, formando assim, uma nova configuração do território Semiárido, que passará a ter 1.189 municípios (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2017).

O portal *online* do Ministério da Integração Nacional afirma que essa iniciativa se apoia na ideia de que a região passa pela pior seca dos últimos anos, e assim, essas localidades poderão contar com apoio financeiro do governo federal para estimular o desenvolvimento regional, com geração de emprego e renda, possibilitando ainda, a realização de ações emergenciais de convívio com a seca. Essa afirmação do Ministério nos fez refletir sobre uma questão, como o paradigma da convivência que deve ser desenvolvido e trabalhado no cotidiano dos moradores do Semiárido vai referendar uma ação emergencial, que é tão pontual e assistencialista? Já, que a convivência busca “(...) estabelecer novos princípios, normas e práticas orientadoras para uma melhor coexistência das populações com a

semiáridéz, baseando-se em tecnologias socialmente apropriadas” (MACIEL; PONTES, 2015, p. 15).

A resposta para essa questão talvez esteja alicerçada no histórico de representações políticas e sociais sobre essa região, também conhecida como sertão, conforme já apontamos na Introdução. Porém, diferente do Semiárido brasileiro que possui uma delimitação territorial, o sertão não é um espaço cartografado, e sim, uma categoria simbólica e polissêmica, situada no limite entre ficção e realidade (CARVALHO, 2012). O sertão é representado pela seca, miséria, atraso, natureza hostil e população desprovida de inteligência, construindo um discurso-imagético estereotipado. Carvalho (2012, p. 88- 89) enfatiza que Euclides da Cunha, com a obra “Os Sertões”, em 1902, corroborou para a construção dessa leitura estigmatizada sobre os tipos humanos e a paisagem sertaneja e completa:

Diante das narrativas dos autores, esse sertão semiárido é concebido como lugar de repulsa, de estranhamento, de hostilidade, cuja vegetação monótona, mas ao mesmo tempo agressiva (“trama espinescente”; “folhas urticantes”; “gravetos estalados em lança”, etc) só poderia ser “vencida” pelo sertanejo, cuja sobrevivência em tal ambiente foi comparada por Euclides da Cunha como a de um herói, expressando a famosa frase: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

Essa figura do sertanejo valente e resistente que vive em um ambiente hostil e miserável foi impregnada na imaginação das pessoas que desconhecem essa realidade. Esse discurso foi disseminado, se tornando comum, criando a representação social atual do sertão, do Semiárido e do Nordeste como um todo a partir de parte de elementos que compõem essa área, escamoteando uma diversidade de tipos de flora e fauna, bem como populações com economias e ocupações diferenciadas, onde a área urbana que corresponde a 62% do território parece não existir, pois se ressalta apenas os 38% de área rural (IBGE, 2010), tratando-a ainda como desprezível.

As particularidades do Semiárido se devem ao seu extenso território que possui “(...) paisagens variadas, seja devido a fatores geomorfológicos, pedológicos ou até mesmo climáticos, tais como variados índices de aridez” (MACIEL; PONTES, 2015, p. 19). O território Semiárido apresenta paisagens como: Chapadas Altas; Superfícies Dissecadas dos Vales do Gurguéia, Parnaíba, Itapecuru e Tocantins; Superfícies Retrabalhadas; Chapada Diamantina; Superfícies Cársticas; Planalto da

Borborema; Bacias Sedimentares; Maciços e Serras Baixas; Áreas de Dunas Continentais e Depressão Sertaneja, onde está localizada a cidade de Juazeiro (CARVALHO, 2012), a qual investigamos nesta pesquisa.

Juazeiro é um dos dez municípios que compõem o Território de Identidade Sertão do São Francisco, juntamente com Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Curaçá, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Uauá. A cidade de Juazeiro é considerada a principal desse território, e conforme apontam Souza e Souza (2013, p. 2), ela possui uma urbanização maior que todas as demais cidades que compõem o Território de Identidade Sertão do São Francisco, e “(...) seu grau de urbanização obteve um crescimento de 6,4%”, atingindo 81,2%, entre os anos de 2000 a 2010.

O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 aponta ainda, que nesse mesmo período, o Sertão do São Francisco apresentou o maior percentual de crescimento urbano, superando o que foi registrado para o Brasil de forma geral, conforme a tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Grau de urbanização- 2000 a 2010.

Nível Geográfico	Grau de Urbanização (%)		Variação (%)
	2000	2010	2000 / 2010
Brasil	81,2	84,4	3,9
Nordeste	69,0	73,1	6,0
Bahia	67,0	72,1	7,6
Sertão do São Francisco	58	63,9	10,1
Juazeiro	76,3	81,2	6,4

Fonte: Souza e Souza (2013 *apud* IBGE).

Esse crescimento modifica também o cenário do mercado de trabalho da região. Além de possuir cerca de 25 mil estabelecimentos agropecuários e agricultura familiar, segundo dados do IBGE realizado em 2006, Juazeiro se mantém como um dos mais importantes produtores e exportadores de frutas. Ainda surgem, com o desenvolvimento da cidade “(...) novas agências bancárias, hotéis, restaurantes, bares, escolas, empresas de consultoria, venda e manutenção de equipamentos de irrigação, casas comerciais especializadas em fertilizantes e defensivos, dentre outras tantas” (SOUZA; SOUZA, 2013, p. 5).

Em julho de 2017, o Ministério do Trabalho e Emprego - MTE divulgou os resultados dos dados do Cadastro Geral de Empregos e Desempregados - Caged, onde Juazeiro aparece como primeira colocada em geração de emprego na Bahia e no Nordeste. Uma nova fase da economia local, que tem como alicerce a agricultura, que proporcionou o reconhecimento nacional e internacional da cidade, sendo chamada por alguns de “Oásis do sertão”, “Capital da irrigação” (CARVALHO, 2012). Nesse sentido, Carvalho (2012, p. 159) enfatiza que “Além do agronegócio da fruticultura irrigada, outros projetos também se agenciam no Território de Juazeiro por meio da mineração, do mercado de terras devolutas e do agrocombustível”.

No âmbito da vegetação, conforme assinala Carvalho (2012, p. 153) “[...] o Território de Juazeiro está todo sob o predomínio do Bioma Caatinga, mas a cobertura vegetal desse Bioma já se apresenta em grande parte com Áreas Antropizadas e com Tensão Ecológica”, isso devido à degradação dos solos causada pela irrigação e desmatamento das matas ciliares. E, em relação à educação, o Sertão do São Francisco apresentou avanços em relação ao analfabetismo nos municípios, que de acordo com o censo do IBGE, passou de 24,2% para 20,1%; e os melhores resultados foram obtidos em Juazeiro com 12,9%. E, o acesso à educação entre as crianças com idade entre 6 e 14 anos atingiu 96,8% em 2010, indicador parecido com a média geral da Bahia de 96,9%. Já, no quesito vulnerabilidade, esse território aponta avanços na melhor distribuição da riqueza, porém Juazeiro concentra o maior número de pessoas extremamente pobres (18,9 mil) no Sertão do São Francisco.

A cidade de Juazeiro ainda possui uma estimativa populacional de 221.773, no ano de 2017, com base no censo demográfico realizado pelo IBGE, em 2010. O censo do ano citado também apontou que das 197.965 pessoas residentes em Juazeiro, 81,2% moram na área urbana, e apenas 18,8% vivem na área rural, dado esse que contrapõe as representações sociais difundidas sobre o Semiárido, que evidenciam esse espaço como predominantemente rural.

Juazeiro é um município de porte médio, com unidade territorial de 6.721,198 Km² (IBGE, 2010) e um dos polos dinâmicos da economia estadual, tendo como principais atividades econômicas, como já citado, a agricultura (fruticultura irrigada), pecuária, agroindústria, mineração e geração de energia (BARROS, 2007). Seu território é banhado pelo Rio São Francisco, popularmente conhecido como “Velho Chico”, um dos mais importantes do Brasil, e suas águas são fundamentais para o

transporte, geração de energia elétrica, irrigação, turismo, lazer e abastecimento doméstico e industrial (BARROS, 2007). O rio que banha a cidade nasce na Serra da Canastra em Minas Gerais, atravessa os estados da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, desaguando no oceano Atlântico, mas com a sua transposição, um projeto de infraestrutura do Programa Aceleração do Crescimento - PAC, iniciado em 2007 e ainda em fase de conclusão, para abastecer açudes e rios intermitentes, passará a compor também os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará que terão acesso às águas do “Velho Chico”.

O projeto de transposição apresentado como a “salvação do Nordeste”, difundido como uma ação de desenvolvimento social e econômico encontrou nas imagens de clima seco e miséria que caracterizam a região, um embasamento para os discursos favoráveis a transposição (CARVALHO; ESPINDULA, 2014). Mas, apesar desses supostos benefícios, a ação sofreu no período de autorização, entre 2004 e 2005, e ainda sofre duras críticas que partem

(...) principalmente da sociedade civil organizada, preocupada com o histórico de numerosas obras públicas inconclusas, e dos ambientalistas, os quais apresentavam o estado degradante do rio, os impactos ambientais que seriam gerados e a ineficácia das ações de abastecimento humano (CARVALHO; ESPINDULA, 2014, p. 137).

Atualmente, apesar do Rio São Francisco ser um potencial da região de Juazeiro e cidades circunvizinhas, seu nível é o mais baixo em 38 anos, por isso, a Agência Nacional de Águas - ANA autorizou em outubro de 2017, que a Companhia HidroElétrica do São Francisco - Chesf, em Sobradinho- BA reduzisse a vazão mínima, objetivando que os reservatórios ao longo do rio chegassem ao volume morto até o fim de 2017 (ANA, 2017). Caso a vazão continue sendo reduzida, a situação prejudicará a fauna e flora da região, a geração de energia, navegação dos barcos, e irrigação, que poderá ser suspensa, mudando o cenário social da população ribeirinha.

As atividades que compõem o território de identidade de Juazeiro, mas que podem ser extintas devido ao baixo nível do Rio São Francisco, que move a maioria das ações econômicas e culturais da cidade são:

- Patrimônio Material: Vapor Saldanha Marinha (vaporzinho), na Orla II; Museu Regional do São Francisco, no Centro; e a Estação Ferroviária localizada no

Bairro Piranga, que possui um caráter histórico importante, mas encontra-se abandonada, etc.;

- Patrimônio Artístico-cultural: as esculturas, a exemplo do Nego d'água, na beira do "Velho Chico"; Índio Tamoquim, na Praça Dois de Julho; São Tiago Maior, na Orla; João Gilberto, na Orla II; e a imagem da Carranca, um símbolo da região. As tradições como: os Penitentes; as Alimentadeiras de Almas; os Congos; as Rezadeiras, etc.;
- Patrimônio Ambiental: as ilhas- do Fogo, Rodeadouro, Massangano, Amélia, Maroto; e as cachoeiras- do Salitre e Gameleira, etc.;
- Convívio: prática da pesca, como renda familiar; atividades desportivas no rio, como natação, *stand up paddle* e caiaque, etc.;
- Econômica: Comércio; Agropecuária; Agroindústria; Turismo e Agricultura Irrigada, esta última foi destaque nacional, em setembro de 2017, quando o IBGE divulgou o resultado da Pesquisa da Produção Agrícola Municipal- PAM, realizada em 2016, tendo a cidade de Juazeiro como o segundo maior produtor de manga do Brasil, ficando atrás da cidade vizinha Petrolina.

Ressaltamos que, no território de identidade de Juazeiro, composto por elementos resultantes do processo de ocupação da região, do convívio, que é delineado por formas de sociabilidade e produção material e imaterial, conforme descrevemos, com base na presença do "Velho Chico", apesar da importância desse rio, existe um avanço no processo de degradação. Causado pelo desperdício de água, desmatamento e práticas agrícolas inadequadas, essa conjuntura de desequilíbrio ambiental pode acarretar no fortalecimento das representações sociais estereotipadas dos territórios Semiáridos, pois quando as mídias pautam essas questões sempre as associam a falta de chuva e clima seco e quente (SANTOS, 2016c).

Assim como os demais Semiáridos brasileiros, o Semiárido juazeirense também é retratado de forma reducionista e preconceituosa, onde apenas elementos relacionados a pobreza são destacados. Como expõe Santos (2016c, p. 26)

Esse ponto de vista distorcido carrega a falta de informação que leva ao lugar comum/chavão/ mito, além de muitas vezes também estar impregnado pelos interesses políticos por trás das linhas editoriais das empresas de comunicação.

Essa autora (2016c) ainda aponta que a TV São Francisco, localizada em Juazeiro-BA, e a TV Grande Rio, situada em Petrolina-PE, ambas afiliadas da Rede Globo de Televisão, veiculam algumas reportagens que confirmam o Semiárido como território único e atrasado, não havendo nenhuma preocupação em desmistificar a problemática da seca, sem levantar discussões acerca do Semiárido contemporâneo.

Como já abordamos, a seca é um fator climático, previsto igualmente as quatro estações do ano, e é interessante ressaltar que o clima semiárido não existe apenas no Brasil, está presente na América do Norte (Estados Unidos, Canadá e México), América do Sul (Venezuela, Equador, Argentina e Brasil), África (norte, central e sul), Europa (Espanha, Ucrânia, Rússia, Turquia), Ásia (Arábia Saudita, Paquistão, Afeganistão, Índia, Irã, Iraque, etc.) e Oceania (Austrália) [TROLEIS; SANTOS, 2011]. Na maioria desses locais, a semiaridez não é tratada como problema, pois utilizam as tecnologias a seu favor, para conviver com essa condição climática, mas, no Brasil, os investimentos são poucos e o discurso imagético dessa região é geralmente distorcido pela imprensa.

No entanto, existem algumas mídias que podem ser consideradas exceção a essa imprensa hegemônica que divulga discursos prontos, como exemplo temos a proposta de um telejornalismo contextualizado com o Semiárido brasileiro, defendido no Programa de Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, da Uneb, pela mestra Fabíola Santos, em 2016. Uma pesquisa que apresenta duas iniciativas de telejornalismo educativo pela internet, a WebTV Uneb - Núcleo de Juazeiro, e a TV Caatinga, da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf, que contribuem para a representação contextualizada com os territórios Semiáridos, difundindo imagens de áreas urbanas e rurais que estão inseridas na contemporaneidade, onde se fazem presentes a ciência, a tecnologia, a inovação e a cultura.

Outra iniciativa que podemos citar são as Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco - FJVSF, um grupo criado em setembro de 2010, que produz ensaios fotográficos sobre as tradições, os eventos, a história e a cultura da região do Vale do São Francisco, e do sertão, de forma geral. Em dezembro de 2017, o grupo completou um total de 75 jornadas realizadas. De acordo com Simas e Paiva (2017, p. 7), “Os encontros acontecem uma vez por mês e a participação é gratuita e aberta a todos os interessados. Para se inserir no grupo, não é preciso dominar a técnica

fotográfica ou possuir equipamentos caros”. As jornadas são divididas em dois momentos: no primeiro o grupo fotografa determinado evento, que é selecionado previamente pelo coordenador e idealizador do grupo, o fotógrafo e professor doutor Marcus Ramos; no segundo momento, os participantes escolhem determinada quantidade de imagens que produziram para expor ao grupo, sendo objeto de análise e discussão técnica e artística.

Após esses dois encontros as melhores fotografias são publicadas no site <http://jornadasfotograficas.blogspot.com.br/>, facilitando o acesso de pessoas que estejam interessadas nessas produções. O grupo também realiza exposições temáticas em locais de grande circulação de pessoas como feiras livres, shopping e universidades para atingir um público ainda maior. Apesar do FJVSF não produzir discussões acerca da problematização das imagens negativas e reducionistas que são disseminadas sobre o Semiárido, o sertão e o Nordeste, o grupo realiza um relevante trabalho, colaborando com a construção de novas representações deste território, pois observamos em suas fotografias elementos como ambientes rurais e urbanos, cachoeiras, ilhas, manifestações culturais, comércio, pessoas, e a variação do clima (quente e frio) presente no Semiárido, que comprovam a diversidade, pluralidade e riqueza do lugar.

Fora desse universo, normalmente, o Semiárido brasileiro, e, em especial, o juazeirense é representado como uma parte homogênea da ideia que se tem como sertão nordestino, inclusive já foi cenário para diversas produções cinematográficas pautadas nessa concepção, como, por exemplo, *Guerra de Canudos* (1997); *Eu, tu, eles* (2000); *Meteoro* (2007); e *Reza a Lenda* (2015). Filmes que representam o Semiárido como uma metáfora do Nordeste, com imagens convencionais do sertão e personagens caricatos, ressaltando este espaço como um lugar miserável, vazio, isolado, imoral, de um povo valente e destemido, que diante das mazelas da vida, se agarra fortemente as crenças religiosas à espera de um milagre. Essas e outras obras audiovisuais transformam “(...) uma personagem em uma “caricatura” da nordestinidade, corroborando para o processo de aceitação na cultura nacional de signos do sertanejo nordestino” (PAIVA, 2006, p. 100).

Ainda de acordo com as reflexões de Paiva (2006, p. 101), os signos de nordestinidade podem “(...) estar mascarando uma estrutura social de exploração e miséria, fincada na ausência de políticas públicas voltadas para a solução de problemas como (...) o desemprego”, reforma agrária, distribuição de água e outras

questões ocasionadas pela seca. É importante ressaltar que esses signos de nordestinidade estereotipados, impostos como representação do sertão, Nordeste e do Semiárido brasileiro, que tem a seca como principal responsável pelas mazelas regionais, não deve ser combatida como muitos acreditam. Destacamos aqui, que a seca é um fenômeno climático e cíclico, presente no Semiárido, portanto não se pode extinguir um elemento da natureza, mas é possível aprender a conviver com esse período de estiagem. Nesse sentido, a Organização das Nações Unidas revela que as

(...) regiões semiáridas e sub-úmidas possuem chuvas sazonais totais mais do que suficientes para as necessidades hídricas das lavouras, diferentemente dos desertos. Desde que tecnologias apropriadas fossem utilizadas, normalmente haveria chuva suficiente para dobrar- e às vezes até quadruplicar- rendimentos nessas áreas (UNITED NATIONS, 2011, p. 30 *apud* MACIEL; PONTES, 2015, p. 20).

Assim, percebemos a importância da convivência com a seca, paradigma que mobilizou algumas ONGs, Igreja Católica e Sindicatos Rurais, no período de 1970 a 1990, a criarem movimentos, e propostas políticas diferenciadas das anteriores que eram pautadas no “Combate à seca”. Segundo Carvalho (2012, p. 119),

As experiências e ações dessas organizações eram voltadas para gerar alternativas produtivas com culturas mais resistentes às estiagens, adaptações tecnológicas para a criação, fortalecimento das comunidades e organizações de agricultores familiares.

Dentre essas organizações, que criaram ações voltadas à proposta da convivência com as condições climáticas de semiaridez, podemos citar a Comissão Pastoral da Terra - CPT-Sertão, no Semiárido paraibano; o Movimento de Organização Comunitária - MOC, em Feira de Santana, na Bahia; e o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - Irpaa, na cidade de Juazeiro, também na Bahia. Entre 1980 e 1990, essas organizações foram as principais promotoras da ideia de experiências e práticas de convivência como a construção de hortas comunitárias e a instalação de cisternas, entre outras. Maciel e Pontes (2015, p. 16) também pontuam que

(...) os defensores da noção de convivência vêm refutando antigas nomenclaturas ligadas ao mero assistencialismo de populações vitimadas por um ambiente hostil, ao qual se tornaria necessário “lutar contra” através de obras hídricas e recursos federais - daí a

identificação de um “velho paradigma do combate à seca” enquanto estratégias de ação pontuais (...).

Assim, depois de muito se discutir sobre o combate a um fenômeno climático natural, a convivência passou a ser adotada, a partir dos anos de 1990, como uma sugestão para o “Nordeste Semiárido”, objetivando construir uma “identidade de projeto” nessa área (CARVALHO, 2012). A partir dessas questões, várias redes sociais e políticas foram se constituindo, almejando articular e mobilizar os diversos atores sociais, como exemplo, podemos citar a Articulação no Semiárido Brasileiro - ASA, fundada em 1999, que atua na gestão e no desenvolvimento de políticas públicas voltadas a convivência com o Semiárido.

As ações da ASA estão pautadas na cultura do estoque de água - construção de cisternas, alimento, sementes, animais e todos os elementos necessários à vida na região. “Além de promover no dia a dia tecnologias sustentáveis e de desenvolver práticas adaptativas à realidade sertaneja, (...) engaja-se politicamente no debate mais amplo da sociedade” (MACIEL; PONTES, 2015, p. 33). Já a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro - Resab, criada no ano de 2000, luta pela Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (vide subitem 4.2); e o Instituto Nacional do Semiárido - Insa, formado em 2004, uma instituição federal de pesquisa que articula, realiza e divulga ciência, tecnologia e inovação do Semiárido brasileiro (INSA, 2017).

No paradigma da convivência e da preservação do Semiárido e da Caatinga, os movimentos sociais, a sociedade civil, o governo e as comunidades acadêmicas defendem argumentos que nem sempre são unificados. Mesmo assim, essas transformações possibilitaram a criação de “(...) uma nova base política para tratar a proposta da Convivência dentro das diretrizes e políticas públicas nacionais” (CARVALHO, 2012, p. 121) e não mais atreladas às ações para a região Nordeste. Dessa forma, o Semiárido ganhou proporções e conjecturas políticas oportunas as suas múltiplas características.

Uma das novas perspectivas que a proposta da convivência assinala é a necessidade da revisão da representação social sobre o Semiárido, o que poderá colaborar para que alguns mitos sobre a região persistam com outras roupagens, mas uma nova RS se constituirá, fatalmente, já que as experiências de convivência bem sucedidas acabaram auxiliando na constituição de políticas públicas, como a criação da Lei nº 13.572 de 30 de agosto de 2016, assinada no dia 21 de setembro

de 2017, pelo Governador Rui Costa (PT). Essa Lei foi construída a partir de reivindicações da sociedade civil organizada, e apresenta os objetivos da Política Estadual de Convivência com o Semiárido, como, por exemplo:

II - fortalecer e promover a autonomia da população do semiárido através da inclusão socioproductiva e geração de emprego e renda; (...) VI - universalizar o acesso à água para o consumo humano, dessedentação animal e uso produtivo, com tecnologias apropriadas ao semiárido, garantindo a segurança hídrica; (...) XII - preservar e promover as culturas e identidades culturais dos sertões e estimular o desenvolvimento de culturas sintonizadas com a sustentabilidade e a convivência com o semiárido; (...) XIV - estimular a integração campo-cidade, respeitando as suas especificidades e diversidades; (...).

A Bahia é o segundo estado a aprovar uma Lei de Convivência com o Semiárido, o primeiro foi Pernambuco, em 2013. A inserção do Semiárido nessas leis reflete “(...) uma mobilização social contra a negatividade do imaginário geográfico prevalecente” (MACIEL; PONTES, 2015, p. 25). Assim, percebemos que essa questão de construir novas RS já vem sendo trabalhada através da Ecsab, a qual vamos tratar a partir de agora.

4.2 EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

A Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro foi pensada para mudar o cenário da educação colonizadora e hierárquica no território Semiárido, onde os currículos padronizados e os livros didáticos são pensados e elaborados a partir e para a região Sudeste do Brasil, tomando o país como uma região homogênea, onde as diversidades são diluídas e esquecidas, prevalecendo as características do Sul. Como expõe Carvalho (2012, p. 125):

[...] Com seus conteúdos totalmente descontextualizados, pejorativos e que negam a identidade territorial, os programas e livros didáticos não contribuem para o desenvolvimento de competências e habilidades ou de posicionamentos críticos a respeito do próprio território.

O currículo escolar reproduz, assim, uma prática que apresenta o SAB como um lugar de falta de água, chão rachado, vegetação morta, miséria e sem tecnologia. E, conseqüentemente, essa representação imagética reducionista é disseminada nos livros didáticos, que são considerados um instrumento de poder, que contém apenas verdades. Para Lins, Sousa e Pereira (2006, p. 115-116) “Os livros didáticos (hoje) utilizados nas escolas acabam por se distanciar do nosso contexto e legitimando a ideia de que o SAB é este lugar feio, seco e ruim de se viver”. Apesar de passados 11 anos, dessa citação das autoras (2006), esse discurso imagético sobre o SAB permanece bastante atual, pois os materiais didáticos distribuídos nas escolas localizadas no Semiárido e na maior parte do país continuam dando destaque à região Sudeste e reforçando a imagem estereotipada do SAB. Lins, Sousa e Pereira (2006, p. 116) destacam também que

Os conteúdos na maioria das vezes se apresentam sem sentido e significado para os alunos e alunas, isso por abordarem e valorizarem regiões em detrimento de outras, alimentando ainda a cultura do colonialismo, onde valores, gostos, gestos, linguagens, sentimentos se sobrepõem a outros.

Dessa forma, os estudantes não se reconhecem e não se sentem representados nos livros, que não mostram nada sobre a realidade vivenciada por eles. Por isso, Lins, Sousa e Pereira (2006, p.118) alegam que “Muitas vezes, as pessoas que aqui se encontram não se percebem como parte dessa região, clima ou ecossistema, uma vez que todo o processo histórico-educacional tem tendenciado para isso”. Portanto, contextualizar a educação requer uma descolonização dos saberes que giram em torno de uma narrativa hegemônica, sendo necessário

(...) tecer o movimento de uma rede que concentre o esforço em soerguer as questões “locais” e outras tantas questões silenciadas na narrativa oficial, ao status de “questões pertinentes” não por serem elas “locais” ou “marginais”, mas por serem elas “pertinentes” e por representarem a devolução da “voz” aos que a tiveram usurpada, roubada, negada historicamente (MARTINS, 2006, p. 43).

Assim, é necessário construir novas visibilidades e dizibilidades estabelecidas, recuperando a palavra dos excluídos na prática colonialista. Diante desse cenário e da presença de diferentes realidades na esfera social, cultural, ambiental, política, econômica e educacional, vários estudiosos perceberam a necessidade de se pensar uma educação contextualizada valorizando as histórias, vivências e saberes

dos sujeitos. Dessa forma, foi idealizada a Ecsab que se apresenta como um modelo alternativo para aproximar escola e comunidade, onde os professores utilizam elementos da realidade local em suas técnicas de ensino. Aproximar o contexto local, relacionando-o com o global, como declara Martins (2006, p. 61):

[...] passa pela escolarização de temas locais tomados em suas amplitudes, implicando não em tratar estes temas como temas prontos, nem de recorrer ao “saber popular” e parar por aí mesmo. Trata-se de agregar novos saberes a estes temas. Como se estivéssemos agregando valor a um produto, o valor a ser agregado aos temas locais é o novo saber.

As discussões sobre essa temática são recentes, pois esse modelo de ensino começou a ser pensado e debatido há 19 anos. As primeiras discussões em torno da Ecsab foram realizadas pela Secretaria Municipal de Curaçá- BA e pelo Departamento de Ciências Humanas - DCH-III da Uneb, que juntamente com o Irpaa, e o incentivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef intensificaram as discussões em torno da temática, firmando um protocolo de compromisso, fundando a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro - Resab, em 2000, na cidade de Juazeiro (CARVALHO, 2012).

A implementação de uma educação contextualizada no ambiente escolar já vinha sendo debatida por algumas instituições, pouco antes da criação da Resab uma das principais difusoras da questão da contextualização no processo educacional (MARTINS, 2011). Organizações não governamentais, secretarias e algumas universidades se reuniam para debater sobre as experiências de educação contextualizada e desenvolver metodologias para fazer a escola conectar-se ao cotidiano e às problemáticas locais (CARVALHO, 2012), levando para dentro da sala de aula, conteúdos relacionados à realidade dos estudantes.

A Resab compreende a construção da convivência a partir do momento em que o contexto possa se articular com os diversos saberes produzidos mundialmente, almejando melhores condições para se viver no Semiárido brasileiro. Nesse sentido, Carvalho (2012, p. 125) ressalta que a Resab “(...) atua com os processos educativos de gestão, currículo, formação continuada e materiais didáticos e paradidáticos, incentivando a implementação de políticas educacionais que gerem uma educação significativa (...)”, ou seja, uma educação que relaciona os conhecimentos adquiridos no ambiente escolar aos conhecimentos prévios do educando.

A educação contextualizada no Semiárido vem sendo discutida por esses organismos sociais com mais afinco, objetivando que todas as escolas modifiquem seus currículos padronizados por contextualizados. Para Martins (2011, p. 58), “[...] fazer Educação Contextualizada é praticar uma Educação, que parta da realidade dos sujeitos; parta da riqueza, dos limites e da problemática geral dos contextos de vida das pessoas”. Assim, como Freire (2016, p. 31) já abordava, é importante respeitar os saberes dos educandos, “(...) saberes socialmente construídos na prática comunitária”, mostrando para os estudantes que o Semiárido não é só caracterizado pelo chão rachado, como muitos livros didáticos trazem nas poucas páginas que abordam sobre a região Nordeste e/ou também como muitas emissoras televisivas exibem em seus noticiários. É preciso revelar as potencialidades dessa região, evidenciando que, apesar das dificuldades existentes, é possível aprender a conviver com elas.

Com a educação contextualizada, a construção dos conhecimentos e saberes ganham novos significados para o processo educativo que transpassa a forma engessada de conteúdos prontos e descontextualizados que são “empurrados” para professores e alunos, pois percebe a importância de se estudar “(...) conteúdos que tenham sentido, significado (...) que produzam uma reflexão sobre a localidade onde vivem, com perspectivas de intervenção e mudança” (LINS, SOUSA, PEREIRA, 2006, p. 121). Para que a Ecsab tenha um bom desempenho, é necessário, porém, que os educadores primeiramente entendam o processo, se apropriem do mesmo, para que possam disseminá-lo entre seus alunos. Como aponta Reis (2011, p. 93):

A Educação Contextualizada vem se efetivando como uma possibilidade de trazer para o centro do processo formativo de educadores e educadoras a conexão entre os conhecimentos locais e universais, não na tentativa de construção de um localismo exacerbado, mas de uma relação de aprofundamento e alargamento das compreensões do mundo e das singularidades em que se inserem os sujeitos e as práticas educativas, situando-as no mundo real em que se encontram na relação destas com as dinâmicas mais amplas.

Em outras palavras, é necessário que os educadores conheçam os estudantes, suas experiências, e entendimentos sobre o mundo, pois não importa o local de pertencimento, ou o ambiente em que vivem, todos os estudantes vão à escola carregando diversos conhecimentos e informações que não devem ser descartados

no processo de ensino-aprendizagem. Como destaca Freire (2016), é preciso associar a realidade concreta do aluno com os conteúdos da disciplina, estabelecendo uma ligação entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social que os estudantes têm como indivíduo.

A Ecsab estabelece essa ligação, pois, para ela, todos os conhecimentos adquiridos extraclasse devem ser valorizados, e a escola deve ser um ambiente democrático onde todos ensinam e todos aprendem. Como expõe Silva (2011, p. 24) “[...] os conhecimentos que os (as) estudantes vão adquirindo, interagem com os conhecimentos prévios que eles já possuem, alcançando novos significados”. Martins (2011, p. 61) corrobora com Silva ao afirmar que “(...) a Educação Contextualizada exige posturas maduras e seguras, dispostas a aprofundar conhecimentos já existentes e a produzir novos conhecimentos, pelo uso regular da pesquisa e da sistematização”. Assim, a contextualização facilita a compreensão das coisas, ressaltando os conhecimentos que o estudante tem, e incentivando-o a buscar novas informações. Desse modo, se faz um vínculo com a realidade vivenciada pelo estudante e os componentes curriculares, produzindo um novo olhar.

Porém, Santos (2015b, p. 128) considera que a denominação correta para esse tipo de educação seria ‘descontextualizada’, pois acredita que “(...) toda educação é contextualizada”, mesmo sendo colonial, eurocêntrica, machista, racista, pois faz parte da realidade inventada. Santos (2015b, p. 133) alega ainda que “Às vezes é preciso deixar de ser para ser, e isso só é possível se nos descontextualizarmos, porque é o contexto que produz nossa invenção, a metáfora do que somos e onde estamos aprisionados”.

Contrapondo essa ideia, Silva (2016, p. 17) aponta, numa perspectiva decolonial que “Nossa realidade é o que nossa visão de mundo nos permite perceber”, e essa visão de mundo é formada por verdades culturais, constituídas ao longo da história por meio das vivências, que nos mostram como funciona a realidade, que é construída e transformada a partir de interações interculturais. Nesse sentido, Reis (2015 *apud* SANTOS, 2015, p. 127), um dos precursores da Ecsab ratifica que a educação:

É contextualizada pelo olhar de quem definiu e não no olhar e na vida dos sujeitos que operam o mundo real, por isso descontextualizada com o mundo dos sujeitos em que ela acontece.

É contra essa perspectiva que a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido se faz.

É perceptível, que o conceito compreendido por Santos (2015b) vai de encontro com o que já se foi estudado e discutido por vários autores, desde a idealização da Ecsab, no final dos anos 90 do século XX. No entanto, essas ideias conflitantes são saudáveis, pois tornam mais rica as reflexões e análises em torno desse paradigma educacional que vem se estabelecendo. Contudo, apesar da existência desses dois conceitos, enfatizamos que, em nossa pesquisa, continuaremos tratando da Ecsab, pois assim como Reis (2015), acreditamos que a educação deve ser contextualizada com a realidade do sujeito.

A partir da conceituação e caracterização da Ecsab, identificamos que um dos fatores que atrapalha a realização de uma educação contextualizada, seja essa voltada para o Semiárido, ou para outra região, é a fragmentação dos conhecimentos no currículo escolar, pois as disciplinas ofertadas como: Português, Matemática, História, Física, Geografia, etc., não dialogam entre si, são ministradas como ‘caixinhas isoladas’, onde os conteúdos de história, por exemplo, não possuem relação alguma com os de geografia. As disciplinas fracionadas dificultam a prática da contextualização, e perdem significado para os estudantes que não conseguem fazer ligações entre as diferentes áreas do conhecimento e a realidade vivenciada. De acordo com Lins, Sousa e Pereira (2006, p. 116)

[...] o congelamento e fragmentação dos conteúdos onde o processo de ensino-aprendizagem se dá através de modelos, ações repetitivas, inviabilizando a capacidade de pensamento que os alunos, alunas, professores e professoras têm, além de dissociar os conhecimentos que possam ser produzidos nos espaços educativos.

Silva (2011, p. 30) concorda com a visão de Lins, Sousa e Pereira (2006) e expõe que

Para que esses conhecimentos adquiram significados para os (as) estudantes é preciso que sejam tratados de forma inter (trans) disciplinar, elucidando as ligações entre os diferentes campos do conhecimento e sua relação com a realidade “concreta”.

A interdisciplinaridade passa assim a ser uma palavra-chave para a promoção de um ensino de qualidade. Porém, fazer a integração dos conteúdos não é tarefa fácil, pois é necessário que os professores compreendam a importância dessa contextualização para a formação dos estudantes. Como enfatiza Silva (2011, p. 27)

[...] na prática parece que tudo continua como antes, a relação de uma disciplina com as outras ou como amplamente divulgado, a *integração dos conteúdos* não tem acontecido, talvez pelo fato de a formação inicial dos (as) educadores (as) também acontecer de forma fragmentada.

Para que os educadores compreendam a importância da integração de conteúdos e realizem uma educação interdisciplinar, é necessário investir na formação continuada desses profissionais, incentivando-os a problematizar as questões discutidas em sala de aula, aproximando as temáticas da realidade dos estudantes. Os docentes devem ainda se desprender dos conteúdos apresentados nos livros didáticos, que, geralmente, são elaborados e produzidos nas capitais, por sujeitos que não conhecem essa região e tomam o Brasil como um território análogo, não respeitando as particularidades e singularidades de cada local. Para o desenvolvimento de aulas contextualizadas, é imperativo que o professor realize estudos do meio, como visitas, enquetes com a comunidade e tratamento das informações obtidas, juntamente com os estudantes, avaliando as problemáticas encontradas na comunidade, para que tanto o docente quanto o aluno reconheçam o meio em que vivem (REIS, 2011).

Do mesmo modo, é necessário valorizar as histórias de vidas dos estudantes, compreendendo as diversidades como uma riqueza para a construção de novos saberes. Lins, Sousa e Pereira (2006, p. 116) enfatizam que a sistematização de conhecimentos é essencial e para isso se deve

Valorizar as histórias contadas pelo povo, as brincadeiras, as vivências, as opções de lazer, as possibilidades de convivência, os desejos, as subjetividades, as relações com o ambiente (social, natural), tudo isso aproveitado de forma significativa.

Fica evidente ainda, que esse novo paradigma de ensino prioriza as questões da vida dos sujeitos, os pensamentos, as culturas, as problemáticas e as potencialidades do contexto local (REIS, 2011), pois a educação deve levar em consideração as singularidades de cada lugar, mas, para isso, é necessário o desapego dos valores impregnados no sistema de educação e nos professores. Dessa forma, percebemos que os objetivos estabelecidos pela Ecsab corroboram com as finalidades desta pesquisa, que propõe uma relação mais íntima entre as experiências/ conhecimentos dos estudantes com os conteúdos ministrados em sala de aula, a partir do momento em que incentiva os educandos a fazerem imagens do

Semiárido juazeirense, onde vivem, contrapondo os discursos imagéticos impostos pelos livros didáticos e pela maioria das mídias, como veremos no capítulo seguinte.

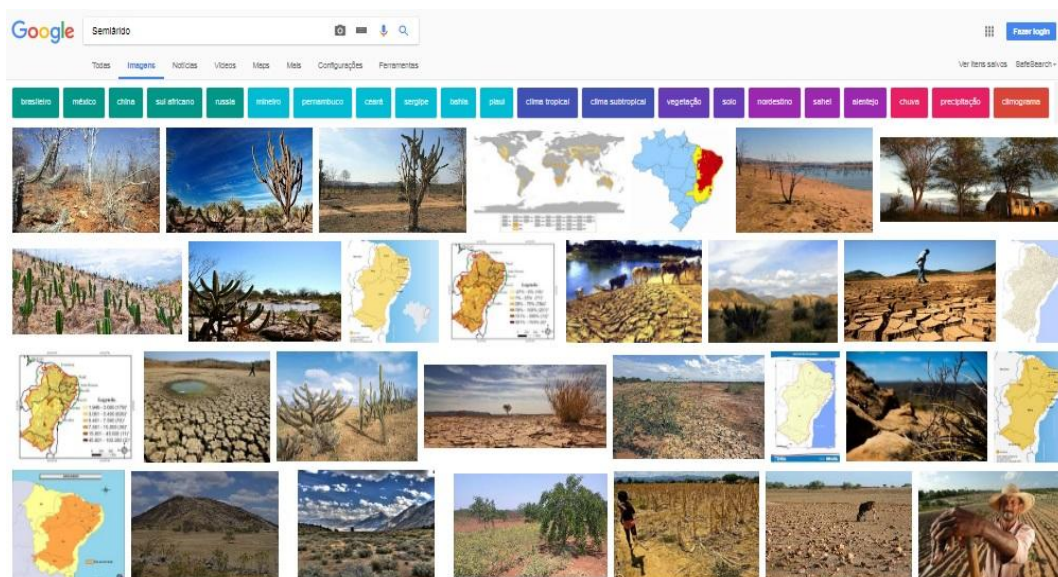
5. O USO DA FOTOGRAFIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL E A CONSTRUÇÃO DE OUTRAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE

5.1 A EXPERIÊNCIA DA OFICINA “APRENDENDO A OLHAR” E SUAS PRODUÇÕES

Para a realização da oficina “Aprendendo a Olhar”, julgamos necessário, primeiro saber o que os jovens participantes conheciam sobre o Semiárido juazeirense, antes de conceituar a importância da fotografia na sociedade, sua história, técnicas e formas de uso. Por meio do questionário aplicado, identificamos que a maioria deles 43% não sabia o que era o Semiárido; 28% não responderam; e apenas 29% caracterizaram o Semiárido como região que possui umidade baixa e clima quente.

Com base nesses dados, elaboramos uma proposta expositiva sobre o que é o Semiárido. Primeiro, apresentamos fotografias baixadas do *Google* Imagens, a partir de uma procura nomeada pela palavra “Semiárido”, que evidenciam alguns estereótipos acerca desse território como: seca, pobreza, falta de chuva, carcaça de animal, sertanejo- cabra macho, miséria, cisterna, casa de taipa e ambiente rural (figura 06). Em contrapartida, exploramos também fotografias disponíveis no site do grupo Jornadas Fotográficas do Vale do São Francisco, exibindo um Semiárido mais diversificado, onde coexistem diferentes culturas, níveis sociais e ambientes (figura 07).

Figura 06: Imagens do “Semiárido”.



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=Semi%C3%A1rido&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjDjpDK0pvXAhVDj5AKHZcxDwYQ_AUICigB&biw=1024&bih=507

Figura 07: Angari, Juazeiro.



Foto: Flávia Ramos

Fonte: <http://www.jornadasfotograficas.com.br/017/>

Além disso, exibimos uma matéria divulgada no Jornal da Record, no dia 11 de janeiro de 2017, que nomeava os fenômenos climáticos registrados em Jaguará no

estado da Bahia, como a pior e mais prolongada seca dos últimos cem anos no Nordeste. Nessa reportagem, é possível identificar vários signos estereotipados sobre a região, que sempre são acentuados pela maioria das mídias nacionais, que fazem questão de reduzir a imagem do local, expondo apenas as calamidades, como falta de água, chão rachado e população sofridora. Em contraponto com essa produção, apresentamos o vídeo “Soul Nordestino”, do grupo P1 *Rappers*, produzido pela WebTV Caatinga, que evidencia a valorização do território nordestino, de seu povo e sua cultura, destacando que a seca não é um problema que deve ser combatido, e sim um fenômeno climático que devemos aprender a conviver.

Após a exibição e explicação dos elementos constitutivos dessas imagens fotográficas e audiovisuais, foi explicitado o conceito de Territórios Semiáridos (vide subitem 4.1) e os estudantes falaram o que compreenderam sobre as imagens do Semiárido. Dos oito participantes que estavam presentes 87,5% entenderam que a maioria das imagens que são expostas pela grande mídia como jornais, revistas e novelas não condiz com a realidade vivenciada por eles, pois todos moram no Semiárido juazeirense, mas nunca passaram fome; não moram na área rural, em casa de taipa e chão rachado, onde é necessária a construção de cisternas para reserva de água. Tércio (2017) comentou “Nunca tinha parado para pensar sobre essa questão do Semiárido, mas não me vejo nessas imagens de fome e seca”.

Essa fala não aconteceu de forma isolada, no início das discussões, muitos dos estudantes afirmavam que não sabiam o que era exatamente o Semiárido, e outros diziam que, para eles, era um local onde não há chuva. Assim, foi possível observar que mesmo quando tinham alguma ideia sobre o Semiárido, os jovens não se sentiam pertencentes a esse tipo de território visto como algo distante, contudo, após as explicitações sobre as características e a visualização das imagens apresentadas, compreenderam que a cidade de Juazeiro, onde vivem, está situada no Semiárido, e que esse espaço geográfico vai muito além da concepção de um lugar de seca, miséria e fome.

No encontro seguinte, 11 de abril de 2017, fizemos um breve resumo do que havíamos visto no último dia, e através dos comentários que os participantes teceram ficou claro que eles compreenderam o conceito de Semiárido, as suas características mais estereotipadas e a diversidade desse território. Nesse momento, Tércio (2017) enfatizou “Agora, o Semiárido é para mim sinônimo de vida e beleza”.

Após fazer essa retrospectiva, iniciamos o conteúdo sobre Representação Social. A princípio, nos questionários, 62% dos participantes afirmaram nunca ter ouvido falar sobre RS; 25% declararam já ter escutado sobre a temática e apenas 13% sabia explicitar sobre o conceito, dizendo que é a forma como a sociedade é retratada. Apesar do pouco conhecimento prévio, durante a explicação sobre o termo, conceito e sua aplicação, todos os presentes conseguiram captar a ideia. Logo em seguida, apresentamos como surgiu a representação social do Nordeste nas mídias e nos livros didáticos, e conseqüentemente do Semiárido, exemplificando que essas características preconceituosas de seca, miséria, fome entre outras que reduzem a imagem dessa região, foram construídas há muitos anos, por meio da política; da imprensa; e da cultura, englobando nessa a literatura (vide Introdução).

Para que os estudantes pudessem compreender melhor sobre o que estava sendo discutido, apresentamos imagens fotográficas bastante difundidas nas mídias que reafirmaram o discurso reducionista sobre o Semiárido, tendo-o como sinônimo de pobreza. Ao exibir a imagem seguinte (figura 08) com o chão rachado, e a pouquíssima vegetação sem folhagens, expondo os galhos secos, sem vida, João Gabriel (2017), rapidamente, interferiu indignado “Então é assim, que o povo acha que é o Semiárido, e o Nordeste?”.

Figura 08: Chão rachado



Fonte: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/online/ceara-vive-a-pior-seca-dos-ultimos-60-anos-e-2015-nao-deve-dar-tregua-1.1158527>

Em contrapartida com essa e outras imagens estereotipadas, mostramos fotografias que evidenciam as potencialidades e riquezas da região. Como a imagem seguinte (figura 09).

Figura 09: Orla de Petrolina



Foto: Johnnis Alves

Fonte: <http://www.jornadasfotograficas.com.br/017>

Ao exibir essa imagem, os participantes identificaram elementos na fotografia, que contradizem os discursos imagéticos estigmatizados presentes nas imagens anteriores, como a figura 06. France (2017) identificou muito verde e os prédios, e indagou com um sorriso sarcástico “Será que são pessoas pobres que moram nesses prédios?”. Já, Kathleen (2017) ressaltou a presença de muita água. E, João Gabriel (2017) apontou “Queria ver se o povo do Sudeste olhando essa foto ia dizer que é no Semiárido?!”.

Depois dessas observações dos estudantes, explicitamos que, a partir do enquadramento da fotografia que mostra parte da Orla de Petrolina, cidade vizinha a Juazeiro, podemos observar o Rio São Francisco, fonte de vida, renda e lazer da população moradora do Semiárido juazeirense e cidades circunvizinhas. Também notamos a presença de uma vegetação verde, que assim como as águas do rio, quebram o paradigma de que o Semiárido é sinônimo de seca e falta de água. As autoras Simas e Paiva (2017, p. 8) apontam ainda que

Em segundo plano, avistamos as grandes construções verticais, mostrando que, apesar de estar localizada no Semiárido, não está dissociada do crescimento urbano, onde a procura por imóveis nessa região é alta, fazendo com que os preços se elevem cada vez mais, mostrando dessa forma, que está inserida nas transformações das cidades. A presença do *Jet Ski*, em primeiro plano, também

evidencia que no Semiárido, não existem apenas pobres e desfavorecidos, mas também pessoas com maior poder aquisitivo que escolhem essa região para morar e desfrutar das diversas possibilidades que ela oferece. E, o céu azul parece bem mais limpo do que em muitas cidades metropolitanas.

Após a exibição e discussão sobre essas fotografias, contamos um resumo da obra “Vidas Secas” (1938), de Graciliano Ramos e “O Quinze” (1930), de Rachel de Queiroz, duas escritas literárias que os estudantes conheciam apenas o nome, mas não sabiam do que se tratava. Nesse momento, após questionarmos esse desconhecimento, já que se tratam de romances bem conhecidos, os estudantes informaram que a disciplina literatura vivia constantemente sem professor. Logo depois, apresentamos a primeira parte da série de reportagem “O Quinze: travessia”, exibida no dia 28 de dezembro de 2015, no Jornal Nacional, da Rede Globo, objetivando de acordo com Simas e Paiva (2016, p. 3) “[...] relacionar a obra “O Quinze”, que retrata a seca do Ceará, em 1915, com a seca de 2015, para mostrar ao povo brasileiro que, apesar de passados cem anos, a situação problemática da seca continua a mesma”. Em contrapartida com as imagens difundidas nessa reportagem, apresentamos o videoclipe “Juazeiro e Petrolina”, do grupo P1 *Rappers*, que, em suas imagens, trazem outras representações da região semiárida, dando destaque à diversidade cultural, econômica e educacional, promovendo ainda, as belezas naturais.

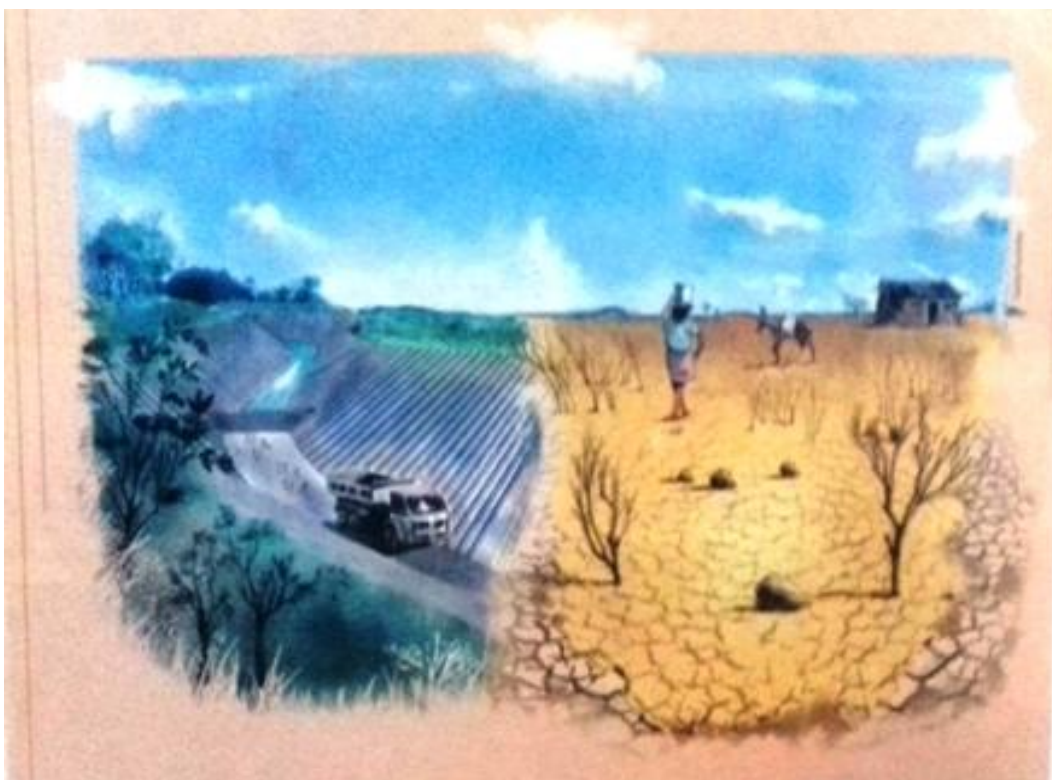
Após apresentação da temática, os participantes fizeram alguns comentários e mostraram que entenderam o que significava aquele termo “Representação Social”, que até então, a maioria nunca tinha ouvido falar. Henrique (2017) apontou: “Eu entendi o que é representação social, é quando um grupo de pessoas diferentes tem uma mesma ideia sobre alguma coisa”, e João Gabriel (2017) completou: “É igual quando se fala de São Paulo e Rio de Janeiro, eu penso logo em assalto, favela, assassinato”.

Depois da compreensão sobre representação social, abordamos no dia 12 de abril, a temática Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, conteúdo que 100% dos participantes desconheciam, uma vez que essa expressão não lhes remetia a nada. Fizemos a exposição do tema, seu conceito, história e aplicação (vide subitem 4.2). Para que a explicação ficasse mais palpável, pontuamos que os livros didáticos, de geografia, por exemplo, que eles utilizam em sala de aula, não são contextualizados, pois apresentam um discurso hegemônico e

colonialista sobre o Semiárido, tendo como ponto central do país o Sudeste, pois a colonialidade do saber decidi “(...) quais conhecimentos e comportamentos são ou não são legítimos(...)” e também institucionaliza “(...) a visão de mundo do dominador” (SILVA, 2016, p. 15).

Provamos essa afirmação ao tomar como exemplo o livro didático de geografia do 1º e 2º ano do ensino médio utilizado no Colégio. Os livros compõem a coleção “Geografia das redes: o mundo e seus lugares”, produzido em São Paulo pela Editora do Brasil. No referido livro, direcionado ao 1º ano, das 192 páginas apenas duas abordam sobre o “Sertão nordestino”, tratando ainda como se a água, ou a falta dela fosse à essência da região, que é tida apenas como rural. E, exibindo a imagem a seguir (figura 10), repleta de signos estigmatizados.

Figura 10: Imagens ilustrativas sobre o Sertão Nordestino



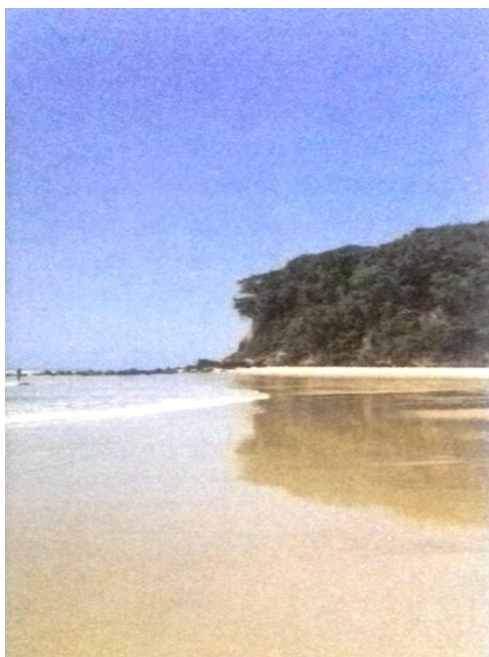
Fonte: livro didático “Geografia das redes: o mundo e seus lugares” 1º ano, 2013.

Essa imagem exhibe do lado direito o solo rachado, infértil; a vegetação de galhos secos sem folhagens; uma mulher com os pés no chão duro e uma lata na cabeça, que provavelmente contém um pouco de água que foi apanhada a quilômetros de distância em um velho açude que ainda resiste ao sol; um animal magrelo, fraco, que espera receber alguns pingos daquela água; e a fundo, uma

velha casa de taipa sinônimo da pobreza extrema. E, do lado esquerdo, o verde da vegetação, a água que ao longe vem chegando, depois que os caminhões/ as obras abriram passagem para que ela percorresse, levando fertilidade ao solo, modificando aquela imagem de miséria.

E, no livro utilizado no 2º ano, das 191 páginas somente quatro se ocupam sobre o tema que traz um discurso sobre o Semiárido nordestino e a transposição do Rio São Francisco, apresentando duas imagens sobre o Nordeste que percorrem o imaginário de grande parte da população brasileira. A primeira do litoral nordestino visto muitas vezes apenas como local turístico (figura 11); e a segunda, as áreas mais afastadas do litoral, onde a seca predomina (figura 12).

Figura 11: Praia em Tibau do Sul (RN, 2012).



Fonte: livro didático “Geografia das redes: o mundo e seus lugares” 2º ano. 2013, p. 84.

Figura 12: Área rural de Santa Terezinha, no Sertão pernambucano (PE, 2012).



Fonte: livro didático “Geografia das redes: o mundo e seus lugares” 2º ano. 2013, p. 84.

Esse último livro também apresenta um questionamento em torno do motivo pelo qual a seca se tornou um problema social, apontando de forma simples e curta que essa problemática surgiu devido a reiterada seca que dominou a região, prejudicando os proprietários de terra e posseiros, gerando o que ficou conhecido como “indústria da seca”, trazendo também uma imagem reducionista que não apresenta elementos suficientes para resposta à indagação. Apesar, desse livro didático apresentar, mesmo que de forma superficial, a discussão sobre a estiagem

e a transposição do Rio São Francisco, a seca continua sendo tratada como um problema que deve ser combatido, tendo no remanejamento das águas do referido rio a resolução da problemática para uma parcela da população.

Esses dois exemplos evidenciam que, a maioria dos livros didáticos produzidos no Sudeste, ainda repercute um discurso imagético reducionista sobre o Nordeste e o Semiárido, apresentando a questão hídrica na área rural, como mote de todos os problemas, transmitindo a ideia de homogeneidade dessa região, como se todo o território do Nordeste fosse rural e acometido pela falta de água. Confirmando o que Martins (2011, p. 50) expõe, ao declarar que os livros didáticos “(...) encarregam-se de acirrar a descontextualização e fazerem perdurar o mimetismo pedagógico”, ou seja, muitos professores mesmo conhecendo a realidade da região, se acomodam e reproduzem os discursos colonizadores presentes nesse material (vide subitem 4.2).

Exibimos também uma reportagem produzida pela Web/Tv Uneb que mostra como a educação contextualizada é aplicada em uma escola rural em Massaroca, distrito de Juazeiro, onde as experiências dos estudantes são valorizadas. Pois, além da aula dentro da sala, os discentes também fazem atividades ao ar livre, como por exemplo, educação física e geografia, tendo contato direto com a natureza, e, também ajudam no cultivo da horta pedagógica, cuidando dos legumes, verduras e fazendo a manutenção do pomar (figura 13). Dessa forma, os conteúdos disciplinares são combinados com a realidade vivenciada pelos professores e educandos.

Figura 13: Imagem extraída do vídeo “Coisas do Sertão: educação contextualizada”.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=hzy1FQ_DTds

Em seguida, perguntamos aos estudantes o que compreenderam sobre a Ecsab, Kathleen (2017) rapidamente explicou que “A Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido se preocupa com os conhecimentos dos alunos, e tenta relacioná-los com os conteúdos da escola”. Os participantes também foram indagados se o Colégio Estadual Hildete Lomanto, onde estudam, pratica uma educação contextualizada. Dos presentes, 70% disseram que não, pois não conseguem relacionar os assuntos das aulas com o cotidiano; e 30% afirmaram que sim, pois alguns professores, às vezes, explicam os conteúdos trazendo exemplos do dia-a-dia.

Concluída essa parte da Oficina, após explicarmos sobre território Semiárido, Representação Social e Ecsab, conteúdos muito importantes para atingir o objetivo desta pesquisa, adentramos nas discussões sobre fotografia. Iniciamos, no encontro do dia 19 de abril, com a história da fotografia, pois é essencial saber sobre seu surgimento e as evoluções pelas quais passou, para depois conhecer as técnicas utilizadas, porque desse modo, cria-se maior intimidade com o ato fotográfico (DARDAQUE; FERRARI, 2013) [vide subitem 3.3]. Os participantes se mostraram bem interessados e curiosos, se surpreendendo com o processo que a fotografia passava antigamente, o tamanho das câmeras e o tempo de exposição. Durante a

explicação, Tarcio (2017) espantado relatou: “Nunca imaginei que para se fazer a primeira fotografia tivesse demorado oito horas”.

Alguns dos estudantes não chegaram a conhecer as câmeras analógicas e instantâneas e ficaram admirados com os negativos que eram utilizados nas analógicas; e com as fotografias feitas em câmeras instantâneas, onde a fotografia é revelada na hora. Os participantes acharam interessantes os equipamentos que eram utilizados antes, mas acostumados com a praticidade, rapidez e boa qualidade das fotografias digitais, acabaram não se identificando com essa forma mais antiga. No final dessa apresentação, os participantes foram questionados sobre qual a relação entre os temas que havíamos visto até então, e João Gabriel (2017) prontamente respondeu “Com as fotografias que vamos fazer do centro de Juazeiro e do Salitre, vamos mostrar que o Semiárido não tem apenas seca, pobreza e feiura como alguns dizem por aí, vamos provar que é muito diferente disso”.

Após a contextualização histórica da fotografia, explicamos algumas funções da câmera profissional Canon 60D, auxiliando os participantes no seu manuseio. No momento da explicação, os estudantes ficaram atentos e curiosos, querendo entender tudo que o equipamento podia fazer, perguntando sobre a funcionalidade de cada botão. Já, na prática, de início ficaram um pouco receosos em pegar na câmera, com medo de quebrar ou deixar cair. Mas, aos poucos, foram se familiarizando com aquele objeto grande e pesado que nunca haviam pegado nas mãos antes.

No começo, as fotos saíram estouradas (quando há luminosidade excessiva na imagem); muito escuras; ou sem foco algum. No entanto, com as explicações práticas, eles conseguiram fazer algumas fotografias com a fotometria correta. E, quando acertavam, a alegria se estampava no rosto, e faziam questão de mostrar para os colegas que tinham conseguido fazer uma foto boa.

Enquanto estávamos treinando numa área de convivência do Colégio, onde os estudantes manuseavam a câmera e tentavam fazer as fotografias, um momento descontraído, em que dávamos risadas de algumas fotografias feitas por eles, a diretora (2017) do Colégio, chegou e ficou nos observando e questionou: “A oficina já acabou?”, logo, respondemos que não, que os estudantes estavam aprendendo a usar a câmera, praticando. A diretora não disse mais nada e saiu. Depois, no final da oficina, ela perguntou se os participantes estavam se comportando direito, prestando atenção. Confirmamos que sim, que eram participativos e interessados; ela olhou

desconfiada e disse: “É, mas muitas vezes é preciso ‘puxar as rédeas’”. Com os questionamentos e afirmações da diretora, percebemos que talvez, ela ainda considere a educação hierárquica e colonizadora como necessária, onde o professor possui todo conhecimento e tem autoridade máxima sobre os estudantes que devem ser submissos e aceitar tudo que o docente afirma na sala de aula, desprezando totalmente, a existência de uma relação dialógica, de troca de conhecimento, amizade, parceria e respeito que deve existir entre professor e estudante para possibilitar um ensino de qualidade e prazeroso para ambas as partes.

Depois de levar os participantes para a prática, pois estavam muito ansiosos para mexer na câmera, apresentamos com mais detalhes e exemplos os tipos de câmeras: analógica (o fotógrafo vê exatamente a mesma imagem que vai ser exposta ao filme); compacta (ideal para momentos casuais), semiprofissional (têm "cara de profissional", oferece zoom poderoso, possibilidade de ajustes manuais de velocidade, sensibilidade (ISO) e abertura, porém as lentes são fixas, a abertura limitada e o sensor pequeno); *mirrorless* (não possui visor óptico como as SLR, ou seja, não é possível ver o que a lente está enxergando exatamente) e a profissional, DSLR (são as mais indicadas para quem deseja ingressar no mundo da fotografia manual, e a imagem "enxergada" pelas lentes é exatamente a mesma vista no *viewfinder*, ou seja, o visor da câmera). Explicamos também sobre os componentes da câmera fotográfica e suas funcionalidades como:

- o corpo - onde está localizado o sensor, o obturador, o visor e todos os encaixes (para objetivas, *flash* e cabos);
- objetiva - conjunto de lentes que possibilita a passagem de luz de maneira ordenada para sensibilizar a película fotográfica, ou o sensor e formar a imagem;
- diafragma - estrutura que se encontra no interior de todas as objetivas, e tem o papel de controlar a quantidade de luz que passa através dela;
- obturador - dispositivo mecânico que controla a quantidade de luz que incide no sensor através de uma "cortina";
- visor - nos permite ver a cena que vamos fotografar;
- sensor - local para onde se direciona toda a luz recolhida pela objetiva, onde *pixels* sensíveis à luz captam a cena (BUSSELE, 1999).

Além disso, apresentamos algumas técnicas fotográficas que eles usaram para fazer as fotografias na área urbana e rural como:

- balanço de branco - que regula o tipo de luz que o sensor captará;
- fator ISO - que determina a sensibilidade do sensor da câmera em capturar a luz;
- luz natural dura - presente em dias ensolarados e que apresenta grandes diferenças entre zonas de luz e sombras, sendo mais difícil fotografar;
- luz natural suave - comum em dias nublados, amanhecer, entardecer, e apresenta sombras suaves;
- direção da luz - frontal, direita, esquerda e contraluz;
- composição da imagem - luz; foco, desfoco; linhas horizontal, diagonal e vertical; ângulo, *plongée* e *contra-plongée*; perspectiva e planos geral, médio e fechado.

Ressaltamos que as técnicas apresentadas podem ser utilizadas tanto em câmeras compactas, semiprofissionais, profissionais, etc., quanto em câmeras presentes em aparelhos celulares. Dessa forma, os participantes conheceram o equipamento e as suas funções para poderem exercitar esses conhecimentos, para em seguida, fazerem as fotografias que compuseram a exposição fotográfica.

Após a parte teórica, os estudantes pegaram a câmera, e novamente, fizeram fotografias na área de convivência do Colégio, já mostrando maior intimidade com o equipamento, tendo êxito na fotometria e composição. Então, demos continuidade ao processo de conhecimento e familiarização com o equipamento fotográfico e as suas funcionalidades. Fizemos um rodízio com a câmera. Cada participante deveria fotografar durante 30 minutos, utilizando os planos geral, médio e fechado; foco e desfoco; e luz lateral direita e esquerda, frontal e contraluz. Para assim, se habituarem aos controles do equipamento e conseguir fotometrar, controlando a quantidade de luz que entra na câmera. Estávamos presentes a todo o momento, esclarecendo as dúvidas e incentivando a subjetividade do olhar.

Nesse dia, mais uma vez, percebemos a evolução das fotografias tanto na fotometragem, quanto na sua composição, pois os estudantes não estavam mais receosos no manuseio do equipamento fotográfico, e começaram a enxergar através da lente objetos que até então, passavam despercebidos do seu olhar. Um exemplo que corresponde ao que acabamos de citar é a fotografia de uma pedra produzida

por France. A foto apresenta uma luz dura, pois expõe um contraste entre luz e sombra; possui profundidade, focando a pedra em primeiro plano, e desfocando o carro, as árvores e o prédio ao fundo. Ao fazer esta fotografia France mostrou um olhar diferenciado tendo como ponto central de sua composição, uma pedra, que antes nunca havia lhe chamado a atenção. “Nunca imaginei que faria a foto de uma pedra e iria gostar tanto. Dá até vontade de levar a pedra para casa”, disse ela (2017), muito contente por conseguir ter feito tal imagem (figura 14).

Figura 14: A pedra.



Foto: France Carla, 2017.

Após os treinos na área de convivência do Colégio, percebemos que os estudantes já estavam mais íntimos do equipamento, então realizamos a nossa primeira Jornada Fotográfica, em 3 de maio de 2017, que teve como trajeto o Centro comercial de Juazeiro, a Orla I e a Ilha do Fogo. Eles estavam ansiosos por fotografar a cidade, e também visitar a Ilha do Fogo, que fica entre as cidades de Juazeiro e Petrolina, pois alguns como France e Kathleen, apesar de sempre terem morado em Juazeiro, nunca haviam ido à Ilha.

Durante a feitura das fotografias, podemos perceber que o olhar dos participantes já estava sendo um pouco mais atraído pelo diferencial, por aquilo que

eles não notavam sem o auxílio da objetiva. Seus corpos se movimentavam juntamente com a câmera. Agachavam, deitavam no chão, ficavam na ponta dos pés, se aproximavam e se distanciavam, direcionando a lente para os elementos que lhes chamavam a atenção, exercitando o olhar subjetivo de cada um. No decurso do trajeto, houve um momento em que Henrique viu algo que lhe chamou a atenção, e chamou France, que nesse momento estava com a câmera profissional, para fotografar. E, prontamente, João Victor (2017) atraiu sua atenção dizendo: “Ela deve fotografar o que ela quiser e não o que você acha interessante”. Nessa hora, percebemos que alguns estudantes já estavam compreendendo na prática, a questão da subjetividade presente no olhar fotográfico, reconhecida pela singularidade das escolhas de objetos, ou seja, o que seduzia um participante poderia ser totalmente desinteressante para o outro.

Depois da primeira jornada fotográfica, no encontro seguinte, fizemos uma pré-seleção das fotografias produzidas pelos estudantes, tanto na câmera profissional, quanto nos *smartphones*. O resultado das imagens feitas foi satisfatório, pois os participantes conseguiram utilizar a câmera, fazendo a fotometragem correta. Às vezes, as fotos saíam superexpostas e outras sobre-expostas, mas logo, eles regulavam os dispositivos e faziam a fotografia com a iluminação adequada. Além de conseguirem fotometrar, fizeram composições interessantes e diferenciadas, que evidenciam que o Semiárido não se resume as imagens estereotipadas como seca, pobreza e lugar inóspito, já que as imagens mostram a imensidão do Rio São Francisco; a urbanização, que infelizmente acaba acarretando numa desvalorização da natureza; o movimento do Comércio local; o trânsito na Ponte Presidente Eurico Gaspar Dutra, rodovia BR-407/PE, que interliga os estados da Bahia e Pernambuco; entre outras composições.

No momento da pré-seleção das fotografias, os participantes se mostraram com vergonha de algumas imagens que fizeram e ficaram escuras, estouradas ou sem foco. Nem era preciso chamar a atenção para os problemas da imagem, pois eles conseguiam identificar todos os defeitos. Enquanto selecionávamos as fotografias, alguns estudantes não sabiam explicar porque registraram determinada imagem, diziam apenas que a cena havia lhes chamado à atenção, ou que tinham gostado das cores, ou ainda porque faz parte do Semiárido. A questão de não saberem explicar detalhadamente o motivo que os levou a fazer tal fotografia, é compreensível, já que, mesmo tendo contato diário com o mundo imagético que

tomou conta da sociedade contemporânea, os estudantes e a maioria das pessoas não são estimuladas a pensar o porquê da construção de determinada imagem e quais informações elas transmitem (vide subitem 3.3). Até aquele momento, os estudantes ainda estavam inseguros sobre falar o porquê da construção de tal enquadramento, e o que a imagem lhe dizia, pois apesar da Oficina estimular esse olhar crítico, é difícil modificar toda uma cultura dominadora enraizada nos educandos que não são instigados a pensar.

Um exemplo do que explicitamos é a imagem a seguir (figura 15), pois quando essa fotografia foi exibida, perguntamos a autora Stephanie (2017), por qual motivo ela havia feito a imagem. No início, ela não soube explicar e disse: “Professora eu achei interessante o tronco da árvore cortado, e os carros no fundo, mas não sei explicar exatamente porque fiz”. Mas, depois de observar os signos contidos na foto e refletir sobre eles, Stephanie (2017) discorreu: “A imagem do tronco da árvore cortado, junto com a calçada de cimento, e no fundo os carros estacionados, atraíram o meu olhar, pois mostram que vivemos em um Semiárido bem diferente, urbanizado”.

Figura 15: Tronco e cimento.



Foto: Stephanie Barbosa, 2017.

Já, Kathleen (2017) ao observar as fotos que fez ficou surpreendida e disse sorrindo: “Não estou acreditando que eu mesma fiz essas fotografias, ficaram

lindas”. E complementou ao ver a imagem adiante (figura 16), “Desse jeito quero ver dizerem que no Semiárido só tem seca e falta de água, com os vários prédios no fundo, e esse rio. Aqui é muito lindo!”.

Figura 16: Aqui também é Semiárido.



Foto: Kathleen Teles.

Conseguimos fazer uma boa triagem das fotografias produzidas, mas ainda foi necessário fazer outra seleção, devido a grande quantidade de fotos com qualidade para serem expostas, o que acabou dificultando o processo de escolha, mas, por outro lado, essa situação foi satisfatória, pois percebemos o quanto os estudantes aprenderam sobre as técnicas fotográficas e a diversidade territorial do Semiárido, denotando inclusive a existência dos espaços urbanos e seu diferencial em relação a representação que comumente aparece desta região.

Após fazer as pré-seleções, fomos para outra Jornada Fotográfica, passando pelo Centro de Juazeiro, mas especificamente, o Calçadão e seguindo para a Orla II. Resolvemos realizar mais essa jornada pelo Centro, porque dois integrantes Tércio e João Gabriel não puderam comparecer na saída anterior, sendo assim, não tinham feito fotografias do local. Dessa forma, além de possibilitar a produção desses participantes, ainda foram feitos registros de lugares que não passamos na jornada anterior, cobrindo assim, uma maior área.

Depois de captar as cenas da área urbana, na semana seguinte, conforme planejado, realizamos a Jornada Fotográfica para a Cachoeira do Salitre, a 63 Km do Centro de Juazeiro, fazendo uma parada no Povoado Poço da Onça, para registrar cenas da área rural do Semiárido juazeirense. Ao chegarmos à cachoeira, os participantes ficaram encantados com a beleza do local, e João Vitor (2017) declarou: “Eu não sabia que em Juazeiro tinha uma cachoeira tão bonita”.

Enquanto os participantes fotografavam o espaço, que apresenta uma vegetação de plantas típicas da caatinga como: cacto, mandacaru, palma, umbuzeiro, aroeira; os paredões de pedras, formando os cânions; e as águas que não param de rolar, observamos que os estudantes buscavam registrar as cenas que mais lhes atraíam a atenção, fazendo enquadramentos abertos - para capturar todo o ambiente, rico em belezas; médios - com o intuito de congelar alguma situação; e fechados - para mostrar os detalhes das plantas, dos peixinhos ou da água rolando entre as pedras.

Passamos toda a tarde na cachoeira, onde fotografamos, tomamos banho, almoçamos, exploramos o local, lanchamos e nos divertimos. Além da feitura das fotografias pelos participantes, foi ótimo proporcionar, para eles, um momento que mesclou conhecimento e diversão, pois muitos nunca haviam saído da área central de Juazeiro. Nesse sentido, Henrique (2017) comentou: “Professora, esse projeto não pode morrer não, foi uma experiência muito boa. A gente conheceu muitos lugares, através dele”. E, Kathleen (2017) destacou que as Jornadas Fotográficas lhe proporcionaram aprender “(...) sobre a diversidade do Semiárido e a realidade de quem mora na área rural”. Já, Tércio (2017) afirmou: “Aprendi a olhar o mundo de uma forma totalmente diferente do que via antes”.

Assim como fizemos com as fotografias produzidas no Centro de Juazeiro, também foi necessário fazer uma pré-seleção das fotografias feitas no Povoado Poço da Onça e na Cachoeira do Salitre. Muitas das fotos feitas apresentavam boa qualidade técnica e estética, o que dificultou um pouco a seleção, principalmente para eles que estavam impressionados com o trabalho que fizeram e queriam escolher a maioria das imagens. Em seguida, quando foram informados que das 900 fotografias feitas tanto na área urbana quanto na rural, selecionaríamos apenas três de cada participante para compor a exposição, eles acharam que seria muito difícil escolher. E, Henrique (2017) indagou: “Mas professora, no meio de tanta foto bonita que a gente fez, só vamos poder escolher três para a exposição?!”. Infelizmente,

não poderíamos compor a exposição com todas as fotografias. Assim, revimos todas as imagens pré-selecionadas, identificando seus autores e solicitando que cada um escolhesse suas três fotografias para exposição, de preferência, justificando suas motivações. Foi um pouco difícil, pois como já dissemos anteriormente, os participantes queriam que todas as fotos fizessem parte da mostra. Mas, apesar das dúvidas, conseguimos escolher as 24 fotografias.

Depois da seleção, fizemos uma discussão para decidir se as fotografias teriam ou não legendas. Todos escolheram não colocar texto/legenda na foto, pois dessa forma, possibilitamos aos observadores das imagens expostas, uma maior liberdade na leitura, já que o texto acaba influenciando, direcionando a interpretação da fotografia. Escolhemos ainda, o nome da exposição “Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense”, que de acordo com Tércio (2017) representa todas as imagens da exposição. Também foi decidido que as fotos teriam o nome de seus autores por unanimidade, pois todos desejavam mostrar as belas fotografias que fizeram, e queriam seus nomes registrados nelas.

Após concluir a seleção das fotos, buscamos saber com a diretora qual o melhor local, data e horário para a realização da exposição. Ficou acertado que seria o corredor principal do Colégio, que possui um mural grande o suficiente para comportar as imagens e escolhemos o período de 07 a 10 de junho como a melhor data. Ela se mostrou muito entusiasmada com a realização da mostra, e comentou ainda que no início ficou um pouco preocupada com o desenrolar da oficina, pois os estudantes que estavam participando eram os mais “bagunceiros” da escola, porém agora estava muito feliz com o desenvolvimento do projeto, pois percebeu mudanças comportamentais nesses estudantes que eram tidos como “problema” no Colégio. “A maioria dos alunos que estão participando da oficina são considerados os mais bagunceiros e desordeiros, e tenho notado que depois da oficina eles mudaram de comportamento estão mais calmos e educados”, alegou a diretora (2017). Ela ressaltou também que é muito bom quando eles sabem aproveitar essas oportunidades de conhecimento, ainda mais quando são bem cuidados e recebem atenção. “Quando vocês chegaram com a van da Uneb, na porta do Colégio para buscá-los para levar a cachoeira, percebemos mais uma vez, o zelo que tem com eles, e isso faz toda a diferença”, acrescentou a diretora (2017).

Nesse depoimento, percebemos a importância de se desenvolver projetos educativos e oficinas que permitam que o estudante se desenvolva, use sua

criatividade, se torne um sujeito crítico, tenha voz e que seja ouvido, sem que haja uma hierarquia de saberes, pois todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo. Mesmo sem ser um objetivo explícito nesta pesquisa, conseguimos “plantar uma sementinha” da mudança, da transformação nesses estudantes.

No momento de organizar a exposição, os participantes ajudaram com a colagem das fotografias no papel cartão (para ficar mais firme), na limpeza do local, na organização e fixação das fotografias no painel. Enquanto colávamos as fotografias no papel cartão, uma professora (2017) do Colégio chegou e ficou olhando as fotos, admirada com a beleza das imagens, afirmou: “Olhando essas fotografias é até difícil imaginar que foram esses alunos que fizeram, eles são tão largados, não ligam para nada”, e complementou “Mas estão muito lindas”. Dessa forma, percebemos o quão os estudantes do Colégio são desvalorizados, onde mesmo a professora, vendo um trabalho bonito e de qualidade faz um comentário como esse.

Quando finalizamos a organização, os participantes ficaram encantados com o resultado. “Deu muito trabalho fazer essa exposição, mas o resultado valeu a pena”, disse France (2017). E, Marília (2017) com os olhos brilhando falou: “Oh, professora! Ficou lindo demais!”. Era perceptível a animação e entusiasmo, ao verem as fotos que eles fizeram expostas para todos observarem (figura 17).

Figura 17: Exposição no CEHL.



Foto: Arquivo pessoal, 2017.

Na abertura da exposição “Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense”, os participantes estavam ansiosos e contentes, pois todos que olhavam as fotografias, professores, alunos, secretários, etc., e público externo, os parabenizavam e diziam

que as fotos pareciam ter sido feitas por profissionais. Os participantes ficaram tão animados com a realização da exposição que montaram uma “vigília” das fotos para que nenhum outro estudante mexesse nelas. Além disso, eles também explicavam sobre as imagens, quando alguém perguntava a respeito. Em um determinado momento, um estudante observou a foto da Ponte Presidente Eurico Gaspar Dutra, feita por João Vitor (figura 18) e disse: “Se tivesse tirado essa foto do outro lado da ponte, acho que tinha ficado mais bonito porque pegava a Ilha do Fogo”, e rapidamente, France (2017) respondeu: “Mas, se nesse horário fizesse a foto do outro lado, não daria esse efeito do sol iluminando a ponte e ficaria um contraluz”. Assim, percebemos que os integrantes absorveram os ensinamentos da oficina “Aprendendo a Olhar”, e os utilizarão em suas vidas.

Figura 18: Fim de tarde na Ponte Presidente Eurico Gaspar Dutra.



Foto: João Vitor, 2017.

Após a exposição, promovemos um encontro para avaliar toda a experiência. Ao serem questionados se gostaram da exposição fotográfica, France (2017) articulou: “Gostei muito, pois fizemos todo o trabalho juntos”. Stephanie (2017) afirmou: “Amei a experiência de realizar a exposição e sentirei muita falta desses momentos”. João Vitor (2017) declarou que adorou, “(...) pois as imagens mostram a verdadeira forma do nosso Semiárido”. E Tércio (2017) revelou: “(...) Me surpreendi

com todas as fotografias, principalmente as minhas”. Quando indagados sobre quais eram as suas expectativas de aprendizado no início do projeto, 14% afirmaram querer aprender a mexer na câmera fotográfica; 43% mais sobre fotografia; e 43% conhecer sobre o Semiárido. Essa última porcentagem despertou nosso interesse porque destoou um pouco das respostas apresentadas no questionário inicial, quando perguntados sobre o que conheciam do Semiárido e 28% não responderam; 43% não conheciam nada sobre o Semiárido; e somente 29% afirmaram que as características do Semiárido são a região seca e o clima quente.

E, quando arguidos sobre o que mudou na concepção deles sobre o Semiárido após o projeto, apenas France assumiu não ter conhecimento dessa região antes da oficina, os demais afirmaram que antes o Semiárido era apenas seca, galhos de árvores sem folhagem, pobreza e sofrimento, mas agora conseguem enxergar que no Semiárido existe muita beleza, diversidade e riqueza. Com esses desencontros nas respostas entre o questionário inicial e final, compreendemos que depois da explicitação sobre os territórios Semiáridos, durante a oficina, os estudantes perceberam que conheciam aqueles discursos imagéticos reducionistas sobre a região, mas como não faziam parte da realidade vivenciada por eles, se tornava algo distante. E, acreditamos ainda que a falta de compromisso e seriedade ao responder o questionário inicial também contribuiu para esses resultados (vide subitem 2.4).

Além disso, nos preocupamos em saber como os estudantes percebiam as suas fotografias após participar do projeto. Stephanie (2017) afirmou: “Antes eu só fazia *selfies* sem nenhuma preocupação, mas agora entendo sobre ângulos e claridade”. E, Kathleen (2017) contou ter melhorado bastante: “Agora reparo na intensidade da luz, no ângulo, e sempre procuro focar em algo” e “(...) a partir de agora vou prestar mais atenção ao meu redor, e procurar saber mais sobre os lugares antes de formar minha opinião”. Enquanto, Marília (2017) ressaltou que gostou muito das jornadas porque “(...) podemos conhecer mais sobre o Semiárido, e descobrir que a nossa região é maravilhosa”, todos confirmaram que as expectativas em relação a oficina foram alcançadas, pois vivenciaram novas experiências, aprenderam várias técnicas de fotografia e coisas novas sobre a cidade em que vivem, além da relação de amizade e parceria conquistada com esta pesquisadora, que os participantes gostaram bastante. Percebemos, portanto, por meio das falas, das fotografias produzidas e da observação, que todo o conteúdo exposto na oficina foi absorvido de forma significativa pelos participantes.

Além da exposição realizada no Colégio, fizemos uma segunda mostra na Uneb, Campus III, durante o VII Workshop de Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro e IV Colóquio de Pós-Graduação do Vale do São Francisco, que aconteceu entre os dias 30 de agosto e 1 de setembro de 2017, trazendo a discussão sobre “Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos”, conforme já mencionamos em capítulo anterior. Decidimos apresentar a exposição nesse evento, pois tem total relação com a proposta da mostra, já que os dois buscam evidenciar as várias facetas dos Semiáridos brasileiros, e era também, uma oportunidade de atingir um público ainda maior.

Figura 19: Exposição na Uneb.



Foto: Arquivo pessoal, 2017.

Todos os visitantes da exposição teceram muitos elogios pela iniciativa, qualidade das imagens, montagem e relevância da temática discutida. E agora, para atribuir ainda mais significado a produção dos estudantes, faremos a seguir, uma leitura das imagens exibidas na exposição, evidenciando o poder comunicativo, educativo e revelador que a fotografia possui.

5.2 LEITURA DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS

A imagem fotográfica é produtora de sentido e de conteúdo, exercendo um forte potencial comunicativo, capaz de expor nossa cultura e a forma como nos

relacionamos com o mundo exterior. Na sociedade imagética na qual vivemos, é importante reaprender a ler e a pensar a partir de imagens. Mas essa leitura deve ser atenta, pois, como ressalta Miranda (2015, p. 8), “Estudar a imagem é perceber seus efeitos, não é o que está mais evidente que deve chamar a atenção, mas suas possibilidades e potencialidades”.

Desde as pinturas rupestres, as imagens sempre tiveram uma função comunicativa, informativa e de registro da memória, podendo ser a representação de um acontecimento, a narração de uma história, dentre muitos outros aspectos. A imagem fotográfica, por exemplo, é uma forma de evocar a realidade, onde o espectador pode conhecer, reconhecer ou ativar lembranças, interpretando, reinterpretando e atribuindo novos significados para a imagem.

Para que essa “evocação do real” aconteça, é imprescindível interpretarmos as imagens por meio da nossa visão que é composta por operações: ópticas, químicas e nervosas. Assim, a formação da imagem ocorre desde o momento em que a emissão de luz atinge o olho até a codificação das informações recebidas (MIRANDA, 2015). Após esse processo, o cérebro busca informações para interpretar determinada imagem, tentando reconhecer os elementos que a compõem. A imagem é constituída por três categorias de elementos: os principais - que atraem o olhar rapidamente e conduzem a temática principal, em alguns casos pode estar oculto; os secundários - que se relacionam com o elemento principal e podem produzir um suporte ao mesmo, sem causar distração; e os terciários - que podem não se relacionar com os outros elementos, pois não produzem significados diretos ou complementares, mas despontam outras significâncias, podendo ainda ser absorvidos por nossa mente de forma despercebida e acabar colaborando para a interpretação da imagem (MIRANDA, 2015).

A questão da interpretação da imagem está muito ligada à carga cultural e conhecimento prévio que o observador possui, e a compreensão dos significados está amarrada às “(...) suas características internas, suas referências e as interpretações que enseja” (SANTAELLA, 2012, p. 74). A fotografia tem o poder de gerar nos seus observadores alguns sentimentos, que, por vezes, passam despercebidos, e em outras são tão intensos que mexem com o interior de seus espectadores. O despertar dos sentimentos é o primeiro nível de apreensão de uma fotografia. O segundo nível é ativado quando identificamos o motivo, ou seja, aquilo que está fotografado, quando não identificamos imediatamente, procuramos pistas

sobre o local, a pessoa ou a situação que aparecem. E, o terceiro nível é onde surge a querela entre ver fotos e ler fotos, pois a última exige um olhar curioso, atento aos elementos que a constituem uma linguagem visual. Como destaca Santaella (2012, p. 80)

Assim, uma vez diante da fotografia, trata-se de buscar a unidade melódica de suas luzes, linhas e direções, suas escalas e volumes, seus eixos e suas sombras, enfim, contemplar a atmosfera que ela oferta ao olhar, pois a significação imanente dos motivos e temas fotografados é inseparável do arranjo singular que o fotógrafo escolheu apresentar.

Os valores temporais e as seleções espaciais que a fotografia carrega foram escolhas feitas pelo fotógrafo que optou por recortes que inseriram e excluíram determinados elementos. Sendo assim, essas preferências de composições podem ser o ponto de partida para a leitura da imagem fotográfica, já que tanto o espaço interno quanto o externo expressam muito do significado do que foi retratado, pois “(...) o que está fora da foto foi nela capturado [...]” (SANTAELLA, 2012, p. 80), uma vez que, a escolha de deixar algo de fora do enquadramento também transmite valor.

As fotografias, independentes de seu tipo, qualidade ou finalidade, capturam um fragmento do tempo e o congelam. Por isso, encontramos nas fotos as marcas do tempo do motivo eternizado, e identificamos o aparelho técnico usado para a feitura da imagem. Além de conhecer um pouco sobre a cultura do fotógrafo, a partir da apreensão dos signos contidos em suas obras. Sendo assim, apresentaremos a seguir a leitura das imagens fotográficas que compuseram a exposição fotográfica “Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense”, resultado da oficina “Aprendendo a Olhar”. A mostra, como já mencionamos, foi composta por 24 fotografias que expressaram como o título bem traz, as novas formas de olhar o Semiárido juazeirense.

Dessas 24 fotografias, 11 revelam a área rural, entre Cachoeira do Salitre e Povoado Poço da Onça; e 13 retratam a área urbana, representada pelo Centro da cidade de Juazeiro, Orla I e II, e a Ilha do Fogo. Ao fazermos uma leitura geral das imagens, percebemos que os estudantes deram preferência para enquadramentos de grande e médio planos, pois esses recortes possibilitam uma maior visualização do cenário, permitindo que o observador compreenda melhor o conjunto de

elementos selecionados, podendo aproximar a sua interpretação da intenção do fotógrafo, no momento do clique.

As cores e os tons são diversos. As tonalidades do marrom se apresentam no solo arenoso, nos produtos de couro, nos gravetos, na terra, na cerca feita com estacas de madeira, no tronco cortado de uma árvore e nos tijolos de barro; o verde, presente nas folhagens das distintas plantas e na água da cachoeira; o cinza, que se destaca na ponte de concreto e no piso cimentado da praça; o azul, que se exhibe na água do Rio São Francisco e no céu, mostrando suas várias tonalidades; e o laranja que se sobressai na luminosidade do sol.

As imagens representam a realidade vivenciada no Semiárido juazeirense, pois mostram cenas da área rural e urbana, provando que existe a seca, que atinge a região em determinadas épocas do ano, mas que, além disso, o local possui uma diversidade ecológica que perpassa por cachoeiras, ilhas, rios, vegetação variada, solos arenosos e de concreto, e pessoas que circulam nos dois ambientes. Sendo assim, apresentaremos a seguir, a leitura de oito fotografias, uma de cada participante da oficina, para expor com mais detalhes, os elementos que corroboram para a construção de novos olhares e representações sobre o Semiárido juazeirense. As fotografias foram escolhidas de modo a evidenciar os mais diversos tipos de elementos principais selecionados pelos participantes como representações diferenciadas da região.

A primeira fotografia (figura 20) selecionada exhibe, em primeiro plano, uma cerca feita de estacas e arame farpado, que transmite a ideia de segurança, proteção e reclusão. O ponto na imagem é a mulher encostada na brecha da porta da casa, no segundo nível, que apesar do seu tamanho reduzido em relação ao restante da composição, se destaca atraindo o olhar do observador. Temos ainda no terceiro plano, a metade de uma antena parabólica, enfatizando que apesar da casa estar situada na área rural da cidade, os moradores não estão aquém da tecnologia e da informação. A fotografia apresenta ainda texturas contrastantes, onde a parede de tijolos de barro é ríspida e o chão duro, contrapondo com a leveza e maciez das nuvens, a paz transmitida pelo céu azul, e o verde-broto das árvores em quarto plano.

Figura 20: Sem título.



Foto: France Carla, 2017.

Essa fotografia feita no Povoado Poço da Onça, no município de Juazeiro, retrata que mesmo na área rural do Semiárido juazeirense existe vida, os avanços tecnológicos estão presentes, e as pessoas tentam proteger suas casas contra animais e pessoas desconhecidas, assim como os moradores da área urbana. E, que, apesar da casa simples e sem luxo, desfrutam de uma vida digna, de um céu límpido, natureza exuberante, que contrasta o marrom do solo arenoso com o verde das árvores de médio porte, onde durante a noite é possível contemplar as estrelas, fazendo da natureza um quintal particular.

A fotografia seguinte (figura 21), também feita na área rural de Juazeiro, especificamente na Cachoeira do Salitre, expõe uma composição vertical de plano médio, que evidência uma sequência no primeiro, segundo e terceiro planos da predominância da água doce, de tom esverdeado, que na sua transparência possibilita identificar a profundidade do local. Os paredões de pedras que também estão presentes nos três planos formam uma moldura da paisagem, dando ainda mais destaque para a água cristalina, que se torna o ponto da imagem.

Figura 21: Sem título



Foto: João Gabriel, 2017.

Os galhos de uma árvore de porte médio, e que foge da vegetação tida como característica do Semiárido, enquadrada na parte superior da imagem de forma horizontal e em segundo plano, com as folhagens mesclando entre os tons verde-lima e verde grama também contribuíram para a constituição da moldura. O destaque na tonalidade do verde das folhagens se dá a luminosidade do sol, que atingiu algumas folhas, assim como ocorreu nos cânions, possibilitando o jogo entre luz e sombra. Para Gabriel (2017), autor da fotografia, “A luz do sol ajudou bastante para que as fotos ficassem bonitas”. Essa imagem fotográfica destoa do discurso imagético construído sobre o Semiárido, pois mesmo na área rural, considerada por muitos como miserável, composta por vegetação de galhos secos e falta de água, encontramos um ecossistema diversificado, belo, que respira e transpira vida.

Cada fotografia que eu fiz representa muito bem o nosso Semiárido. As pessoas que não são da nossa região acham que vivemos na

miséria, passando fome e sede, mas é bem diferente, nós somos ricos em diversidade (JOÃO GABRIEL, 2017).

Na terceira imagem (figura 22), o fotógrafo utilizou o plano próximo para destacar mais detalhes do espaço que escolheu retratar. Nesse enquadramento, verificamos, no primeiro plano, parte de uma lata de alumínio amassada, onde o tom do amarelo ouro se destaca, perante as cores dos demais elementos contidos na imagem. No segundo plano, quase centralizado, identificamos a carcaça de um crânio animal; no terceiro, temos um pedaço de papel branco amassado. E, em todos os planos, existe a presença de gravetos, pedras e terra em tons de cinza e marrom, que transmitem a ideia de tristeza, morte e solidão.

Essa fotografia foi produzida no entorno da Cachoeira do Salitre e mostra como o descaso com a natureza está presente nesse ambiente. O pedaço de papel e a lata que parece ser de cerveja são marcas da presença humana, que continua degradando o meio ambiente, pois o homem é um ser estranho, gosta de descansar nos finais de semana ao som tranquilizante das quedas d'água da cachoeira, mas não se preocupa em preservá-la. E, os gravetos dispostos de forma aleatória influem sobre a liberdade inerente à natureza, que se torna perfeita em sua desordem.

Figura 22: Sem título



Foto: Henrique Sanders, 2017.

O estudante Henrique (2017), autor dessa imagem, destacou que esse recorte da realidade lhe chamou a atenção, pois “Representa uma parte que existe no

Semiárido, a seca, a morte e também o lixo que as pessoas jogam em todo lugar, sem respeitar a natureza”. Essa imagem reflete sobre as intervenções negativas do ser humano nos ambientes em que habita.

Já a próxima fotografia (figura 23), feita em plano aberto, permite uma visualização maior do cenário, destaca uma margem da Ilha do Fogo, que fica localizada entre as cidades de Juazeiro- BA e Petrolina- PE, na área urbana. Nessa foto, o estudante brincou com o contraste entre luz e sombra, fazendo uma bela contraluz, onde é possível identificar a silhueta da copa de uma árvore, ao lado direito do primeiro plano; a imensidão do Rio São Francisco e suas águas calmas, bem como as marcas sutis que deixaram na areia da ilha que se destacam nos segundos e terceiros planos; e a vegetação, uma torre metálica e algumas construções sobressaem no último plano.

A fotografia foi feita no pôr do sol, o que possibilitou as tonalidades de laranja, amarelo e branco no céu, transmitindo a ideia de calor e aconchego, contrastando com os tons escuros provocados pela contraluz. Essa fotografia também colabora para a construção de outra imagem do Semiárido juazeirense, pois apresenta novos elementos como o rio e a ilha, que estão presentes no extenso território Semiárido.

Figura 23: Sem título



Foto: João Vitor da Silva, 2017.

A quinta fotografia (figura 24), enquadrada no grande plano, delinea, como tema principal, a Ponte Presidente Eurico Gaspar Dutra, que liga as cidades de Juazeiro e Petrolina, facilitando o tráfego da população que transita de carro, moto ou a pé entre as cidades circunvizinhas, e também do transporte de mercadorias, movimentando o comércio. No primeiro plano, temos a imagem de um carro cruzando a ponte; no segundo, motos e pedestres seguem o seu curso; no terceiro, vemos a imponência do arco da ponte, símbolo da região; no quarto plano, avistamos à esquerda, um pedaço da Ilha do Fogo, com suas árvores de folhagem verde escuro; ao longe, no quinto plano, temos as construções verticais, os prédios residenciais de Petrolina e uma torre de energia; e o último plano é composto pelas nuvens em tons de azul acinzentado e branco, e pelo céu na cor azul bebê.

Todos os elementos presentes nessa foto nos remete a ideia de um Semiárido desenvolvido, onde as carroças e animais de carga, ainda presentes na imaginação de muitas pessoas deram lugar para os veículos automotores; a casinha humilde de taipa foi substituída pelas grandes construções imobiliárias; a luz do candeeiro se transformou em redes de energia potentes. Dessa forma, pode-se ler que o território Semiárido não se resume a área rural, pois também é composto pela área urbana muito desenvolvida e movimentada, como faz questão de ressaltar Kathleen (2017), autora dessa fotografia, sua imagem “(...) é o oposto do que dizem e pensam sobre o Semiárido juazeirense. Ela representa o desenvolvimento e crescimento do lugar”.

Figura 24: Sem título



Foto: Kathleen Teles, 2017.

Na fotografia a seguir (figura 25), a estudante Marília utilizou o plano médio, mostrando como tema principal focado um canteiro público com plantas, e os demais elementos que compõem esse cenário desfocado. Nos dois primeiros planos, identificamos uma variedade de vegetação entre palma, cabeça de frade, e outros elementos que compõem esse tipo de espaço urbano. No terceiro plano, verificamos dois troncos de árvores, que pelo porte, aparentam ser antigas. No quarto plano, temos pessoas que interagem entre si, e no último plano, vemos uma barraca com várias mochilas coloridas penduradas. A forte luminosidade, a partir do terceiro plano da imagem, oferece maior destaque para o primeiro plano e suas diversas tonalidades de verde.

Essa fotografia foi feita no Largo 2 de Julho, mais conhecida como Praça do Índio, no Centro de Juazeiro. O recorte escolhido possibilita conhecer um pouco do comércio local em harmonia com algumas plantas nativas cultivadas pelos moradores e comerciantes vizinhos.

Figura 25: Sem título



Foto: Marília Cardoso, 2017.

A próxima imagem (figura 26) exhibe, em plano médio, um piso cimentado que é predominante no enquadramento dessa fotografia. No primeiro plano, observamos um círculo de terra, onde não foi colocado concreto, e no centro, um pequeno tronco resiste e evidência que ali, já existiu uma árvore. No segundo plano, a sombra de

uma mulher que passa apressada pela praça e parte de suas pernas sob o sol chamam atenção para as consequências da falta da referida árvore. E, nos últimos dois planos, notamos apenas as sombras das construções das casas e de alguns carros estacionados que estão desfocados.

Esse registro foi feito na Praça da Bandeira, em frente a Catedral Diocesana Nossa Senhora das Grotas. Com essa imagem, percebemos a degradação da natureza como resultado da atividade humana, onde a área urbana do Semiárido juazeirense está totalmente urbanizada, seguindo os “padrões” das grandes cidades que privilegiam o tom cinza do concreto ao verde das árvores.

Figura 26: Sem título



Foto: Stephanie Batista, 2017.

A última foto (figura 27) selecionada para a leitura das imagens foi a fotografia que utilizamos na divulgação da exposição, por meio de convite, *release*, *banner* e publicação nas redes sociais *Facebook* e *Whatsaap*. O enquadramento em grande plano possibilita uma visão geral do Calçadão da Travessa Benjamin Constant, no Comércio de Juazeiro, mostrando as lojas e o movimento das pessoas. No primeiro plano, verificamos um garoto que caminha no meio do Calçadão em direção ao fotógrafo. No segundo plano, temos duas mulheres com sacolas nas mãos, indícios de que estavam fazendo compras; algumas lojas que compõem o mercado; e dois bancos de madeira posicionados no centro do calçadão, para as pessoas

descansarem um pouco, porém não existe nenhuma árvore ou toldo que proteja esse espaço da incidência dos raios solares, por isso geralmente estão vazios. E, nos vários planos seguintes, identificamos várias pessoas que sobem e descem o calçadão, cada uma com seu objetivo, e diversas construções comerciais, oferecendo produtos variados à população.

A perspectiva da imagem permite conhecermos a extensão, organização, e a quantidade de lojas e de pessoas que circulam no lugar. Essa fotografia foi escolhida para a divulgação, justamente pelos elementos que apresenta sobre o Semiárido juazeirense, fugindo totalmente dos estereótipos reducionistas, mostrando que o comércio é desenvolvido, a cidade organizada, e o fluxo de pessoas é grande. Frisamos isso, pois outro elemento do discurso imagético do Semiárido seco é que ele é inóspito, ou seja, impróprio para se viver.

Figura 27: Sem título



Foto: Tércio Ricardo, 2017.

Como apontamos anteriormente, as fotografias feitas durante a oficina “Aprendendo a Olhar” colaboraram para a constituição de novas representações sociais sobre o Semiárido juazeirense, de modo a fugir dos signos estereotipados, reducionistas e preconceituosos que caracterizam a região há anos.

5.3 OUTROS OLHARES SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE

A oficina permitiu a construção de outras concepções sobre esse território, porque os seus participantes buscaram entender outras características do lugar em que vivem, perpassando pela descrição do que seria a área rural e urbana, se enxergando como pertencentes desta localidade. Já que, antes da realização das oficinas, como dito anteriormente, alguns não sabiam nada sobre o Semiárido, e outros compreendiam que era algo distante da realidade vivenciada por eles, pois nesse lugar só havia seca e pessoas miseráveis.

A abordagem sobre representação social também teve papel fundamental na construção dessas outras visões sobre o Semiárido. Ressaltamos os signos estereotipados que permeiam o imaginário das pessoas que não conhecem a região; e também das que habitam no Semiárido, mas o tem como algo distante e ruim, por ter impregnado no seu ser, o discurso imagético negativo que sempre é disseminado pela sociedade. Mas também evidenciamos que é possível construir outras representações do Semiárido, valorizando a verdadeira imagem da região que é constituída por uma grande variedade de cenários.

Quando dizemos “construir outras representações” é porque as representações sociais já existentes não podem ser reconstruídas, eliminadas ou excluídas como se nunca houvessem existido, mas podemos criar outras. E, com o passar dos anos e o apoio das mídias, que são essenciais para a solidificação das representações sociais, esses novos discursos imagéticos sobre o Semiárido também se estabelecerão e penetrarão no imaginário dos indivíduos.

A discussão acerca da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, do mesmo modo, também contribuiu para a construção de outras RS. Como a base dessa concepção educacional é aproximar as experiências dos estudantes aos conteúdos ensinados em sala de aula, foi possível fazer com que os participantes levassem suas vivências cotidianas sobre a região onde moram, para interligarmos esses conhecimentos com os conteúdos ministrados durante a oficina, facilitando o entendimento dos participantes, já que estávamos tratando de algo que faz parte da realidade deles.

Por último, a fotografia como facilitadora do aprendizado e um meio de comunicação que colabora com a construção de outras representações sociais, teve

papel essencial nesse processo, pois foi através dela que os participantes foram atraídos para discutir sobre a temática do Semiárido, e acabaram constituindo novos olhares sobre a região. A imagem fotográfica proporcionou um novo olhar em volta das implicações sociais que muitas vezes, não “enxergamos” a olho nu, momento em que se mostra necessária à utilização da lente fotográfica, para percebermos e interpretarmos o que sempre esteve ao nosso lado, ativando a reflexão sobre a forma como vemos o mundo. Como expõe Sontag (2004, p. 13) ao declarar que “(...) ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar”. Então, a partir do momento que os participantes estavam munidos com a câmera fotográfica, eles enxergaram um Semiárido bem diferente do que imaginavam. Com o olhar mais crítico e singular, conseguiram captar diversos ângulos, enquadramentos e texturas que proporcionaram a percepção de um Semiárido de diversidades e paisagens deslumbrantes.

Além do olhar crítico e ativo desta pesquisadora, foi de extrema importância treinar a observação atenta e curiosa dos participantes, pois o pesquisador e o fotógrafo precisam olhar profundamente. Às vezes, o modo como observamos o real está tão naturalizado, acostumado que não percebemos as mudanças nem os elementos novos que surgem, por isso, como aponta Caputo (2001, p. 9) é necessário “(...) impedirmos a coagulação do olhar e sua definitiva petrificação”. Cavalcante (2011, p. 12) destaca também que “A fotografia como exercício cotidiano do olhar curioso que vai se tornando apurado e atento, capaz de mudar atitudes e visões acerca do meio no qual se vive, pode transformar o aluno em um ser crítico, pensante”. Assim, a fotografia colaborou de forma incisiva na construção das RS e no conhecimento dos estudantes, pois ampliou as suas visões de mundo, tornando-os também mais atentos e críticos em relação ao conjunto de imagens produzidas sobre a região Semiárida.

Os ensinamentos teóricos e técnicos expostos para os estudantes contribuíram para o desenvolvimento de um olhar mais ativo e seletivo. Ao escolherem um objeto, definir o enquadramento, regular a abertura do diafragma, de acordo com a luz ambiente, decidir qual velocidade do obturador seria usada no momento exato do “congelamento” do objeto, etc., os participantes promoveram, baseados nas teorias e técnicas que aprenderam outro discurso imagético sobre o objeto. Percebemos

então, que é impossível separar teoria, técnica e prática, pois todos estão interligados, trabalham juntos.

As fotografias feitas retratam um contexto, um momento, uma época onde se inicia o processo de construção de novas RS sobre o Semiárido juazeirense, que não será mais visto pelos participantes da oficina, e nem pelos visitantes da exposição da mesma forma de antes. Trabalhar a observação, análise e interpretação das imagens fotográficas; e incentivar o processo de feitura dessas imagens foi bastante significativo, pois difundiu valores culturais e sociais e “acendeu” o olhar sensível e crítico dos estudantes. Dessa forma, os educandos produziram conhecimentos, desenvolveram uma interpretação diferenciada e um olhar consciente e seletivo sobre os elementos visuais da região em que vivem. Tendo a fotografia possibilitado essas mudanças, permitindo várias vivências e experiências.

Além disso, a Oficina colaborou para a melhora no comportamento da maioria dos participantes, que antes eram considerados desleixados, agressivos, mal educados e não se preocupavam com o meio ambiente, conforme relatos de outros educadores da escola, e depois da experiência, onde lhes foi ofertada a possibilidade de usar a fotografia para construir um olhar consciente, produzir conhecimento, e ter liberdade de expressar suas opiniões e ideias, a conduta desses estudantes mudou significativamente. A transformação foi percebida pelos funcionários do Colégio, que entenderam a importância dessa iniciativa, frisando que a oficina teve função essencial na mudança da representação que as pessoas tinham em relação a esses estudantes; incitando ainda o sentimento de pertencimento nesses jovens, que passaram a se sentirem parte integrante do ambiente escolar. Com as discussões expostas, também percebemos que o uso da fotografia na educação se faz importante, pois transforma os estudantes, e apresenta um efeito positivo na aprendizagem, formando cidadãos pensantes que tem a capacidade de argumentar sobre os assuntos, e não meros reprodutores de um conhecimento que lhes fora imposto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as possibilidades do uso da fotografia no ambiente educacional entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), para a construção de outras representações sociais do Semiárido juazeirense, nos possibilitou identificar diferenças significativas que a fotografia pode proporcionar no ambiente escolar. Essa linguagem visual teve o poder de despertar a atenção dos estudantes para outras possibilidades que oferece como: produto artístico, facilitadora do aprendizado, produtora de conhecimento, difusora de informações e construtora de representações sociais; além daqueles usos que os mesmos estavam acostumados, como, por exemplo, servir de prova de que algo aconteceu (documento verdade), ativadora da memória, entre outras.

Para utilizá-la, almejando construir novas representações sobre o território do Semiárido juazeirense, foi preciso edificar uma articulação consistente entre as áreas da fotografia e da educação, apresentando conceitos, características e ligações que evidenciaram os benefícios que ambas podem promover quando trabalhadas em parceria. Foi explanado ainda, de que modo às fotografias podem ser utilizadas de forma propositiva na sala de aula, e não apenas como mera ilustração, prova do texto escrito, ou ainda um passatempo, uma vez que propiciamos aos participantes da pesquisa compreender que as imagens produzidas por eles se apresentam como um texto visual, um novo olhar sobre a região onde moram.

Assim, ratificamos a possibilidade dos estudantes serem mais que leitores de fotografias, atuando também como produtores de discursos visuais. Apontamos que é preciso uma contextualização sobre a fotografia, para que o estudante conheça sua história e evolução, se aproximando ainda mais dessa linguagem visual. Também é muito importante ensinar técnicas básicas de composição fotográfica como: luz, enquadramento, regra dos terços, etc., para que o estudante aprenda que fazer uma imagem vai muito além de um simples clicar de botões, pois tem haver com nossa subjetividade, criatividade e a maneira como enxergamos o mundo.

Ressaltamos que esses conhecimentos técnicos são facilmente compreendidos por professores e estudantes sem precisar de uma formação específica. Ao expor a história, evolução, técnicas e auxiliar na prática fotográfica, os estudantes que já

simpatizavam com essa tecnologia, passaram a se identificar ainda mais, depois que perceberam todo o seu potencial, e descobriram que era possível produzir, gerar e disseminar conhecimento por meio da linguagem visual.

Além de instruir sobre a técnica, é preciso incentivar a produção fotográfica, porque, dessa forma, o estudante colocará em prática o seu olhar particular, que, por muitas vezes, não é valorizado na escola, e ao mesmo tempo produzirá conhecimento, terá autonomia e se sentirá empoderado, pois teve a oportunidade de expressar suas ideias, sentimentos e críticas. E, para completar esse processo, que se propõe em empregar a fotografia no ambiente educacional de modo enriquecedor, é extremamente relevante aprender a fazer uma leitura atenta das imagens fotográficas, buscando decifrar todas as informações e sentidos que nela estão inseridos, deixando de lado a prática superficial da simples descrição. Portanto, é necessário observar, analisar e interpretar todos os elementos contidos na fotografia, pois ao “congelar” um recorte da realidade, o fotógrafo selecionou intencionalmente cada elemento presente no enquadramento.

Apontamos também algumas pesquisas, já realizadas, que mostram os benefícios que a fotografia proporciona no processo ensino-aprendizagem, e como essas experiências bem sucedidas se deram. E, salientamos ainda que, apesar do uso propositivo da fotografia no ambiente escolar ainda ser pequeno, não podemos culpabilizar os professores, uma vez que, esses não estão aptos a essa prática, pois como identificamos os cursos superiores em licenciatura não investem no aprendizado a partir da linguagem visual, em especial a fotográfica. Dessa forma, compreendemos que, para que a fotografia e a educação estabeleçam vínculos mais fortes e consistentes, primeiro é necessário instruir os futuros docentes, ou promover formações continuadas, focando na potencialidade da fotografia. É importante investir na cultura visual, ou seja, as produções sociais, os aspectos da cultura que se apoiam nas imagens, pois vivemos em uma sociedade dominada pela linguagem visual, que se faz presente em nossas vidas a todo momento.

Além de discorrer sobre as possíveis relações entre fotografia e educação, problematizamos as concepções de representação social dos territórios Semiáridos, destacando as percepções dos estudantes sobre o Semiárido juazeirense. Nesse ponto, apresentamos o que caracteriza esse território como um todo, e focamos na representação que se tem desse espaço geográfico nos livros didáticos, na mídia e na literatura, para só em seguida propor um novo olhar, outra forma de registro e

produção imagética, corroborando também, principalmente, a partir da organização e divulgação de uma exposição fotográfica para a ampliação da forma como ele é visto pela sociedade.

Por meio das percepções dos estudantes, identificamos que eles não sabiam o que era o Semiárido, e muito menos que Juazeiro, a cidade em que eles residem, estaria localizada nesse território. Observamos que essa falta de conhecimento de seu lugar de fala se dá devido aos discursos imagéticos que eles estavam habituados a ouvir e ver no espaço educacional, nas mídias e também na sua comunidade, pois a maioria desses agentes formadores de opiniões trata o Semiárido, como já foi posto neste estudo, como lugar miserável, infértil, rural, onde a falta de água é responsável por todos os problemas sociais e econômicos da região. Em decorrência disso, os estudantes não se viam pertencentes a esse cenário, cunhado como “sertão”, pois esses discursos forjados não faziam e não fazem parte de suas experiências cotidianas, contudo não sabiam definir o “lugar” onde moram a partir das características normalmente apresentadas nos livros didáticos, nem defender a necessidade de outra representação, de preferência, que se aproximasse do ambiente urbano, onde a própria escola está situada, por exemplo.

Diante dessa falta de conhecimento dos participantes sobre o Semiárido juazeirense, expomos, por meio da oficina “Aprendendo a Olhar”, imagens da cidade de Juazeiro, que revelam esse espaço com um olhar distinto, evidenciando as diversidades da região. Os estudantes se encontraram nessas imagens que pouco são midiaticizadas, e se sentiram pertencentes ao território Semiárido juazeirense, ativando uma posição crítica sobre os discursos construídos sobre a localidade que habitam, e também sobre outros lugares, não aceitando mais, de forma passiva, as representações que lhes são apresentadas.

Essa sensibilização a respeito da cidade de Juazeiro e o incentivo a criticidade fomentou também discussões sobre as representações sociais, seu papel na sociedade e como essas podem ser produzidas a partir das fotografias. No processo da oficina, explicamos ainda que a construção de uma RS necessita passar por dois processos fundamentais, a objetivação e a ancoragem. A primeira consiste em simplificar determinado objeto formado por imagens vividas, fazendo com que algo estranho ao sujeito se torne familiar; e a segunda assimila o novo ao que já existe. Assim, para construir outra RS sobre o Semiárido juazeirense, realizamos esses

procedimentos, criando uma nova imagem, mais próxima da realidade vivenciada cotidianamente pelos estudantes, sobre a localidade que já existia. A objetivação foi iniciada ao apresentarmos imagens mais próximas do real, e que valorizam a região, e ao realizarmos as Jornadas Fotográficas na área urbana de Juazeiro (Centro, Orla I e II e Ilha do Fogo), e na área rural (Povoado Poço da Onça e Cachoeira do Salitre), onde os estudantes vivenciaram novas imagens do Semiárido juazeirense, tornando-as familiar, conhecida; e a ancoragem se deu no momento que analisamos as fotografias produzidas nas jornadas fotográficas, visto que, os participantes puderam assimilar essas novas imagens que apresentam características diversas do local ao Semiárido juazeirense que já existe, construindo assim, outra RS.

Algo que colaborou para essa criação foi a discussão e inserção da Ecsab, pois trabalhamos com os estudantes um ensino contextualizado com as experiências adquiridas por eles, facilitando a compreensão das temáticas abordadas, e fazendo-os perceber que, o que eles aprendem no colégio, pode sim ter relação com a forma de vida que levam, as relações que estabelecem e o modo como têm acesso a informação e o que fazem com ela. Nesse sentido, a imagem fotográfica feita pelo olhar dos estudantes se apresentou eficiente, pois ressignificou a região onde vivem, fazendo os estudantes se atentarem a elementos que antes passavam despercebidos, como a beleza da área rural e as diversidades da área urbana.

Para difundir o conhecimento gerado nesse processo, a realização da exposição fotográfica sobre a representação social do Semiárido juazeirense na escola como resultado da oficina serviu para demonstrar o quanto a fotografia se apresenta como um elemento agregador entre ensino e pesquisa. Não apenas para expandir o aprendizado suscitado, mas para valorizar a produção dos participantes que se sentiram prestigiados, ao terem seus trabalhos observados e elogiados pela comunidade escolar e também pelo público externo, que percebeu a importância e relevância da discussão presente nas fotografias e a sensibilidade do olhar de quem às produziu.

A oficina foi realizada no contra turno porque foi uma proposta nossa, mas nada impede que essas experiências de leitura e produção fotográfica sejam realizadas dentro das aulas de matérias como geografia, história, português etc., conforme evidenciado não só nesta pesquisa. Observamos que, no processo de avaliação, os próprios estudantes reconheceram que a experiência poderia auxiliar na produção de conhecimento de diversas disciplinas.

Sendo assim, identificamos como os principais resultados proporcionados por esta pesquisa:

1. A necessidade de enfatizar uma maior articulação entre fotografia e educação por evidenciar os benefícios que essas duas áreas do conhecimento podem promover, quando utilizadas conjuntamente no ambiente de ensino, facilitando o aprendizado e ampliando as visões de mundo dos estudantes;
2. A construção de uma nova representação social do território do Semiárido juazeirense, enfatizando a heterogeneidade da região (urbana e rural) ao mostrar os diversos cenários pertencentes ao lugar;
3. O sentimento de pertencimento ao território do Semiárido juazeirense, uma vez que, antes da oficina, a maioria dos estudantes não tinha sequer o entendimento sobre o que se tratava o Semiárido, muito menos, de que pertenciam a este espaço de identidade, e agora se sentem parte dessa localidade, e a defendem objetivando construir novas representações;
4. A ativação do olhar sensível e do senso crítico dos participantes, que passaram a enxergar o que está ao seu redor de uma maneira mais atenta e cuidadosa, buscando elementos que, geralmente passam despercebidos por quem não tem a prática de exercitar o olhar, sendo também mais críticos ao analisar uma informação que recebem, não tomando tudo como verdade única;
5. A valorização dos estudantes, pois após produzirem e disseminarem seus olhares subjetivos e criativos se sentiram valorizados e capazes de gerar conhecimento;
6. A mudança no comportamento dos participantes, visto que, antes da realização da oficina, eram inquietos, descompromissados, desrespeitosos e desordeiros, segundo relatos da diretora da escola e outras professoras, mas no decorrer do processo transformaram suas atitudes, pois encontraram nesta experiência, um espaço onde tinham liberdade para expressar suas opiniões e ideias e eram tratados de igual para igual, sem nenhum tipo de hierarquia, onde o respeito mútuo foi o pilar da relação construída; e
7. A nova representação sobre os estudantes, uma vez que, os funcionários do colégio que tinham uma imagem negativa desses participantes, modificaram suas representações, após perceberem a mudança no comportamento deles.

Quando idealizamos esta pesquisa não imaginávamos que os resultados alcançados fossem superar os objetivos estabelecidos, mas esse quadro inesperado reforça a potência da fotografia no ambiente educacional, pois é capaz de facilitar o

aprendizado, construir novas representações sociais, e transformar a conduta dos sujeitos que com ela se envolvem. No desenvolvimento desta dissertação, esperamos ter possibilitado ao leitor, professor, oficinairo ou um entusiasta da temática, conhecer como deve ser o processo de inserção da fotografia no ambiente escolar, de forma que se possa aproveitar a sua versatilidade e diversas possibilidades para a construção de novos conteúdos, que necessariamente não precisam estar restritos aos livros didáticos.

Neste estudo, ainda apontamos que a fotografia pode colaborar para a constituição de novas RS sobre qualquer objeto, e também expomos os benefícios que a linguagem visual, em particular, a fotografia promove no ensino dos estudantes, mostrando apenas um lado desse processo, pois ele também é desenvolvido pela participação do professor, que exerce o papel de mediador da aprendizagem. Dessa forma, acreditamos que averiguar de que modo a inserção da fotografia interfere na atividade docente é igualmente importante, uma vez que educador e educando são agentes fundamentais no ensino-aprendizagem.

No desenrolar desta investigação, tivemos alguns percalços como, a dificuldade de encontrar pesquisas que relacionassem fotografia e educação. Assim, percebemos que as discussões em torno da articulação dessas duas áreas é insuficiente, e as experiências nesse meio, comparado com outras áreas, são poucas ainda. Por isso, esperamos que este estudo colabore com pesquisas futuras que partam de conceitos, aqui apresentados, se tornando mais uma referência para abordar a correlação que se pode fazer entre fotografia, educação, representação social e territórios Semiáridos.

7. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. "Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste". In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 15, nº 28, 1995, p. 111-120.

ALBUQUERQUE, Gregorio Galvão de. **A construção do conhecimento pela fotografia**: uma experiência criativa com alunos de ensino médio. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1048698. Acesso em: 02 ago. 2017.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão. In: **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n. 6, jul/dez. 1998, p. 35-45.

ALMEIDA, Geraldo José de. As representações sociais, o imaginário e a construção social da realidade. In: **Diálogos com a teoria da representação social**/ Maria de Fátima Souza Santos, Leda Maria de Almeida-organizadoras. Ed Universitária da UFPE, 2005.

ALVES, Jefferson Fernandes; *et al.* Fotografia e Educação: alguns olhares do saber e do fazer. In: **Intercom**- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Natal- RN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0259-1.pdf>. Acesso em: 11 set. 2015.

ANA. **Agência Nacional de Águas**. Disponível em: <http://www3.ana.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2017.

ASA. **Articulação no Semiárido Brasileiro**. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/sobre-nos/historia>. Acesso em: 04 abr. 2016.

BARCELOS, Janaina. As representações sociais e a linguagem fotográfica: orientando modos de ver e sentir. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 02, n. 01, p. 287 – 299, jan./jun. 2013. Disponível em:

<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/viewFile/550/291>. Acesso em: 23 jan. 2017.

BARROS, Ana Taís Matins Portanova. Fotografia, olho do Pai. In: **Fotografia: usos, repercussões e reflexões**. Londrina: Midiograf, 2014.

BARROS, Edonilce da Rocha. **Arranjos socioprodutivos da agricultura familiar e adaptação a uma dinâmica territorial de desenvolvimento: o caso dos perímetros de irrigação no Vale do São Francisco**, semiárido, 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis-SC.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira. LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica: um guia para a iniciação científica**. 2.ed. ampliada. São Paulo: Pearson Makron Books, 2000.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento- evitando confusões. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**/ Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs.); tradução de Pedrinho A. Guareschi.-13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOMFIM, Natanael Reis. Estudos sobre a imagem e suas implicações didáticas na aprendizagem geográfica. In: **As representações na geografia**. Ilhéus- BA: Editora da UESC, 2012. Disponível em: http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2015/as_representacoes_na_geografia.pdf. Acesso em: 10 jan. 2017.

BRASIL. MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário/Secretaria de Desenvolvimento Territorial/Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada/Fórum do Território Sertão do São Francisco. **Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável do sertão do São Francisco**. Brasília, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso: 31 jul. 2017.

BRITO, Wechila Andrade de; GOMES, Antenor Rita. A arte e a construção do imaginário coletivo: o Nordeste no produto artístico. In: **Revista de Educação Educere et Educare**, vol. 12, nº 24, jan/abr. 2017.

BUENO, Rovilson José; SILVA, Adelaide Pereira. Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro. In: Edneide Jesine, Maria do Socorro Xavier Batista, Orlandil de Lima Moreira (orgs). **Educação Popular e Movimentos Sociais**. João Pessoa – PB: Editora da UFPB, 2008.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam**: a leitura da imagem e o ensino da arte. 2 ed. São Paulo: Educ/ Fapesp/ Cortez, 2003.

BUORO, Anamelia Bueno; COSTA, Ana Beatriz Bueno Ferraz. Entre dois olhares: artistas e leitores. In: **Artes visuais, leitura de imagens e escola**/ organizado por Ana Luiza Ruschel Nunes. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

BUSSELE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo: Pioneira, 1999.

CAMPANHOLI, Julie. Fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente. In: **Revista Primus Vitam**, nº7, 2014. Disponível em: http://mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/primus_7/julie.pdf. Acesso: 12 jan. 2017.

CAPUTO, Stela Guedes. Fotografia e pesquisa em dialogo sobre o olhar e a construção do objeto. In: **Revista Teias**: Rio de Janeiro, ano 2, nº 4, 2001. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23898/16871>. Acesso em: 26 jul. 2017.

CARVALHO, Luzineide Dourado; SHISTEK, Harold. A formação histórico-geográfica do Semiárido brasileiro. In: **Educação e Convivência com o Semiárido**: reflexões por dentro da UNEB/Edmerson dos Santos Reis, Luciana da Silva Nóbrega e Luzineide Dourado Carvalho (Orgs.), Juazeiro: Resab, 2011.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência**: novas territorialidades no semiárido brasileiro. Jundiá: Paco Editora, 2012.
CARVALHO, Lauriston Araújo; ESPINDULA, Daniel Henrique Pereira. Vozes da seca: representações da transposição do Rio São Francisco. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 2014, 135-151.

CAVALCANTE, Ludmila Lemos Mendanha. **Construção de um olhar crítico**: uma proposta de ensino de artes visuais no ensino fundamental. Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2011.

Disponível em:

http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3947/1/2011_LudmilaLemosMendanhaCavalcante.pdf. Acesso em: 27 jul. 2017.

CHIODETTO, Eder. **Curadoria em fotografia**: da pesquisa à exposição. Disponível em: http://ederchiodetto.com.br/livro/livro_eder_AF2_digital.pdf. Acesso em: 24 mai. 2016.

CORREIA, Fernando Barbosa Oliveira. **A fotografia como dispositivo na construção do conhecimento geográfico**: a experiência no mocambo 23/02/2017 176 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão Biblioteca Depositária: BICEN. Disponível em: <file:///C:/Users/LORENA/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20vers%C3%A3o%20final%20de%20Fernando%20Correia%20maio.2017.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2017.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**/ Jorge Duarte e Antonio Barros- organizadores. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DARDAQUE, Helena Hoffmann; FERRARI, Ana Josefina. A fotografia como ferramenta mediadora no processo ensino/aprendizagem da língua inglesa com os alunos do 6º ano. In: **Cadernos PDE**- Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_lem_artigo_helena_hoffmann_dardaque.pdf. Acesso em: 19 jul. 2017.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução: APPENZELLER, Marina 8º edição. Campinas, SP: Papirus, 1993.

ENS, Romilda Teodora; DONATO, Sueli Pereira; RIBAS, Marciele Stiegler. Pesquisa em Educação e o aporte teórico metodológico das representações sociais: questões e reflexões. In: **Representações sociais e educação**: letras imagéticas III/ Organizadora Maria de Lourdes Soares Ornellas. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 165-184.

FERNANDES, Anael. Métodos de pesquisa em educação. In: **Revista Educação e Políticas em Debate**. v. 4, n. 1 jan/jul, 2015. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/31341>. Acesso em: 20 nov. 2016.

FILHO, Edson Alves de Souza. Análise de representações sociais. In: **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da sociologia social/ Mary Jane. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**: para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54 ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILLY, Michel. As representações sociais no campo da educação. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, p, 321-341, 2001.

GOMES, Antenor Rita; SILVA, Núbia Oliveira. Fotografia: o transversal e a educação. In: **IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem**, Londrina-PR, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Antenor%20Rita%20Gomes.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

GOMES, Antenor Rita; RODRIGUEZ, Victor Manuel Amar. Sertão em cores: uma proposta de utilização da fotografia para a promoção de atividades de educação contextualizada. In: **III Congreso Internacional Arte, ilustración y cultura visual em educación infantil y primaria**: tecnologías de La imagen, espacios de experiência educativa y acontecimientos visuales. Montevideo- Uruguai, 2014. Disponível em: http://congresoartelustracion.org/wp-content/uploads/2014/11/actas_2014_v.pdf. Acesso em: 17 out. 2017.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional; tradução Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HOLLY, Mary Louise; ALTRICHTER, Herbert. Diários de pesquisa. In: **Teoria e métodos de pesquisa social**. Bridget Somekh e Cathy Lewin, organizadores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291840>. Acesso em: 10 fev. 2017.

IPHOTO, Channel. **Kodak relança clássico filme Ektachrome e planeja trazer Kodachrome de volta**. Disponível em: <http://iphotochannel.com.br/fotografia-analogica/kodak-relanca-classico-filme-ektachrome-e-planeja-trazer-kodachrome-de-volta>. Acesso em: 10 mai. 2017.

INSA, Portal. **Instituto Nacional do Semiárido**, 2017. Disponível em: <https://portal.insa.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2017.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-45.

KOSSOY, Borris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial. 5^o ed., 2014.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Negros no estúdio do fotógrafo**: Brasil, segunda metade do século XIX. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEIS ESTADUAIS, **Lei nº 13.572 de 30 de agosto de 2016**. Disponível em: <http://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-13572-2016-bahia-institui-a-politica-estadual-de-convivencia-com-o-semiarido-e-o-sistema-estadual-de-convivencia-com-o-semiarido-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 26 set. 2017.

LINS, Claudia Maisa Antunes; SOUSA, Edineusa Ferreira; PEREIRA, Vanderléa Andrade. Educação para a convivência com o Semi-árido: a proposta de elaboração de um livro didático. In: **Educação para a convivência com o semiárido brasileiro: reflexões teórico-práticas**. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**/ Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs.); tradução de Pedrinho A. Guareschi. -13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MACIEL, Caio; PONTES, Emílio Tarlis. **Seca e convivência com o semiárido**: adaptação ao meio e patrimonialização da Caatinga no nordeste brasileiro. 1. Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

MANGUEL, Alberto. O espectador comum- A imagem como narrativa. In: **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio; tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o Semiárido. In: **Educação para a convivência com o semiárido brasileiro**: reflexões teórico-práticas. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006.

_____. Educação Contextualizada: da teoria à prática. In: **Educação Contextualizada**: fundamentos e práticas. Juazeiro: Printpex, 2011.

MATIAS- PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINISTÉRIO, da Integração Nacional. **Delimitação do semiárido mantém formação atual e inclui 54 novos municípios**. Disponível em: http://www.integracao.gov.br/web/guest/area-de-imprensa/todas-as-noticias/-/asset_publisher/YEkzzDUSRvZi/content/delimitacao-do-semiarido-mantem-formacao-atual-e-inclui-54-novos-municipios?inheritRedirect=false&redirect=http%3A%2F%2Fwww.integracao.gov.br%2Fweb%2Fguest%2Farea-de-imprensa%2Ftodas-as-noticias%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_YEkzzDUSRvZi%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-1%26p_p_col_count%3D3. Acesso em: 20 ago. 2017.

MINISTÉRIO, do Trabalho. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/trabalhador-caged>. Acesso em: 27 set. 2017.

MIRANDA, Adriano. **Estratégias do olhar fotográfico**: teoria e prática da linguagem visual. São Paulo: Paulus, 2015.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: **As representações sociais**/ Organizadora Denise Jodelet. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 45-67, 2001.

_____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MUSSOI, Arno Bento; SANTOS Wanda T. Pacheco dos. **A fotografia como recurso didático no ensino de geografia**. Guarapuava, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/785-2.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. Um diálogo com o campo das representações sociais. In: **Representações sociais e educação**: letras imagéticas III/ Organizadora Maria de Lourdes Soares Ornellas. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 45-68.

NUNES, Luciana Borre. **As imagens que invadem as salas de aula**: reflexões sobre cultura visual. Aparecida, São Paulo: Ideias Et Letras, 2010.

OLIVEIRA, Mirtes C. Marins de. **Fotografia e história da educação**, 2009. Disponível em: <http://www.hottopos.com/vdletras6/mirtes.htm>. Acesso em: 17 jul. 2017.

PAIVA, Carla Conceição da Silva. **A virtude como um signo primordial da nordestinidade**: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes O pagador de promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação, Campus I, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB- Salvador, 2006.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático/ Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs.); tradução de Pedrinho A. Guareschi.-13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PEREIRA, Aparecida Débora Sousa; SIMÕES, Eliane de Menezes. **Práticas educacionais com o celular**: o olhar fotográfico de jovens de Petrolina e idosos de Juazeiro. Monografia apresentada na graduação em Comunicação Social-jornalismo em Múltiplos Meios, do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB- Juazeiro, 2016.

REBOUÇAS, Moema Lúcia Martins. Leitura de textos visuais na escola. In: **Artes visuais, leitura de imagens e escola**/ organizado por Ana Luiza Ruschel Nunes. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

REIS, Edmerson dos Santos. Educação para convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades. In: **Semiárido Piauiense: educação e contexto**. Campina Grande, 2010, p. 109-130.

_____. **Educação do Campo: escola, currículo e contexto**. Juazeiro: ADAC/UNEB-DCH-III/NEPEC-SAB, 2011.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. In: **Alea Estudos Neolatinos**, vol.7, n 2. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000200010. Acesso em: 20 mai. 2016.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. -1. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SANTANA, Deisihany Armelin; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. A fotografia como instrumento para a consciência socioambiental. In: **I Jornada de didática- o ensino como foco e I Fórum de Professores de didática do Estado do Paraná**, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/A%20FOTOGRAFIA%20COMO%20INSTRUMENTO.pdf>. Acesso em 24 mai. 2016.

SANTANA, Aurelane Alves; LEBRÃO, Jemeffer Souza; NOGUEIRA, Tárliison Renê Porto. **A utilização das imagens e fotografias como recursos didáticos para a espacialização dos conteúdos**. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/ixsegeo/arquivos/A%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20das%20imagens%20e%20fotografias%20como%20recursos%20did%C3%A1ticos%20para%20a%20espacializa%C3%A7%C3%A3o%20dos%20conte%C3%BAdos.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2017.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A teoria das representações sociais. In: **Diálogos com a teoria da representação social**/ Maria de Fátima Souza Santos, Leda Maria de Almeida- organizadoras. Ed Universitária da UFPE, 2005a.

SANTOS, Juracy Marques. Educação descontextualizada: desexplicando as explicações. In: **O paradigma cultural: interfaces e conexões**. Org. Edmerson dos Santos Reis; Josemar Martins Pinzoh.- 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2016b.

SANTOS, Fabíola Moura Reis. **O Sertão que a tv não vê**: o jornalismo contextualizado com o semiárido brasileiro. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro, Bahia, 2016c.

SECRETARIA, de Desenvolvimento Rural da Bahia. **Território de Identidade Sertão do São Francisco**: perfil sintético. Disponível em: <http://www.sdr.ba.gov.br/arquivos/File/PerfilSertaodoSFrancisco.pdf>. Acesso em: 27 set. 2017.

SILVA, Adelaide Pereira da. Educação contextualizada, transposição didática e complexidade: um começo de conversa. In: **Educação Contextualizada: fundamentos e práticas**. Juazeiro: Printpex, 2011.

SILVA, José de Souza. A dimensão institucional do paradigma cultural. In: **O paradigma cultural: interfaces e conexões**. Org. Edmerson dos Santos Reis; Josemar Martins Pinzoh.- 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2016.

SIMAS, Lorena Santiago; PAIVA, Carla Conceição da Silva. O sertão semiárido nas lentes de “O quinze: travessia”. In: **I Congresso Internacional da diversidade do Semiárido**- Conidis, Campina Grande- PB, 2016. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO_EV064_MD1_SA11_ID1768_04102016210106.pdf. Acesso em: 10 jan. 2017.

SIMAS, Lorena Santiago; PAIVA, Carla Conceição da Silva. Desmistificando a representação social do Semiárido brasileiro a partir de imagens fotográficas. In: **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**- Intercom, Fortaleza- CE, 2017. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0614-1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.

SIMAS, Lorena Santiago; RAMOS, Eveli Rayane da Silva; PAIVA, Carla Conceição da Silva. Oficina de fotografia como uma possibilidade de articulação entre imagem

fotográfica e educação. In: **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba – PR, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0505-1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo, Companhia das Letras. 2004.

SOUZA, Ricardo Luciano Silva Pereira de; SOUZA, Laumar Neves de. **Território de Identidade do Sertão do São Francisco**: ponto luminoso de desenvolvimento no Nordeste, 2013. Disponível em: http://www.uesb.br/eventos/semana_economia/2013/anais-2013/e04.pdf. Acesso em: 27 set. 2017.

TAVARES, Rosana Carneiro. O sentimento de pertencimento social como um direito universal. In: **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, vol. 15, n. 106, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2014v15n106p179/pdf_7. Acesso em: 10 fev. 2017.

TROLEIS, Adriano Lima; SANTOS, Ana Claudia Ventura dos. **Estudos do Semiárido**- 2 ed. Natal: EDUFRN, 2011. Disponível em: http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/geografia/Est_Sem_Livro_WEB.pdf. Acesso em: 20 set. 2017.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Pesquisa e ensino: considerações e reflexões. In: **Revista E-scrita**, vol. 1, n 2, 2010. Disponível em: http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/26/pdf_23. Acesso em: 20 mai. 2016.

APÊNDICE A: modelo do questionário inicial

**Questionário Inicial para Seleção e participação do projeto de pesquisa
“Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”**

Este questionário tem o objetivo de traçar o perfil dos sujeitos interessados em participar do projeto de pesquisa “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense” e coletar informações iniciais acerca dos conhecimentos dos interessados em relação ao Semiárido e a fotografia.

DADOS PESSOAIS

Nome: _____

Endereço (rua e número): _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Telefone residencial: _____

Celular: _____

Data de Nascimento: ___ / ___ / ____ Idade: _____

E-mail: (Se tiver) _____

1 – Seus professores trabalham utilizando imagens durante as aulas?

() Não () Sim - Diga como aconteceram essas aulas:

2 – Você considera a imagem importante na vida das pessoas?

() Não () Sim

Justifique sua resposta:

3 – Você gosta de fotografia?

() Não () Sim

Justifique sua resposta

4. Qual a sua experiência com a imagem fotográfica?

5 – Você acha que é possível aprender e ensinar através da fotografia?

() Não () Sim

Justifique sua resposta.

6- Que tipos de conteúdos você considera que a fotografia pode ensinar

() Literatura

() Português

() História

() Artes

() Matemática

() Geografia

Outros Especifique _____

7- Gostaria de aprender mais técnicas de como fotografar?

8- Para você o que é o Semiárido? Apresente as suas principais características.

9- O que você conhece do Semiárido juazeirense?

10- Já ouviu falar sobre Representação Social?

() Não

() Sim. Justifique sua resposta

11- Sabe o que é Educação Contextualizada?

Não Sim. Justifique sua resposta

12 – Você tem smartphone?

Não Sim

13- Você tem câmera fotográfica?

Não Sim

14 – Porque gostaria de participar desse Projeto?

APÊNDICE B: modelo do questionário final

Questionário Final para Avaliação
“Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”

Este questionário tem o objetivo de averiguar qual a opinião dos participantes do projeto “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense” sobre a experiência vivenciada por eles, identificando o que aprenderam e quais ensinamentos serão importantes para as suas vidas.

NOME DO ALUNO (A)

1- Porque você quis participar do projeto?

2- Quais eram as suas expectativas de aprendizado no início do Projeto? Cite-as.

3- As suas expectativas em relação a participação no projeto foram alcançadas ou superadas?

() Não () Sim

Justifique sua resposta

4- Qual ou quais desses conteúdos que abordamos na oficina, você já tinha conhecimento, ou tinha ouvido falar?

- () Planos e ângulos fotográficos
- () História da Fotografia no Brasil e no mundo
- () Semiárido juazeirense
- () Educação contextualizada
- () Regra dos Terços
- () Representação social
- () Nenhum

5- Escreva o que você conhecia sobre o Semiárido juazeirense e o que mudou depois do projeto.

6- Como você vê suas fotografias após o projeto? Mudou alguma coisa?

7- O que aprendeu com as saídas fotográficas? Justifique sua resposta.

8- Gostou da exposição fotográfica? Justifique sua resposta.

9- Conclua dizendo o que mais gostou, o que menos gostou e qual o ensinamento que você levará adiante em sua vida?

**APÊNDICE C: modelo do Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante:

Documento de Identidade nº: _____

Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço:

_____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: () _____/() _____/

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Lorena Santiago Simas
Cargo/Função: M e s t r a n d a

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: “**Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense**”, de responsabilidade da pesquisadora Lorena Santiago Simas, mestranda da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo investigar as possibilidades do uso da fotografia como metodologia didática, entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto, para a (re) construção da representação social do Semiárido juazeirense.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como o aprendizado sobre técnicas fotográficas, desenvolvimento de uma relação mais dialógica no ambiente escolar, ampliação do olhar sobre o local em que vivem, e a possibilidade de obter reconhecimento sobre a produção desenvolvida na experiência durante a exposição fotográfica. Caso aceite o Senhor(a) será entrevistado, responderá a questionário e participará de uma oficina voltada a fotografia, que será ministrada pela mestranda Lorena Santiago Simas do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Devido a coleta de informações o senhor poderá ter diminuição no tempo para realizar as atividades complementares propostas pelos docentes do Colégio e transtornos decorrentes do convívio social durante as saídas fotográficas (sol, calor, cansaço, etc.). Sua

participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Lorena Santiago Simas
Endereço: Travessa da Maravilha nº 125 Centro, Juazeiro- BA
Telefone: (74) 98837-3872 **E-mail:** lory-santiago@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

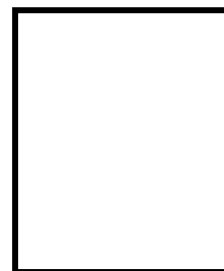
Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense” e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

 Assinatura do participante da pesquisa

 Carla Conceição da Silva Paiva

 Lorena Santiago Simas



**APÊNDICE D: modelo do Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido (para responsável)**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Sexo: F () M () Data de Nascimento: _____ / _____ / _____

Nome do responsável legal: _____

Documento de Identidade nº: _____

Endereço: _____
Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: (____) _____/(____) _____/

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Lorena Santiago Simas
Cargo/Função: M e s t r a n d a

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Caro(a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **“Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”**, de responsabilidade da pesquisadora Lorena Santiago Simas, mestranda da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo investigar as possibilidades do uso da fotografia como metodologia didática, entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto, para a (re) construção da representação social do Semiárido juazeirense.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como o aprendizado sobre técnicas fotográficas, desenvolvimento de uma relação mais dialógica no ambiente escolar, ampliação do olhar sobre o local em que vivem, e a possibilidade de obter reconhecimento sobre a produção desenvolvida na experiência durante a exposição fotográfica. Caso o Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) ele(a) será entrevistado, responderá a questionário e participará de uma oficina voltada a fotografia, que será ministrada pela mestranda Lorena Santiago Simas do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Devido a coleta de informações seu filho poderá ter diminuição no tempo para realizar as atividades complementares propostas pelos docentes do Colégio e transtornos decorrentes do convívio social durante as saídas fotográficas (sol, calor, cansaço, etc.). A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo

e, portanto seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA – Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem se seu filho será preservada. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Lorena Santiago Simas
Endereço: Travessa da Maravilha nº 125 Centro, Juazeiro- BA
Telefone: (74) 98837-3872, **E-mail:** lory-santiago@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

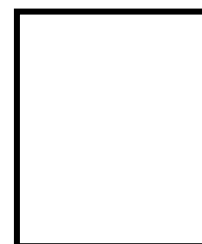
Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

 Assinatura do participante da pesquisa

_____ Carla Conceição da Silva Paiva

_____ Lorena Santiago Simas



APÊNDICE E: modelo do Termo de Assentimento do Menor



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS**

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense” Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber como investigar as possibilidades do uso da fotografia como metodologia didática, entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto, para a (re) construção da representação social do Semiárido juazeirense. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será entrevistado, responderá a questionário e participará de uma oficina voltada a fotografia. É possível que se tenha diminuição no tempo para realizar as atividades complementares propostas pelos docentes do Colégio e transtornos decorrentes do convívio social durante as saídas fotográficas (sol, calor, cansaço, etc.), caso você queira poderá desistir e a pesquisadora ira respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir com o aprendizado sobre técnicas fotográficas, desenvolvimento de uma relação mais dialógica no ambiente escolar, ampliação do olhar sobre o local em que vivem, e a possibilidade de obter reconhecimento sobre a produção desenvolvida na experiência durante a exposição fotográfica.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terão acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos telefones:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Lorena Santiago Simas
Endereço: Travessa da Maravilha nº 125 Centro, Juazeiro- BA
Telefone: (74) 98837-3872 **E-mail:** lory-santiago@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB, UNEB - Pavilhão Administrativo – Térreo - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador - BA. CEP: 41.150-000 Tel: (71) 31172445 E-mail: cepuenb@uneb.br

Eu _____ aceito participar da pesquisa “**Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense**” Entendi os objetivos e as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Juazeiro, _____ de _____ de 20__

Assinatura do participante da pesquisa

Lorena Santiago Simas

APÊNDICE F: modelo do Termo de Autorização de Uso de Nome e Depoimento



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH-III)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS (PPGESA)**



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E DEPOIMENTO

Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu nome, depoimento e/ou imagem, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadores _____, do projeto de pesquisa intitulado _____, a colherem meu depoimento e utilizar meu nome e imagem sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização do meu nome, depoimentos e/ou imagem para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Juazeiro, _____ de _____ de 2017.

Pesquisador responsável pelo projeto

Pesquisador responsável pelo projeto

Participante da Pesquisa

ANEXO A: Parecer CEP



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense

Pesquisador: Lorena Santiago Simas

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61680416.4.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.879.630

Apresentação do Projeto:

O ato fotográfico se tornou comum em vários ambientes, inclusive nas escolas, onde os jovens produzem diversos tipos de registros imagéticos, principalmente, através de celulares e câmeras compactas. Percebendo essa proximidade que os estudantes têm com a imagem fotográfica e compreendendo a sua importância na formação do indivíduo, o projeto de pesquisa “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense” se propõe a investigar as possibilidades do uso da fotografia como metodologia didática, entre os educandos de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto (C.E.H.L), para a (re) construção da representação social do Semiárido Juazeirense. Partimos do pressuposto de que a imagem fotográfica pode colaborar com a produção de pensamento crítico sobre diversas temáticas relacionadas ao referido espaço, para além das bases históricas e epistemológicas já presentes no campo da educação e da cultura, destacando algo que antes os estudantes poderiam não se atentar, mas com a produção e leitura das fotografias, passam a perceber o que outrora não lhes fazia diferença. Para tanto, esta investigação, que tem caráter qualitativo, será conduzida pela pesquisa aplicada, grupo focal com realização de entrevista e aplicação de questionário, produção fotográfica e leitura de imagem. Além da dissertação, propõe também a realização de uma exposição fotográfica no ambiente escolar, com foco na produção dos sujeitos da pesquisa e uma outra perspectiva de representação sobre o semiárido juazeirense.



Continuação do Parecer: 1.879.630

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as possibilidades do uso da fotografia como metodologia didática, entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto, para a (re) construção da representação social do Semiárido juazeirense.

Objetivo Secundário:

- Estudar as relações entre a fotografia e a educação, potencializando seu uso como metodologia didática no ensino médio;
- Problematizar as concepções de representação social dos territórios Semiáridos, destacando as percepções dos estudantes sobre o Semiárido juazeirense;
- Realizar oficinas com um grupo de jovens do C.E.H.L., fomentando discussões sobre a educação contextualizada e representações sociais a partir das fotografias produzidas por eles;
- Produzir uma exposição fotográfica sobre a representação social do Semiárido Juazeirense, a partir dos olhares dos estudantes do C.E.H.L, como resultado dessas oficinas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme preconiza a legislação brasileira que rege a pesquisa com seres humanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 1.879.630

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_761123.pdf	04/11/2016 16:22:00		Aceito
Outros	Questionarioparaapesquisa.pdf	04/11/2016 16:20:44	Lorena Santiago Simas	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermodeConfidencialidadeOK.pdf	04/11/2016 16:19:33	Lorena Santiago Simas	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TermodeAutorizacaoCoparticipante.pdf	04/11/2016 16:18:52	Lorena Santiago Simas	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TermodeAutorizacaoProponenteOk.pdf	04/11/2016 16:18:26	Lorena Santiago Simas	Aceito
Cronograma	CronogramadeExecucao.pdf	10/10/2016 18:53:00	Lorena Santiago Simas	Aceito
Projeto Detalhado	ProjetodePesquisa.pdf	10/10/2016	Lorena Santiago	Aceito



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 1.879.630

/ Brochura Investigador	Projeto de Pesquisa.pdf	18:51:07	Simas	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	10/10/2016 18:27:24	Lorena Santiago Simas	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaodeConcordanciaComoDesenvolvimento do Projeto de Pesquisa.pdf	10/10/2016 17:59:32	Lorena Santiago Simas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLeresponsavel.pdf	10/10/2016 17:43:51	Lorena Santiago Simas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreeEsclarecido_participante.pdf	10/10/2016 17:34:40	Lorena Santiago Simas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimentodoMenor.pdf	10/10/2016 15:34:09	Lorena Santiago Simas	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermodeCompromissodoPesquisador.pdf	10/10/2016 15:31:18	Lorena Santiago Simas	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto_pesquisa.pdf	10/10/2016 15:09:12	Lorena Santiago Simas	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 22 de Dezembro de 2016

Assinado por:

WARLEY KELBER GUSMÃO DE
ANDRADE

(Coordenador)

ANEXO B: *Clipping*

CLIPPING

Nome da mídia: Blog Geraldo José

Data de divulgação: 03 de junho de 2017

Link: http://www.geraldojose.com.br/index.php?sessao=noticia&cod_noticia=88996/



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA RETRATA NOVOS OLHARES SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE

publicado em 03 de junho / 2017 às 21:00
EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA RETRATA NOVOS OLHARES SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE

VARIADAS COMPARTILHAR OLHAR TEXTO PAUSAR NENHUM COMENTÁRIO



Barquinhas, pessoas, cactos, comércio, ponte, carros, rio, cachoeira, chão de terra e céu azul. Essas são apenas algumas imagens que podemos contemplar na exposição "Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense", que terá início nesta quarta-feira (07), a partir das 10h30, no Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), localizado no Centro de Juazeiro. A mostra é composta por 24 fotografias, que revelam aspectos da zona urbana e rural do Semiárido juazeirense, enfatizando as várias facetas do lugar. A exposição ficará em cartaz até o dia 10 de junho. A visitação é gratuita e poderá ser feita das 10h30 às 17h.

A mostra é resultado da oficina "Aprendendo a Olhar", que discutiu temáticas como: Semiárido, representação social, educação contextualizada e fotografia com estudantes do ensino médio do CEHL. As fotografias expostas constroem outra representação do Semiárido, que foge do discurso reducionista que, por muitas vezes, descreve a região apenas como lugar rural onde a falta d'água é constante e a população miserável. A estudante Kathleen Teles, que participou da oficina afirmou que conheceu melhor a região onde vive. "Aprendemos que o Semiárido pode ser sim um lugar urbanizado, desenvolvido, com água e uma vegetação diversificada", relatou.

exposição ficará em cartaz até o dia 10 de junho. A visitação é gratuita e poderá ser feita das 10h30 às 17h.

A mostra é resultado da oficina "Aprendendo a Olhar", que discutiu temáticas como: Semiárido, representação social, educação contextualizada e fotografia com estudantes do ensino médio do CEHL. As fotografias expostas constroem outra representação do Semiárido, que foge do discurso reducionista que, por muitas vezes, descreve a região apenas como lugar rural onde a falta d'água é constante e a população miserável. A estudante Kathleen Teles que participou da oficina afirmou que conheceu melhor a região onde vive. "Aprendemos que o Semiárido pode ser sim um lugar urbanizado, desenvolvido, com água e uma vegetação diversificada", relatou.

A diretora do Colégio, Renata Martins destacou os benefícios que a oficina trouxe para os estudantes. "A realização da oficina melhorou a autoestima dos alunos. Eles tiveram a oportunidade de receber uma orientação e mostraram seus olhares através da fotografia. E, também se sentiram valorizados, isso fez com que aumentasse o senso de responsabilidade e respeito ao próximo", finalizou.

A oficina faz parte do projeto de pesquisa "Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense", desenvolvido pela mestranda Lorena Santiago e orientado pela professora doutora Carla Paiva, no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Esta pesquisa objetiva investigar as possibilidades do uso da fotografia como recurso didático, entre os estudantes de ensino médio do CEHL, para a construção de uma nova representação social do Semiárido juazeirense.

Lorena Santiago

Nome da mídia: Ação Popular

Data de divulgação: 02 de junho de 2017

Link: <http://acaopopular.net/jornal/exposicao-fotografica-retrata-novos-olhares-sobre-o-semiarido-juazeirense/>



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA RETRATA NOVOS OLHARES SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE

Barquinhas, pessoas, cactos, comércio, ponte, carros, rio, cachoeira, chão de terra e céu azul. Essas são apenas algumas imagens que podemos contemplar na exposição “Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense”, que terá início nesta quarta-feira (07), a partir das 10h30, no Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), localizado no Centro de Juazeiro. A mostra é composta por 24 fotografias, que revelam aspectos da zona urbana e rural do Semiárido juazeirense, enfatizando as várias facetas do

lugar. A exposição ficará em cartaz até o dia 10 de junho. A visita é gratuita e poderá ser feita das 10h30 às 17h.

A mostra é resultado da oficina “Aprendendo a Olhar”, que discutiu temáticas como: Semiárido, representação social, educação contextualizada e fotografia com estudantes do ensino médio do CEHL. As fotografias expostas constroem outra representação do Semiárido, que foge do discurso reducionista que, por muitas vezes, descreve a região apenas como lugar rural onde a falta d’água é constante e a população miserável. A estudante Kathleen Teles que participou da oficina afirmou que conheceu melhor a região onde vive. “Aprendemos que o Semiárido pode ser sim um lugar urbanizado, desenvolvido, com água e uma vegetação diversificada”, relatou.

A diretora do Colégio, Renata Martins destacou os benefícios que a oficina trouxe para os estudantes. “A realização da oficina melhorou a autoestima dos

alunos. Eles tiveram a oportunidade de receber uma orientação e mostraram seus olhares através da fotografia. E, também se sentiram valorizados, isso fez com que aumentasse o senso de responsabilidade e respeito ao próximo”, finalizou.

A oficina faz parte do projeto de pesquisa “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”, desenvolvido pela mestranda Lorena Santiago e orientado pela professora doutora Carla Paiva, no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Esta pesquisa objetiva investigar as possibilidades do uso da fotografia como recurso didático, entre os estudantes de ensino médio do CEHL, para a construção de uma nova representação social do Semiárido juazeirense.

Nome da mídia: Blog do Vinicius de Santana

Data de divulgação: 05 de junho de 2017

Link: <http://blogviniciusdesantana.com/exposicao-fotografica-retrata-novos-olhares-sobre-o-semiarido-juazeirense/>



Exposição fotográfica retrata novos olhares sobre o Semiárido juazeirense
5 de junho de 2017 by vinicius de santana



Barquinhas, pessoas, cactos, comércio, ponte, carros, rio, cachoeira, chão de terra e céu azul. Essas são apenas algumas imagens que podemos contemplar na exposição "Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense", que terá início nesta quarta-feira (07), a partir das 10h30, no Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), localizado no Centro de Juazeiro. A mostra é composta por 24 fotografias, que revelam aspectos da zona urbana e rural do Semiárido juazeirense, enfatizando as várias facetas do lugar. A exposição ficará em cartaz até o dia 10 de junho. A visitação é gratuita e poderá ser feita das 10h30 às 17h.

A mostra é resultado de oficina "Aprendendo a Olhar", que discutiu temáticas como: Semiárido, representação social, educação contextualizada e fotografia com estudantes do ensino médio do CEHL.

revelam aspectos da zona urbana e rural do Semiárido juazeirense, enfatizando as várias facetas do lugar. A exposição ficará em cartaz até o dia 10 de junho. A visitação é gratuita e poderá ser feita das 10h30 às 17h.

A mostra é resultado da oficina "Aprendendo a Olhar", que discutiu temáticas como: Semiárido, representação social, educação contextualizada e fotografia com estudantes do ensino médio do CEHL. As fotografias expostas constroem outra representação do Semiárido, que foge do discurso reducionista que, por muitas vezes, descreve a região apenas como lugar rural onde a falta d'água é constante e a população miserável. A estudante Kathleen Teles que participou da oficina afirmou que conheceu melhor a região onde vive. "Aprendemos que o Semiárido pode ser

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA RETRATA NOVOS OLHARES SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE

Barquinhas, pessoas, cactos, comércio, ponte, carros, rio, cachoeira, chão de terra e céu azul. Essas são apenas algumas imagens que podemos contemplar na exposição "Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense", que terá início nesta quarta-feira (07), a partir das 10h30, no Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), localizado no Centro de Juazeiro. A mostra é composta por 24 fotografias, que

sim um lugar urbanizado, desenvolvido, com água e uma vegetação diversificada”, relatou.

A diretora do Colégio, Renata Martins destacou os benefícios que a oficina trouxe para os estudantes. “A realização da oficina melhorou a autoestima dos alunos. Eles tiveram a oportunidade de receber uma orientação e mostraram seus olhares através da fotografia. E, também se sentiram valorizados, isso fez com que aumentasse o senso de responsabilidade e respeito ao próximo”, finalizou.

A oficina faz parte do projeto de pesquisa “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”, desenvolvido pela mestrand Lorena Santiago e orientado pela professora doutora Carla Paiva, no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Esta pesquisa objetiva investigar as possibilidades do uso da fotografia como recurso didático, entre os estudantes de ensino médio do CEHL, para a construção de uma nova representação social do Semiárido juazeirense.

Nome da mídia: Blog Preto no Branco

Data de divulgação: 04 de junho de 2017

Link: <http://pretonobranco.org/porta/2017/06/04/exposicao-fotografica-retrata-novos-olhares-sobre-o-semiarido-juazeirense/>



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA RETRATA NOVOS OLHARES SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE

Exposição fotográfica retrata novos olhares sobre o Semiárido juazeirense

04 de junho às 17:00



Barquinhas, pessoas, cactos, comércio, ponte, carros, rio, cachoeira, chão de terra e céu azul. Essas são apenas algumas imagens que podemos contemplar na exposição “Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense”, que terá início nesta quarta-feira (07), a partir das 10h30, no Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), localizado no Centro de Juazeiro. A mostra é composta por 24 fotografias, que

Barquinhas, pessoas, cactos, comércio, ponte, carros, rio, cachoeira, chão de terra e céu azul. Essas são apenas algumas imagens que podemos contemplar na exposição “Novos olhares sobre o Semiárido juazeirense”, que terá início nesta quarta-feira (07), a partir das 10h30, no Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), localizado no Centro de Juazeiro. A mostra é composta por 24 fotografias, que revelam aspectos da zona urbana e

rural do Semiárido juazeirense, enfatizando as várias facetas do lugar. A exposição ficará em cartaz até o dia 10 de junho. A visitação é gratuita e poderá ser feita das 10h30 às 17h.

A mostra é resultado da oficina “Aprendendo a Olhar”, que discutiu temáticas como: Semiárido, representação social, educação contextualizada e fotografia com estudantes do ensino médio do CEHL. As fotografias expostas constroem outra representação do Semiárido, que foge do discurso reducionista que, por muitas vezes, descreve a região apenas como lugar rural onde a falta d’água é constante e a população miserável. A estudante Kathleen Teles que participou da oficina afirmou que conheceu melhor a região onde vive. “Aprendemos que o Semiárido pode ser

sim um lugar urbanizado, desenvolvido, com água e uma vegetação diversificada”, relatou.

A diretora do Colégio, Renata Martins destacou os benefícios que a oficina trouxe para os estudantes. “A realização da oficina melhorou a autoestima dos alunos. Eles tiveram a oportunidade de receber uma orientação e mostraram seus olhares através da fotografia. E, também se sentiram valorizados, isso fez com que aumentasse o senso de responsabilidade e respeito ao próximo”, finalizou.

A oficina faz parte do projeto de pesquisa “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”, desenvolvido pela mestrand Lorena Santiago e orientado pela professora doutora Carla Paiva, no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Esta pesquisa objetiva investigar as possibilidades do uso da fotografia como recurso didático, entre os estudantes de ensino médio do CEHL, para a construção de uma nova representação social do Semiárido juazeirense.

Por Lorena Santiago

Nome da mídia: Blog Quer saber política

Data de divulgação: 05 de junho de 2017

Link: <http://quersaberpolitica.com.br/2016/2017/06/05/exposicao-fotografica-retrata-novos-olhares-sobre-o-semiarido-juazeirense/>



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA RETRATA NOVOS OLHARES SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA RETRATA NOVOS OLHARES SOBRE O SEMIÁRIDO JUAZEIRENSE



Barquinhas, pessoas, cactos, comércio, ponte, carros, rio, cachoeira, chão de terra e céu azul. Essas são apenas algumas imagens que podemos contemplar na exposição “Novos olhares sobre o Semiárido Juazeirense”, que terá início quarta-feira (07), a partir das 10h30, no Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), localizado no Centro de Juazeiro.

A mostra é composta por 24 fotografias, que revelam aspectos da zona urbana e rural do Semiárido Juazeirense, enfatizando as várias facetas do lugar. A exposição ficará em cartaz até o dia 10 de junho. A visitação é gratuita e poderá ser feita das 10h30 às 17h.

A mostra é resultado da oficina “Aprendendo a Olhar”, que discutiu temáticas como: Semiárido, representação social, educação contextualizada e fotografia com estudantes do ensino médio do CEHL. As fotografias expostas constroem outra representação do Semiárido, que foge do discurso reducionista que, por muitas vezes, descreve a região apenas como lugar rural onde a falta d’água é constante e a população miserável. A estudante Kathleen Teles que participou da oficina afirmou que conheceu melhor a região onde vive: “Aprendemos que o Semiárido pode ser um lugar urbanizado, desenvolvido, com água e uma vegetação diversificada”, relatou.

A mostra é composta por 24 fotografias, que revelam aspectos da zona urbana e rural do Semiárido Juazeirense, enfatizando as várias facetas do lugar. A exposição ficará em cartaz até o dia 10 de junho. A visitação é gratuita e poderá ser feita das 10h30 às 17h.

A mostra é resultado da oficina “Aprendendo a Olhar”, que discutiu temáticas como: Semiárido, representação social, educação contextualizada e fotografia com estudantes do ensino médio do CEHL. As fotografias expostas constroem outra representação do Semiárido, que foge do discurso reducionista que, por muitas vezes, descreve a região apenas como lugar rural onde a falta d’água é constante e a população miserável. A estudante Kathleen Teles que participou da oficina afirmou que conheceu melhor a região onde vive. “Aprendemos que o Semiárido pode ser

Barquinhas, pessoas, cactos, comércio, ponte, carros, rio, cachoeira, chão de terra e céu azul. Essas são apenas algumas imagens que podemos contemplar na exposição “Novos olhares sobre o Semiárido Juazeirense”, que terá início quarta-feira (07), a partir das 10h30, no Colégio Estadual Hildete Lomanto (CEHL), localizado no Centro de Juazeiro.

A mostra é composta por 24 fotografias, que revelam aspectos da zona urbana e rural do Semiárido Juazeirense, enfatizando as várias facetas do lugar. A exposição ficará em cartaz até o dia 10 de junho. A visitação é gratuita e poderá ser feita das 10h30 às 17h.

sim um lugar urbanizado, desenvolvido, com água e uma vegetação diversificada”, relatou.

A diretora do Colégio, Renata Martins destacou os benefícios que a oficina trouxe para os estudantes. “A realização da oficina melhorou a autoestima dos alunos. Eles tiveram a oportunidade de receber uma orientação e mostraram seus olhares através da fotografia. E, também se sentiram valorizados, isso fez com que aumentasse o senso de responsabilidade e respeito ao próximo”, finalizou.

A oficina faz parte do projeto de pesquisa “Diferentes olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense”, desenvolvido pela mestranda Lorena Santiago e orientado pela professora doutora Carla Paiva, no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Esta pesquisa objetiva investigar as possibilidades do uso da fotografia como recurso didático, entre os estudantes de ensino médio do CEHL, para a construção de uma nova representação social do Semiárido juazeirense.

Lorena Santiago

Nome da mídia: Jornal da Manhã- TV São Francisco

Data de divulgação: 08 de junho de 2017

Link: <http://g1.globo.com/bahia/jornal-da-manha/videos/t/tv-sao-francisco/v/jm-tv-sao-francisco-080617/5925267/>



Nome da mídia: BA/TV São Francisco

Data de divulgação: 08 de junho de 2017

Link: <http://g1.globo.com/bahia/batv/videos/t/tv-sao-francisco/v/batv-tv-sao-francisco-08062017-bloco-3/5926975/:/g1.globo.com/bahia/batv/videos/t/tv-sao-francisco/v/batv-tv-sao-francisco-08062017-bloco-3/5926975/>

